
FLÁVIA SCHILLING



QUERIDA LIBERDADE

*Passado &
Presente* 18

global editora

3.^a EDIÇÃO

Flávia Schilling

Querida Liberdade

Seleção das cartas, tradução do espanhol
e notas explicativas de
CLAUDIA SCHILLING SANCHO

global editora

*Dedico este livrinho a
dom Paulo Evaristo Arns,
simbolizando nele todos
os que em nossa América
lutam pela causa dos direitos
humanos.*

Copyright © 1980
GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.

Foto da capa cedida gentilmente por ADOLFO
ALVES do Jornal Zero Hora de Porto Alegre.

CAPA: Carlos Clémen
COPYDESK: Nilza I. Silva
REVISÃO: Armandina Venâncio
COMPOSIÇÃO, MONTAGEM E FOTOLITO - EQUIPE GLOBAL:
Marcos Duarte, José Vilarinho e Carlos N. Couto

N.º DE CATÁLOGO — 1196

Direitos Reservados por

global editora e distribuidora ltda.

R. José Antonio Coelho, 814 - Cep 04011 - Fone: 549-3137
Caixa Postal 45329 - 01000 - V. Mariana - São Paulo - S.P.

IMPRESSO NA EDITORA PARMA
Rua da Várzea, 394 - São Paulo

Prefácio

Flávia, latinoamericana

Comecei a entender a tragédia uruguaia numa poltrona de cinema em Buenos Aires. Amigos argentinos nos levaram para assistir **Estado de Sítio**, o filme de Costa Gravas que focaliza a exportação do “Know-how” da repressão ao Uruguai via Estados Unidos da América e República Federativa do Brasil. A nossa anfitriã, diante da cena em que várias pessoas eram metralhadas, cobriu seu rosto e chorava baixinho. Explicou-nos mais tarde que duas das pessoas assassinadas pelos militares uruguaios naquela cena eram companheiros no movimento estudantil cristão na região de Mar del Plata.

Cenas assim repetir-se-iam mais tarde no Chile e na Argentina, com variadas graduações de aperfeiçoamento da tecnologia repressiva, numa desvirada escalada de barbárie a desmentir as tradições predominantemente cristãs dos países do Cone Sul da América.

Mas se no **Brasil** houve uma Igreja Católica que conseguiu voltar-se para os pobres e oprimidos após 468 anos de vinculação com o poder; se no **Chile** o Arcebispo de Santiago conseguiu, pelas peculiaridades da constituição daquele país, estabelecer uma Vicaria de la Solidaridad para socorrer os perseguidos e injustiçados; se na **Argentina** continuam atuantes várias entidades de denúncia das violações dos direitos humanos; se na **Bolívia** existem organizações de direitos humanos em nível nacional; e se até no **Paraguai** existe um Comitê Ecumênico de Igrejas que surgiu para cuidar dos problemas gerados por centenas de indiscriminadas prisões; como explicar, então, que na outrora “Suiça latinoamericana” não existia uma única entidade comprometida com a defesa dos direitos humanos?

A verdade é que - com a possível exceção do Haiti - não existe uma nação neste hemisfério onde a repressão tenha atingido uma proporção tão grande da população como no Uruguai: em cada 500 habitantes 1 tem sido vítima de alguma forma de repressão. Nenhum elemento tradicional da sociedade uruguaia - incluindo partidos e igrejas - conseguiu esboçar alguma resistência ou confrontação diante do militarismo monolítico que se instalou naquele país.

Quando conseguimos localizar no Chile duas pequenas crianças uruguaias que haviam sido sequestradas na Argentina numa ação conjunta de forças policiais uruguaias e argentinas, ficou por demais evidente que as populações do Cone Sul continuavam à mercê da famigerada doutrina de segurança nacional, onde os direitos da pessoa humana são devorados pela insaciabilidade de interesses econômicos alienígenas.

Já não se levantam dúvidas sobre a causa da proliferação de regimes militares repressivos nos países do Cone Sul. Na sanha desenvolvimentista se

busca atrair capital estrangeiro. Governos e multinacionais só aceitam investir onde haja clima político estável que garanta o retorno dos investimentos. Tal clima político estável só se consegue pela repressão policial-militar, onde as leis e regulamentos passam a servir os interesses dos investidores. Os maiores beneficiados desse clima político estável são as multi-e transnacionais. O povo é reprimido e silenciado a fim de que seu clamor por justiça não prejudique o retorno de investimentos e nem a expatriação de lucros.

“Os latinoamericanos advogam o reconhecimento do direito de auto-afirmação,” explicava o Cardeal Paulo Evaristo Arns ao Presidente Jimmy Carter na limousine a caminho do Galeão. E aduziu “Cada país tem o direito de lutar pelo controle dos seus próprios recursos humanos e naturais a favor do seu próprio povo, imitando o exemplo dos Estados Unidos da América que expulsaram os ingleses no dia 4 de julho de 1776.”

Há muito tempo, felizmente, já caiu no ridículo o conceito de que a luta pelo controle dos recursos brasileiros para o benefício do povo brasileiro seja uma pretensão marxista-comunista-maoísta ou outras que tais. Já não se tolera a hifenização de “nacionalista” com “comunista” como se as duas fossem sinônimas. A grandeza da pátria é o que há de mais puro e legítimo nas aspirações dos seus cidadãos.

No entanto, milhares de vítimas de tais aspirações nos países do Cone Sul choram ainda hoje os seus mortos, seus desaparecidos, seus encarcerados, seus torturados, seus deformados, seus refugiados e seus exilados. A enormidade monstruosa dessas tragédias levou a Organização das Nações Unidas (ONU), em data recente (08.03.80), a colocar **quatro** países do Cone Sul entre as nove nações do mundo que tem um “modelo constante de graves violações dos direitos humanos”.

A família de Paulo Schilling se coloca entre as vítimas de tais aspirações. De perseguidos passaram a exilados; de exilados a refugiados; de refugiados a anistiados, enfim, após 15 anos.

Mas nessa peregrinação permaneceram autênticos. Abertos ao diálogo, compartilharam uns com os outros suas idéias e aspirações. Uma das conseqüências foi o compromisso assumido por Flávia. Melhor atestado não poderia haver da identificação plena da família Schilling com o país hospedeiro e com as aspirações do seu povo. O apoio familiar subsequente serviu para enobrecer e aperfeiçoar os ideais dessa notável família.

O descaso do governo brasileiro pela cidadã Flávia Schilling já está registrado à página 78 de **Querida Família**: “...imediatamente após a prisão de Flávia, as autoridades uruguaias comunicaram a ocorrência ao consulado do Brasil; e voltaram a fazê-lo quando a setença condenatória foi prolatada. No entanto, nas duas oportunidades, os ofícios foram arquivados sem que nenhuma providência fosse tomada.”

Mas o povo, em admiráveis campanhas nacionais pela anistia, não esquecera Flávia. O Movimento Feminino Pela Anistia deu o toque inicial,

assumido em seguida pelo Comitê Brasileiro Pela Anistia (CBA). A campanha de arrecadação de fundos seguiram-se atos públicos, passeatas, caminhadas, debates, mesa-redondas, cartazes, cartões de natal, selos, abaixo-assinados, shows, camisetas, textos, mensagens, telegramas, cartas, painéis, pronunciamentos.

Pressionado, o governo brasileiro se manifestou finalmente, "depois de um longo e tenebroso inverno." Pelo inusitado precedente em termos de regimes militares, vale a pena registrar que um presidente brasileiro - reconhecendo ou não que a defesa dos direitos humanos transcende fronteiras geográficas, políticas, ideológicas e, até, de "soberania nacional" - se pôs a campo, mesmo de última hora, em prol da cidadã brasileira Flávia Schilling.

Porque não sonhar, por conseguinte, com as transformações que poderiam ocorrer no Uruguai, Argentina, Bolívia e Paraguai se o Brasil resolvesse mesmo imperialisticamente - aplicar uma política de direitos humanos nas suas relações com os países do Cone Sul?! Não seria esta a forma mais digna de honrar e dignificar a pátria no concerto das nações civilizadas? Nas palavras de Luiz Eduardo Greenhalgh, jovem e brilhante defensor dos direitos humanos: "Queremos que o Brasil, que exportou para países vizinhos seus métodos de tortura e repressão, recupere sua dignidade na defesa de seu território, no esclarecimento dos casos de brasileiros sequestrados e desaparecidos nos países do Cone Sul, e no esclarecimento de sequestros de estrangeiros aqui radicados."

Paulo, Ingeborg, Flávia, Cláudia, Valéria e Andréa Schilling - que sofreram na carne e no espírito as agruras do exílio - certamente diriam "amém" ao próximo passo esperado por todos os irmãos que encontram nas "aberturas" brasileiras motivos para aqui buscarem refúgio: que o governo brasileiro acabe com os decretos iníquos que impedem a radicação no Brasil dos que são perseguidos e oprimidos em outras pátrias.

Flávia chega amanhã! (14.04.80) Já se começa a ouvir um enorme suspiro coletivo nacional de alívio e de regozijo. É como se um parente de cada um de nós estivesse ressuscitando e voltando ao aconchego familiar.

Algumas pessoas, através da história, conseguiram recorrer às suas reservas morais, mesmo encarceradas, para produzirem páginas paradoxais de alento e de idealismo. Mescladas de ternura e humor, estas cartas de Flávia, embora censuradas por militares obtusos, não conseguem esconder a fibra da corajosa mulher brasileira, movida por entranhados ideais de liberdade e de justiça.

Flávia, solidária, cumpriu a pena de sua identificação com o povo uruguaio. Seu calvário já é motivação para que se lute a fim de que casos semelhantes não se repitam mais nem aqui e nem nos países vizinhos do Cone Sul. Pois em Flávia descobrimos que somos cada vez mais latinoamericanos.

13.04.80

Jaime Wriqth

QUERIDA
LIBERDADE

1972

HOSPITAL, DOMINGO, 10 DE DEZEMBRO DE 1972

Querida família:

Espero que recebam esta carta, que já sei que vai sair com uma letra horrível, e espero que possam entendê-la. Tenho muita saudade, morro de vontade de vê-los; se possível, mandem fotos. Imagino que as gurias (1) estão grandes e mando beijos especiais para elas. Espero que tenham ido bem nas aulas e que Valéria tenha muita sorte no exame de admissão. Façam muita praia por mim. Eu, nisso, fiquei frustrada: tinha intenções de me transformar em morena.

Por mim não se preocupem, tive muita sorte, a ferida não foi muito grave e estou melhorando. Nos primeiros dias, quem olhasse para mim morreria de riso: cheia de tubinhos por todos os lados. O soro pela perna, a respiração pelo caninho da traqueotomia, e tomando líquidos por um tubinho que tenho desde o nariz até o estômago. Agora já fecharam a traqueotomia e continuo apenas com os outros dois. O mais chato é que há dezesseis dias estou à base de líquidos (tenho a faringe ferida) e estou tão fraca que não me aguento. Imaginem: caminho da cama ao banheiro e quando me deito é como se tivesse estado fazendo ginástica uma hora sem parar.

Só depois de 20 dias vou comer alguma coisa pela boca. Vocês não imaginam que sofrimento é para mim a hora da comida dos outros: uma vontade de comer! Aqui me tratam muito bem, os médicos me atenderam genial. (...) O chato aqui é que não se tem nada que fazer, e os dias ficam muito compridos. Não pensem que me queixo. Muita gente está pior do que eu. (...)

Estava tão forte quando me feriram que não fiquei inconsciente em nenhum momento, até que me anestesiaram. E a gente pensa coisas tão estranhas. Em todo o caso, agora sou uma magra cadavérica. Emagreci muito. (...) Da minha cara, a única coisa que se vê (como podem imaginar) é o nariz. Desapareceram inclusive as bochechas. (...)

Vamos ver se não são preguiçosos e escrevem todos. Do meu Rubén (2) não tenho notícias e sinto muita saudade. É uma pena que não o tenham conhecido. Bom, espero que recebam esta carta e não se preocupem por mim. (...)

(1) Referência às irmãs menores, Valéria e Andréa.

(2) Referência a seu companheiro. Em geral chama-o de Magro.

HOSPITAL, DOMINGO, 17 DE DEZEMBRO DE 1972

Querida família:

Não imaginam como me alegrou e me deu forças a carta que recebi. Estou fazendo o impossível para me comportar bem, como é preciso saber se comportar nas circunstâncias em que estou vivendo. Confesso que me sinto fortíssima espiritualmente e trato de me situar diante de tudo. Recebi a encomenda quarta-feira, que aqui é chamada “o dia do choro”, porque todas as mulheres se derretem quando recebem carta. Eu prefiro guardar minhas lágrimas para as ocasiões tristes, e não para estas. Bem, meu estado de saúde é o seguinte: estou pesando (caiam duros! 45 quilos. Perdi nove quilos em 22 dias. Já tiraram todos os tubos e sondas e comecei a tomar líquidos pela boca.

Meu apelido é “empório da tosse”, pela quantidade de tosse que tenho quando engulo algo. O maior susto foi quando me tiraram o tubinho que tinha na perna. Eu estava convencida de que era pequeninho, mas quando começaram a puxar ia até o coração. Não sei quantos dias fico ainda aqui; estou começando a caminhar, mas me canso muito. (...) Estou falando um pouco mais claro, e pode ser que a voz fique um pouco mais baixa (e essa!), segundo o cirurgião, mas a verdade é que não estou entendendo nada. Teria que ver o dicionário. A bala destroçou a epiglote. Que é isso? Não tenho a menor idéia (3). Morro de vontade de estar com vocês e contar um montão de coisas, mas claro, é preciso esperar... Sabem uma coisa? Começo a gostar muito dos dias de chuva. Me analisei (!!!); deve ser porque aí a gente tem uma desculpa e se sente feliz por estar debaixo de um teto, sem se molhar. Que coisas a gente pensa quando está em cama! Eu, agora que ando sem vontade de fazer trabalhos manuais, tenho divagado tanto que vocês não imaginam. (...)

Outro dia me dei conta de que o Natal é na semana que vem, e que vai ser a primeira vez que passo longe de vocês. Só quero que não se amargurem nem se preocupem por mim, e que se divirtam. Posso não estar fisicamente com vocês, mas vou estar com o coração. (...) Quando estava com o tubo do soro, eu punha muitos enfeites nele, e os médicos brincavam comigo. Deve ser porque agora mais do que nunca gosto das coisas bonitas. (...)

Pai, nunca diga “tu és a mais... da família”, porque isso não é verdade; primeiro, porque às vezes me cago de medo e, segundo, porque todos vocês são exemplos de coragem, cada um na sua função. Em outra carta que não receberam eu contava como o Magro brincava comigo pelo meu apego a vocês e, apesar de nunca ter demonstrado, isto é muito real. (...)

Bom, beijos e abraços para todos, feliz Natal e (se não puder

escrever mais) feliz Ano Novo. Minhas festas não vão ser felizes, mas não vão ser pessimistas. Tchau! (...)

(3) *Válvula que obstrui a glote no momento da deglutição. A glote é a abertura da laringe, rodeada pelas cordas vocais.*

HOSPITAL, 24 DE DEZEMBRO

Bem, notícias da saúde: estou comendo purezinhos, sopinhas passadas no liquidificador, cremes... Ainda não coordeno bem na mastigação, mas como ando esfomeada, acabei engolindo alguma bolacha, com as devidas mordidas na língua, que continua tão desajeitada como a dona. Com a ajuda de um que outro dedo, tudo correu bem. Continuo magra como antes e acho que com pouca perspectiva de me recuperar rápido. Minha cara está vermelha, de novo. Mas vou ficar afônica (ando com uma voz toda sexy) por muito tempo. Também perdi a sensibilidade numa orelha (mas vou recuperar) e já estou com as feridas do pescoço descobertas. Fecharam muito bem. Ainda tusso muito quando como, mas o otorrino disse que as feridas internas estavam muito melhor. Quer dizer, me recupero, como não podia deixar de ser. Já tomo banho e tudo. Estou ofendíssima porque papai não me escreveu. **Não vale** (4). (...)

Valéria! De salto alto!!! Se te agarro te mato. 7,5 cm!!! Mas esta minha irmã tá ficando vaidosa, hein? Aqui todos a acharam muito bonita mas ela já deve saber muito bem que a beleza verdadeira é preciso levá-la por dentro e demonstrá-la nas atitudes diante dos outros e isto é o **único** que importa. Por exemplo: o meu Magro, ria quando eu dizia que a mãe era a mais bonita de todas, mas isto não é mentira, porque mamãe mostra sua beleza em cada atitude valente que tem, em cada sorriso de apoio, em cada esforço para não chorar e transmitir força aos filhos, não acham? E o papai igual, apesar da pança (ah! ah!). (...) Tive que interromper a carta para jantar, e depois de “umedecer” a sala toda com uma brilhante sopa de sêmola, morder a língua e me sufocar com raviólis, continuo com mais ânimo que nunca. Cláudia: recebi os cumprimentos da Sílvia, e não imaginas o alegrão. Fico contente que estejas trabalhando duro no comitê. Tua carta me levantou o ânimo. Deve ter sido telepatia! (...)

O que eu quero é que *toooda* a família — pai, mãe, irmãs e Jorge — me tenha confiança, assim como eu tenho em vocês. A verdade, verdade, é que daqui mesmo vou continuar lutando até o fim contra as

loucuras, os desânimos, os erros de conduta e deixar sempre uma semente de alegria, de confiança, de companheirismo, de dignidade e de retidão. É um exemplo e uma prova disso é esta noite de Natal cheia de foguetes que vou passar junto e da mesma maneira que muitos outros. E não vamos passar a noite de hoje “sós”, porque aqui a solidão não existe, e tampouco tristes, nem enlouquecidos, porque não vamos permitir a entrada da loucura e da tristeza nesta sala. E a piada e a música vão nos ajudar. (...)

A melhor forma de me ajudar é como até agora, Cláudia e Jorge lutando pelo seu lado, papai pelo seu, mamãe pelo seu, e as duas coelhas pelo seu lado, que eu vou continuar pelo meu. E tenho certeza de que o meu Magro está fazendo a mesma coisa pelo lado dele. (...)

(4) Também no Hospital Militar de Montevidéu a censura era eficiente...

1973

TERÇA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 1973 (5)

(...) Não contei como passamos as festas: o Natal no hospital foi, se não alegre, pelo menos solidário, fraternal. Eu tentei dormir a partir das 22h, mas à meia-noite me despertaram: comemos uns pedaços de pão doce e torrone que tínhamos conseguido de contrabando e fomos dormir só à uma. No Ano Novo senti muita saudade de vocês e a verdade é que estive meio triste.

(5) Escrita no Sexto Regimento de Cavalaria, na dura fase dos interrogatórios.

TERÇA-FEIRA, 23 DE JANEIRO DE 1973

(...) Eu estou bem. Acho que engordei um pouco, porque tenho mais bochechas que antes. Devo andar pelos 46 ou 47 quilos. Mas estou bem, não sinto mais tonturas e tenho um apetite feroz. Faz quase uma semana que vivo pensando nos horários de comida. O que mandaram caiu bem, só o que não chegou e desapareceu misteriosamente foi o abacaxi e a rapadura mas não importa. (...) O que mais acontece à gente, e acho que às vezes isso é péssimo, é divagar. Chegou um momento em que a gente está pensando em que vestido vai pôr

quando sair de novo para passear na *Rambla* (6) ou o que vai comer no primeiro café da manhã com seus seres queridos. Isto é ruim. É preciso tentar viver no presente, tirando do dia-a-dia tudo o que possa ser tirado, e não se perder num futuro que para quase todos nós é longínquo. (...)

(6) *Avenida Perimetral de Montevidéu, que percorre as margens do Prata.*

PUNTA RIELES(7), 12 DE FEVEREIRO DE 1973

Minha querida família:

Realmente, estas visitas a conta-gotas (8) vão me levar à loucura. É como dar um prato gostoso a um faminto só para cheirar, e enlouqueço tanto e fico tão nervosa que esqueço de tudo o que tinha para dizer-lhes e da metade das coisas que me disseram. Esta vez não observei o suficiente como estava mamãe: não consigo lembrar que vestido tinha. Se dão conta que barbaridade? Além disso, *la pucha* que sou meio emocional, e a verdade é que os olhos se encheram de lágrimas quando abracei vocês. E as mulherzinhas estão lindíssimas. Andréa parece uma modelo e Valéria elegantíssima com seu lindo corpo. Fico contente de que Andréa não tenha perdido seus olhos meio pícaros e seu sorriso de ratinha e Valéria seus lindos olhos graves. Mamãe me pareceu mais moça e papai mais grandão (deve ser eu que fiquei um pouco menor). Imagino a cara que eu devia ter; toda vermelha como um tomate.

Depois da visita, quando as mulheres começaram a me interrogar sobre o que falamos, tive que fazer um esforço infernal para poder contar alguma coisa. (...) Alegrei-me muito com a notícia de que o Magro, que me enlouquece, já está apoiado por vocês; vocês não imaginam o que isso significa para mim (ou melhor, imaginam, não?). Quando se está preso, os gestos de solidariedade chegam muito fundo na gente. Lembro também que quando saía da unidade para ir ao tribunal (no "camielo" (9), invejem-me por andar num veículo em que vocês nem imaginaram subir nunca), a única coisa que olhava era para as paredes, e a expressão das pessoas que me viam. Menos no dia em que me levaram junto com o Magro; aí fui olhando a sua *pelada* (10) todo o tempo. É compreensível, não acham? Imagino que lhes deve ter intrigado o assunto de que conversei bastante com o oficial que me deu o balaço. Esta é uma fofoca para conversar por muito tempo sem parar, porque foi uma experiência realmente interessante. Uma

relação que só se pode dar entre o captor e o capturado, ou entre o muito possível matador e uma ressuscitada graças à Medicina. O encontro não me produziu nem rejeição, nem trauma, mas sim, talvez porque o meu senso de humor e minha morbidez tiveram que se desenvolver a passos agigantados para estar ao nível de tudo o que se passou, aproveitei da melhor maneira possível o encontro. Quando o vi pela primeira vez não o reconheci, até que ele insistiu muito perguntando se eu tinha visto a cara de quem nos prendeu. Aí se juntaram as duas imagens na minha cabeça. A verdade é que até sorri, e só respondi que “era um homem muito parecido com você...” E ele também sorriu. E a coisa ficou por isso mesmo, depois conversamos muito sobre muitos temas. (...) Hoje tive duas horas de trabalho no jardim e não imaginam o que foi isso: na primeira meia-hora a coisa não teve problemas, na segunda eu já tirava terra de joelhos, com a pá; na terceira meia-hora, quase deitada e descansando cinco minutos a cada quatro pás de terra; e na quarta meia-hora, absolutamente nada. Na verdade, o nosso time no jardim não é nada brilhante: Inés Topolanski, que é magríssima, e eu, que em força e resistência valho por meio. Uma coisa que não pude superar é o medo dos bichos. Hoje travei uma batalha com um cascudo e confesso que não sei quem estava mais assustado. No quartel, aconteceu algo horrível relacionado com este tema. Um belo dia, quando vou deitar e pretendo fazer minhas necessidades, o que encontro no banheiro? Uma bonita e escorregadia rãzinha; entre o salto que eu dei quando a vi e o salto que deu a rã quando me viu, não houve muita diferença, e o pior é que eu não me animava nem sequer a matá-la, e morria de vergonha só de pensar em dizer a algum oficial que viesse matá-la; então cheguei a um acordo com a rã. Quando eu ia ao banheiro, ela se escondia atrás da caixa de água, e eu não tentava nada contra ela. E continuamos nesta “coexistência pacífica” até que numa linda noite de lua ela decidiu ir para o seu meio natural, e foi, por baixo da porta (meus aposentos eram com banheiro privado), com grande alívio da minha parte. Enquanto convivíamos, consolava-me pensando que pelo menos a rãzinha comia alguns dos mosquitos que nos invadiam ao entardecer. (...)

Gosto de fazer trabalho manual, porque é uma forma produtiva de descarregar os nervos. Há companheiras que descarregam esta tensão fazendo trabalhos manuais com a língua, mas como não gosto de conversar, prefiro por enquanto o crochê. Eu brinco com o Magro, nas cartas, dizendo que finalmente vai ter a mulher ideal: trabalha a terra, lava a roupa e os sapatos, costura, faz crochê, bichos, etc. (...)

(7) *Estabelecimento carcerário feminino, situado nos arredores de Montevideu.*

(8) *Referência à primeira visita familiar, conseguida somente dois meses e meio depois de sua prisão. No Hospital Militar (onde esteve durante um mês, inicialmente a um passo da morte) nem no Sexto Regimento havia sido possível um contato direto. A primeira visita foi de somente 15 minutos.*

(9) *Designação popular a um dos tipos de veículos utilizados pelas Forças Conjuntas do Uruguai.*

(10) *Cabeça raspada.*

PUNTA RIELES, 19 DE FEVEREIRO DE 1973

Minha querida família:

Dentro de uns dias completo três meses de cana. É incrível tudo o que aconteceu, tudo o que vivi, e como a minha vida mudou em tão pouco tempo. Comparando com o ritmo de vida das pessoas comuns, já devo andar pelos 50 anos pelo menos. Um exemplo de como se vive rápido é a Lucía Topolanski; está com o cabelo grisalho aos 28. Mas no ânimo é ao contrário; as companheiras que têm mais de 40 anos têm uma alegria e um dinamismo de 20. Na penitenciária a tarefa constante nossa era dar um objetivo a nossa existência, para não nos amargurarmos, porque se não a gente começa a pensar na nossa juventude que está sendo desperdiçada, na vida com nossos companheiros que se frustra, nos anos que teremos que passar nesta rotina medíocre, e se termina enlouquecendo. Então a gente se proíbe e leva sempre a um plano objetivo estes pensamentos, e justamente esta é outra das tarefas. E é incrível o trabalho que dá. Existe muita gente (principalmente os “leves”) que só pensa em sair, e os problemas de todo tipo que aparecem, desde moral até existencial, passando pelos psíquicos, não são muito numerosos mas existem. Existem e enchem a paciência. Ontem, por um mês, começou uma experiência que consiste em misturar gente mais “pesada” nos setores mais problematizados para ver o que acontece. Eu também entrei na mudança e se não enlouquecemos todas, vamos tirar alguma coisa a limpo, e isto aqui vai ser muito parecido a “Libertad” (11). Vão reagrupar as “perigosas” (que em todo o país não chegam a 30) e ficarão no edifício um total de 100; as outras e todas as que vêm do interior irão para barracões. Usaremos uniformes (desenhados por nós) e vão cortar o nosso cabelo sempre da mesma forma. Algumas

mulheres, que aqui vivem para o enfeite e a vaidade, já começaram a bater com o pé no chão, mas isso do uniforme é realmente muito bom; gastamos menos em roupa, e vão nos dar mais terra, quase um quilômetro, e vamos plantar batatas, vamos ter vaquinhas e porcos. O critério é estar preso mas com a maior liberdade possível. Hoje, por sinal, começaram a funcionar as oficinas; sobre isso, tudo o que possam conseguir em ferramentas e material será bem-vindo. As oficinas têm um tear, máquina de costura, couros, mosaico e estampado de tecido. Se conseguirem alguma coisa de ferramentas de chácara, pá, enxada, ancinho, etc., seria ótimo. Aqui se quebra quase uma ferramenta por dia porque em geral são velhas, e ruins e não sabemos usá-las. (...) É incrível que com todas as mudanças nas Forças Armadas continuem existindo redutos inexpugnáveis como o Sexto e outros poucos; vamos ver se algum dia eles tomam consciência (12). (...)

(11) *Referência ao presídio masculino. Apesar do nome, é certamente o estabelecimento carcerário mais sinistro da América Latina. Ver reportagem publicada pelo Coojornal, de Porto Alegre, de outubro de 1978*

(12) *Referência à tendência progressista observada entre setores das Forças Armadas uruguaias, especialmente a oficialidade jovem, notoriamente influenciada pela ideologia tupamara. Houve um momento em que as possibilidades de uma "alternativa peruanista" foram muito grandes.*

PUNTA RIELES, SEGUNDA-FEIRA, 5 DE MARÇO DE 1973

Família querida:

Atendendo ao dramático apelo da mamãe, violo as regras de escritura propostas e vou-me dedicar a escrever esta carta com letra clara. Não poderia suportar na minha consciência o peso de ser responsável pelo uso de óculos em toda a minha família. Ando enlouquecida: entre os nervos, na semana passada, e as cartas, as visitas, as idas ao tribunal... Não imaginam como foi a coisa, quarta-feira passada. Nós, como boas fofqueiras, ao menor ruído exterior íamos às janelas. E nesta gloriosa quarta-feira, que vejo? Um "camelo" do glorioso Sexto, e dentro do "camelo", uma pessoa parecida com o Magro da minha alma. O "camelo" pára, desce o homem e entra no edifício. Pouco depois me chamam. Como é de se supor, eu já estava à

beira do colapso. Desci e vi o meu amado ali, de pezinho e inteiro, menos pálido, outra vez com bigodes, ainda mais magro. Me agarrei a seu pescoço como sanguessuga e depois estivemos conversando por algum tempo com dois oficiais. Depois nos levaram ao tribunal e tivemos a sorte imensa de que não nos atendessem neste dia. Sabem que beleza? Mais de duas horas, sentada bem ao lado do Magro e conversando sem parar. Sabe, pai, que te vi na fila dos pacotes quando me levaram de Punta Rieles? Tu ias entrar bem naquele momento e ainda bem que não nos viste, porque ias te preocupar muito, inclusive porque Rúben estava encapuçado, na parte de trás. O Magro está muito bem e com muito ânimo. Se sente bastante isolado porque não tem com quem discutir, mas está inteiro, que é o que importa. Ruim mesmo é que ficou muito nervoso e de noite tem que tomar remédio para poder dormir. Está um pouco esgotado neste sentido, porque há três meses está continuamente na *máquina*, suportando a tensão da espera de um novo interrogatório, quem sabe de que nível, todos os dias. Agora está trabalhando com pá e picareta na construção de um polígono. (...)

Vocês sabem que das janelas da minha cela se vê chegar as visitas? Vocês atualmente já são conhecidos por toda a prisão. Quando vierem outra vez, o nosso pavilhão é aquele que aparece quando se atravessa os dois portões, no último; as duas últimas janelas. (...) Nós nos organizamos na distribuição da alimentação na cela: semana que vem é a vez de comprar meio quilo de cacau, 1/4 de quilo de bolacha malteada, meio quilo de queijo, meia dúzia de ovos e uma de frutas e verdura à vontade. (...) E nada mais! Porque é politicamente desagradável que continuemos com as comilanças que temos feito até agora. A única coisa que reivindico, porque no ano passado não tive, é um bolo grande da mamãe para os meus 20 anos, tá? De chocolate. (...)

P. RIELES, SEGUNDA-FEIRA, 12 DE MARÇO DE 1973

(...) Somos 56 neste setor, divididas em quatro celas com 14 mulheres cada uma, em sete beliches. Estamos muito amontoadas. Temos quatro banheiros e duas duchas que não funcionam, porque quase nunca há água. Na minha cela, só há duas “MLN” com plena militância, duas “FRT”, uma “22 de dezembro”, uma “ROE” (13) e as outras todas periféricas. Temos uma ex-freira e, como podem

imaginar, já fizemos o respectivo interrogatório sobre se as freiras cortam o cabelo (não), se usam calções compridos (sim), etc. Outro dia, tivemos visita de personalidades; Chiappe e Cristi (14). Que horror! (...) Quer dizer que vocês foram ao desfile de carnaval? Nós, sábado passado, fizemos um grande baile de carnaval. Foi de morrer de rir, mas temos algumas boas artistas no nosso setor, cantoras e violeiras. Hoje, a partir das 18 h, temos o aniversário de uma guria da FRT, com violão a todo vapor. (...)

(13) *Diferentes organizações revolucionárias do Uruguai, na época.*

(14) *Referência a dois generais de ultradireita.*

P. RIELES, SEGUNDA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 1973

Querida família:

Sabem como se conta o tempo na prisão? A data mais importante é, logicamente, a da queda: dia “zero” de uma nova era da nossa vida. Eu, por exemplo, não estou na segunda-feira, 19 de março, mas a quase quatro meses da noite de 24 de novembro, o dia mais violento e dramático da minha vida. Nossa semana começa no dia da chegada dos pacotes e cartas (quarta-feira). Neste dia recebemos o “ânimo” de fora que nos permite agüentar até a outra quarta-feira. São dias em que, entre outras coisas, se preenche um pouco do vazio afetivo que todas temos. Os dias mais importantes são os de visita. Nas 24 horas de cada dia, a situação varia; para algumas, a granja é o melhor; para outras, a comida; para outras, a hora de dormir (um dia a menos de prisão!); para outras, a hora da conversa em comum. Isto que estou dizendo vale como regra geral. Sempre há as honrosas exceções. Quando estava no calabouço, como além de tudo não tinha relógio, o mais importante era a comida, e depois da janta começava a situação mais importante de cada dia, que era a espera dos interrogadores. Depois de terminado o interrogatório, a espera *daquilo* (que no meu caso nunca chegou, graças a Deus e a Cristi (15)). Isso se reflete no dia-a-dia de muitas gurias. Vivem para fazer presentinhos para todos os amigos e parentes imagináveis, e juntando assunto de todos os lados (inclusive os livros e com ajuda das demais) para encher as cartas. As cartas para os companheiros são incríveis. Geralmente não sabem o que pôr e terminam transcrevendo poemas para encher a folha ou então enchem com milhares de *te amo*, com várias cores e formatos de

letras. Que falta de comunicação mais atroz! Todas aqui ficam admiradas pela abundância de temas que nós sempre temos. Não poderia ser de outra forma, não acham?

Fiquei muito contente com a última visita. Conseguimos conversar muito e estava muito bom. É incrível como ando sensível. Teria começado a chorar com a maior naturalidade do mundo só por tê-los visto. A mesma coisa me acontece com o Magro. A primeira vez que o vi encapuçado foi como se me estivessem dando pontapés no fígado. E um monte de vezes, quando estava conversando com ele, olhava-o e me derretia, e tinha que fazer uma força horrível para não abrir o berreiro. Sabe, mamãe, na primeira vez que o trouxeram aqui e que depois fomos ao tribunal, a surpresa foi tanta que nem me penteiei e descí toda suja, com chinelos, calça Lee e um casquinho todo feio. Mas posso te garantir que o Magro não deu atenção a isso. Ele, como sabia que vinha, pôs uma camisa limpa, bem barbeadinho, sapatos lustrados... estava tão gostoso! Papai, sabes que eu não queria que tu nos visses porque ias te preocupar muito, e tinha até vontade de me atirar no chão do “camelo”? E estivemos ali parados na casinha branca pelo menos 5 minutos. (...)

Uma coisa que conversávamos outro dia: neste momento a opinião do preso passou a um plano principal, porque estamos convivendo e conhecemos a fundo (como ninguém) os protagonistas que estão na vanguarda do processo uruguaio. Não poderá faltar a globalidade da situação política, mas no ponto relativo ao Exército, o que colocamos tem que ser respeitado. Inclusive porque vivemos de perto o processo (aparentemente contraditório) dos nossos torturadores chegarem a ter neste momento uma só idéia na cabeça: mudar o país. E como nós também procuramos a mudança deixamos os rótulos de lado e apoiamos, no que pudermos, a todos os honestos e bem-intencionados, sejam do grupo, organização ou força que forem. E vamos pra diante (16).

(15) Referência ao general Esteban Cristi e à tortura, prática rotineira nos quartéis uruguaiois. Na primeira etapa dos interrogatórios. Flávia ficou a salvo da tortura devido a seu estado conçaescente. Posteriormente, quando era transportada de um quartel para outro, foi torturada no IV e no VI Regimentos de Cavalaria.

(16) Esta euforia, generalizada entre os tupamaros presos, se inspirava na já mencionada tendência peruana dos oficiais jovens. Num dado momento, a sintonia entre a direção do MLN (na prisão) e setores da oficialidade chegou a concretizar-se em planos comuns, como o projeto do porto de águas profundas de La Paloma, elaborado por engenheiros tupamaros e divulgado por “Mate Amargo”, publicação que refletia o

pensamento dos oficiais progressistas. A tendência progressista foi finalmente derrotada e o regime militar uruguaio se transformou no mais repressivo da América Latina.

SEGUNDA-FEIRA, 26 DE MARÇO DE 1973

(...) Quando o inverno estiver mais avançado teremos que sair para o recreio e para a **granja** amarradas com correntes para não sair voando. Situação que seria muito inconveniente, porque se poderia confundir com algum novo método de fuga da “organização delitiva que assola nosso país”. Além disso, acho que vou-me inclinar rapidamente pela doutrina hippie. Tomar banho nos nossos banheiros que nem portas têm, será tarefa reservada às masoquistas e estóicas que sempre existem. Minha coragem e meu espírito de sacrifício não chegam a tanto. Aqui entre mulheres estamos cultivando a bruxaria e a astrologia para saber o que vai acontecer neste lindo país. Um fato muito significativo para mim (que esqueci de comentar com o Magro, que é muito ligado às predições), é que, e atenção-atenção para a feliz nova: serei mãe de dois guris e uma linda menina! Fato muito significativo se levamos em conta duas coisas: a concepção pela via do Espírito Santo está em desuso há quase 2.000 anos; e depois dos 45 anos já é difícil procriar. Quer dizer que tiramos como conclusão que não vou passar toda a vida em cana. Bárbaro, não acham? Enquanto não chega o feliz momento do reencontro com a “civilização”, gasto minhas energias reproduzindo lânguidas minhocas a golpes de enxada. Uma fase de uma guria que merece ser reproduzida: “As alfacezinhas parecem rosas!” Mas falando sério: andam mesmo muito bonitas, enormes e arrepolhadas. Estamos saindo dia sim, dia não, duas horas por vez. Meu horário, durante todo o mês, é das 14 às 16 horas; quer dizer que depois do almoço pensem na filha transviada produzindo com o suor do rosto e para o bem da prisão (17). (...)

(17) O entusiasmo pelos trabalhos era justificado: aumentava a esperança de que se concretizasse uma aliança entre a oficialidade jovem e os tupamaros para construir um novo Uruguai. Posteriormente, à medida em que os setores ultradireitistas se consolidaram no poder, o trabalho passou a ser considerado como um castigo, uma penitência. Atualmente, o trabalho forçado é uma das características do campo de concentração de Punta Rieles.

6/4/73

Meus queridos:

Vamos de mal a pior aqui na Punta. Ontem foram os primeiros ataques de histeria. Sabem o que é a histeria coletiva? Começa uma, continua a outra, e outra, e depois ficam todas tão nervosas que só por casualidade não nos agarramos a tapas. Estão nos bombardeando com regulamentos e uma série de coisas para amarrar-nos e oprimir-nos cada vez mais. Papai: rasgaram (!) tua carta porque parece que riscar dá trabalho de mais. (...) Escrevam tudo de novo o que me queriam dizer, etc. Pai, não deposita dinheiro. Tira o que já depositaste, porque ninguém sabe para que é este dinheiro e já seria o cúmulo que vocês estejam pagando com grana a nossa "estadia". Eu não preciso de cigarros e como não pode entrar fruta, (...) Já não deixam entrar jornais, nem nada. Nem pensar em livros "políticos". (...)

12/4/73

Família querida:

Enfim recebi uma carta inteira de vocês. Fazia duas semanas que recebia pedaços de cartas. Eu escrevi quarta-feira passada. Exijam sempre carta e pacote, porque eu *sempre* vou mandar. (...) Já recebi três cartas do Magro. Está bem, numa cela com outro. Anda muito nostálgico e romântico, mas bem. Está com a cabeça raspada, sem bigode e com um uniforme cor de cinza horrível que usam. Diz que parece ter 20 anos de novo. Última notícia: acabam de encontrar um rato na minha cela. A partir de hoje durmo no corredor: era a última coisa que faltava. (...) Papai, já não se pode dizer "companheiras"! É preciso dizer amigas, ou reclusas, ou detidas. Eu, por exemplo, passei a ser concubina (com grande horror da minha parte, porque soa péssimo) do Magrinho. (...)

P. RIELES, 29 DE ABRIL DE 1973

Alô família!

Finalmente voltei ao lar doce lar. Estragaram o meu aniversário, hein? Não pude comer nem um pedacinho do bolo da mãe (18) — mas não importa, na próxima vez me desforro por todos os aniversários que não pude festejar. Estou muito bem, tá? Antes que me levassem,

recebi montes de presentinhos bonitos, entre eles um babei-ro que diz “sô das companheira”. Um babei-ro pelos 20 anos; bonito, não? Quem está caído é o Magro. Merece todo o apoio do mundo. Conto com vocês para isso. Consegui dar-lhe três beijos. Vejam só! Vou pedir para receber visita de vocês este sábado. Tomara que autorizem. Beijo vocês com carinho,

Fla.

Gostei muito do pijama e do cartão: maravilha! Tchau!

(18) Coincidindo com seu aniversário, Flávia foi retirada de Punta Rieles e levada — junto com seu companheiro, Magro, para o comando do Primeiro Corpo do Exército, onde teve lugar mais uma etapa de “interrogatório duro”. Na carta seguinte ela relata parcialmente — no que a censura permitiu — essa nova experiência. Está orgulhosa por não haver “afrouxado”, de ter-se comportado com dignidade, saindo íntegra da prova de força.

3/5/73

Queridos:

Não imaginam (ainda que pareça estranho) como me sinto enriquecida depois da experiência que vivi nos dias que passei fora do “lar”. Não pensem que sou masoquista, nem nada parecido. Me levaram (precisamente) dia 26, ao meio-dia, e voltei dia 29 de tarde. Nervosa e cansada, mas com uma moral e um ânimo nas nuvens. É bom de vez em quando voltar a enfrentar o medo, a insegurança, a pressão, para ver se a gente está realmente firme ou não. E sair vitorioso é uma grande alegria. Nada mais glorioso que a paz com a própria consciência: manter-se firme com seus princípios. E desta vez com um elemento a mais, que até aqui tinha-me colocado muitas vezes e que temia, mas que está superado: agüentar tudo com o Magro na minha frente e como elemento de pressão que eles controlam muito bem. E em vez de diminuir-nos fomos apoio mútuo, confiança mútua e fortaleza. Os olhares furtivos por baixo do capuz estão gravados para toda a vida. Me enriqueci pessoalmente, na minha relação com Rubén, e na minha relação com “eles”. Recebi a carta de vocês e me emocionei muito com a do papai. Como poderia falhar com vocês? Prefiro morrer a não corresponder a vocês na altura que merecem, que não corresponder a toda essa confiança generosa que me deram as gurias, o Magro. (...)

P. RIELES, 10/MAIO/73

Meus queridos:

E aqui estou, beirando os seis meses, tratando de aproveitá-los o máximo possível, tratando de me organizar e assimilar a vida da prisão, mas sempre com a metade da cabeça e do coração atentos ao que acontece aí fora. Fui ao hospital, passei bastante pela cidade (é incrível a quantidade de velhos nas ruas, sinal de que a maioria dos que têm 20 e poucos anos está atrás das grades). (...) Aqui todos os dias os esquemas da gente são destruídos, e a flexibilidade, a amplitude e a retidão têm que primar necessariamente na nossa conduta, sob pena de se cair na loucura e na angústia. Mais do que nunca é preciso ter bem claro o que disse Fucik: "Vivemos para a alegria, pela alegria fomos ao combate e por ela morremos; que a tristeza nunca se misture com o nosso nome" (19) Tomara que algum dia possamos dar esta experiência em forma positiva para a sociedade. (...)

(19) Referência ao livro de Julius Fucik, "Testamento sob a Força".

P. RIELES, 17 DE MAIO DE 1973

Querida família:

E aqui estou; mais uma semana que passou nesta nossa vidinha de prisão sem acontecimentos. Recuperada de um ataque de asma fortíssimo, que me deixou três dias de cama, ao melhor estilo de quando tinha 14 anos. (...) Quando fiquei boa comecei a pensar e cheguei à conclusão de que quando se está preso surge uma espécie de preguiça mental que vai invadindo a gente, pouco a pouco, sem que se dê conta. Começa a se manifestar por pequenas perdas de memória, e depois quando a gente prefere ficar costurando ou brincando com as outras e não agarrar um livro. Isto no meu caso se agrava pela minha dificuldade em falar; às vezes a minha língua se atrapalha e articulo as palavras com dificuldade, o que limita a minha capacidade de expressão e, quase por reflexo, me deixa um pouco mais lenta nas análises, etc. Por isso decidi ler continuamente. (...)

31 DE MAIO DE 73

Família querida:

Oi! Hoje escrevo enquanto se comemora o aniversário de uma guria (27 anos, mas pela altura dela dizemos que está fazendo 7), o que prejudica bastante a minha concentração para escrever. Daqui a pouco vamos ter canções típicas bem a nossa moda. Como podem imaginar, fiquem sabendo que as músicas do outro dia foram cantadas em português especialmente para a família Schilling, a mais popular da prisão. Quando vocês chegam, a agitação no setor é geral. As más línguas já começaram a dizer que o papai está engordando e que um escritor com pança não é romântico (!!!) (...)

— — — — —

*Neste ponto, junho de 1973, Flávia foi retirada do presídio de Punta Rieles e levada para sucessivos quartéis, com oito companheiras. Era considerada como uma das **perigosas**, segundo um critério de escolha dos mais absurdos. Foram punidas todas as que haviam sido feridas no momento da prisão e que apresentavam seqüelas — em quase todos os casos, graves — dos ferimentos; ou seja, exatamente aquelas que necessitavam de uma maior assistência médica.*

A tremenda experiência se prolongou por mais de três anos. Regime de calabouço, incomunicação total, humilhações e provocações de todo o tipo (inclusive, em duas oportunidades, tremendos castigos corporais), transferências constantes e sem prévio aviso de um quartel para outro, faziam parte de todo um plano traçado pelos psicólogos a serviço do regime militar uruguaio, cujo propósito era levar ao aniquilamento psíquico os presos considerados “irrecuperáveis”. Devido a este tratamento desumano, cerca de metade dos presos da penitenciária de “Libertad” (aproximadamente dois mil) sofrem graves transtornos mentais. Além disso, Flávia e suas companheiras (como os dirigentes tupamaros presos) eram considerados reféns a serem executados no caso de algum atentado contra oficiais das forças armadas. Isso ficou comprovado quando o

coronel Ramón Trabal foi assassinado em Paris por um falso "Comando Raúl Sendic". Hoje tem-se como certo que Trabal foi morto pelos próprios serviços de segurança uruguaios, porque havia evoluído para uma posição peruana, tendo inclusive estado clandestinamente na cidade de Lima. Segundo tudo indica, seus executores foram os mesmos que mataram, em Buenos Aires, os senadores Zelmar Michelini e Gutierrez Ruiz, além de vários militantes tupamaros. É possível também que esteja vinculada a este episódio a destituição e prisão do general Amaury Prantl, chefe dos serviços de inteligência, que ocorreu há vários meses sem ter sido divulgada no Uruguai.

Durante três semanas, Flávia e outra presa, Alba Antúnez, foram submetidas a tremendos castigos corporais e psicológicos no IV Regimento de Cavalaria. Torturas, espancamentos coletivos dos quais participaram vários oficiais em cada oportunidade, fuzilamentos simulados, etc.

FLORIDA, QUARTA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 73

Querida família:

Estou bem — bem cansada, como podem imaginar. Tenho um milhão de coisas para contar, porque na carta anterior, achando que não iam recebê-la, fiz só uma divulgação. Nos levaram de Punta, quarta-feira dia 20, com destino ignorado. Com a amabilidade que caracteriza o estabelecimento, não houve uma palavra de despedida. Fizeram uma ficha e pensei: "Zás! Transferência". Depois, a ficha médica. E me fizeram aprontar todas as coisas. Os chefes, naturalmente, nem apareceram aquela manhã. Deviam estar com medo de um amotinamento, ou coisa parecida. E lá fomos as vítimas da neurose da Punta: primeiro, Alba Antúnez (minha irmã!) e Estela Sánchez; depois Jessie Macchi e Grazia Dri por um lado, e Cristina Cabrera e eu por outro; finalmente, Raquel Dupont e Elena Curbelo. Deve ter havido outro grupo com a Lucía Topolanski no lugar de honra. Era a máfia completa. Parece que para justificar a medida, fizeram correr o boato de que planejávamos uma fuga. Coisinha de nada, o boato, hein? As gurias literalmente subiam pelas paredes. Quando fomos levadas, naturalmente, toda Punta Rieles estava nas janelas. Mares de lágrimas. (...) E aqui estou. O calabouço é pequeno, calculo que 1,5m por 2,5m. Tenho uma cama, um armário pequeno que serve de mesa, e uma cadeira. Há espaço para caminhar (cinco

passos, ida e volta, cinco pasos). As paredes estão pintadas de azul, teto branco, uma janelinha com oito vidros pequenos, cobertos com tinta branca, pelos quais brinco de adivinhar como está o dia, que cor terá o céu. Por um dos vidros, vejo uma árvore. Acho que quando sair vou sentir terror aos espaços abertos e às multidões (se continuo muito tempo aqui). Não temos recreio, e só saímos do isolamento para ir ao banheiro. Tomamos banho uma vez por semana, porque aqui não há água quente e é preciso levar-nos à enfermaria. Nunca vejo a Cristina. Para não esquecer minha voz, canto, porque o que falamos com os carcereiros se reduz a “preciso passar ao banheiro”, “obrigada”, “apague a luz”, etc. (...) Os imbecis da Punta (parece que estou meio sensibilizada com eles, não?) apreenderam justamente a carta mais importante. E só para encher o saco, *of course*. Nela eu falava do namorado de uma companheira, Luzardo, morto depois de 10 meses de luta. Foi chorado por toda Punta Rieles. Mas estava em todas aquela sensação de que era um morto não-morto, que só havia desaparecido fisicamente, porque o que ele foi está mais vivo do que nunca. Algum dia vou-lhes contar muitas coisas sobre ele. Um companheiro: um *tupa*. E dizia na carta que a semana que havia passado tinha sido dura: dois mortos. Um, morto fisicamente; outro morto moralmente. E é este último que está realmente morto. O outro só nos deixou. Dizia que não estava triste por mim, porque tivesse perdido meu companheiro, porque estivesse sozinha (porque não estava sozinha, nem estou). Além disso, eu estou inteira, não me quebrei, só obedeço à minha própria cabeça e meu coração. Estou definitivamente melhor e mais firme do que nunca. Só estou é muito triste porque não pode haver nada mais doloroso do que ver um homem, que poderia ter sido um homem, perder de tal forma o respeito por si mesmo. Transformar-se de tal modo num individualista outra vez, depois de uma prática solidária de vários anos. A solidação atual do Magro (se realmente aconteceu o que imaginamos) deve ser esmagadora. Não só me perdeu, e a seus companheiros, mas se perdeu a si mesmo, e isto me deixa chorando. E de toda esta reflexão, veio o que pus para vocês na minha última carta. Não me endureci: vejo as coisas como são e as enfrento. Me acompanho a mim mesma por meio de análise e trato de mastigar e aproveitar *todas* as experiências vividas. O que aconteceu com o Magro foi a prova de força mais dura que tive desde aquele momento, às nove e vinte e cinco da noite, em que um senhor à paisana, moreno, de bigode à mexicana, tirou seu P38 e disse: “Contra a parede, braços levantados”. Isso porque, como vocês diziam, um companheiro é o melhor apoio que temos nas horas

diffíceis. Quando insistiam para que falasse, sempre pensava a mesma coisa: “O Magro, vocês, a organização, eu, todos me depositaram confiança, e não posso falhar” (20) (...)

Desde 27 de junho escuto marchas militares o dia todo, como na guerra de fevereiro. Vamos ver se comentam alguma coisa sobre isso. Sei que há problemas com o poder legislativo. Não sei como terminou este capítulo da emocionante novela “Cristi e Bordaberry: seus ódios e seus amores”. (21) (...)

(20) Esta dramática explosão de Flávia ocorreu ao saber que o Magro havia “afrouxado”, cedendo diante dos seus torturadores. Sua resistência estava vencida, depois de meio ano de torturas permanentes. O duro julgamento inicial de Flávia se tornou mais moderado, posteriormente, ao saber das terríveis condições em que se deu a capitulação de Rubén.

(21) O exército havia tomado o poder seis dias antes, fechando o Congresso e transformando o presidente Juan María Bordaberry numa figura meramente decorativa.

QUARTA, 11 DE JULHO DE 73

Hoje estou dispersa para escrever, porque faz três dias que há gente nova por aqui. Estão de pé, e a cada momento recebem ordens, ou de levantar os braços, ou de abrir mais as pernas, ou abaixar bem o capuz, etc. Isso não cria, digamos, um ambiente inspirador para escrever coisas bonitas em cartas lindas. Não acham? (22) (...) Ontem morria de riso lembrando de uma coisa realmente interessante e digna de se analisar: a relação que nasce entre interrogador e interrogado. Se vocês leram “J’Aven” entenderão logo a colocação. Geralmente, há um oficial destinado para cada preso. No Sexto eram “equipes” de interrogadores que faziam rodízio a cada semana: equipes mais “duras”, mais “moles”, etc. Aqui, cada oficial se especializa num preso, em procurar seu ponto fraco. Isso é mútuo: o preso também procura o ponto débil do seu torturador, e em poucas horas se cria uma relação de dependência entre um e outro. O preso fica angustiado e inseguro quando muda de torturador. Cria-se uma relação de simpatia, no sentido grego da palavra (viram que culta?), de sentir junto, de sofrer um com o outro. No meu caso isso aconteceu; e de uma maneira muito mais clara com o que me deu o balaço. Por parte dele, uma

necessidade imperiosa de me contar o que havia sentido, o que havia pensado, que reação teve. E saber como havia ficado eu, também o que havia sentido, por que havia atirado a bolsa na sua cara. Na Região (23) a mesma coisa. De início me disseram que o encarregado de me interrogar era o “Negro” e o jogo já começou aí. Ficava com raiva quando outro se metia no meu interrogatório, e o mesmo acontecia com ele. Me sentia pior ainda num interrogatório quando falava o Negro, mas havia outros seis escutando. Inclusive porque quebrar as perguntas e conversar fiado com um só é mais fácil do que com três, quatro ou seis. Ainda que a palavra pareça estranha, existe mais “intimidade”, o que humaniza um pouco a situação, personaliza. Cria uma sensação de segurança. Em seguida a gente percebe a forma de ser do outro e não há grande margem de surpresa. (...)

(22) Referência a uma das torturas no quartel. O “plantão”, que consiste em deixar os presos de pé durante horas ou dias, com as pernas abertas e os braços levantados. Os ruídos do “plantão” chegavam até o calabouço de Flávia e se transformavam numa tortura adicional para ela.

(23) O comando da Primeira Região Militar.

QUARTA, 18 DE JULHO DE 1973

(...) Escrevo entre um espirro e outro. Não é resfriado, mas uma estranha alergia. Uma média diária de três lenços reflete, cabalmente, a intensidade do fenômeno. A causa — o fator que o determina — é o calabouço, porque basta sair daqui (para ir ao banheiro, claro) para que desapareça imediatamente. Deve ser a forma psicossomática que encontro para descarregar as tensões. Ainda não a tinha descoberto. Na Punta havíamos visto todo tipo de descargas: desde o clássico ataque de histeria (ver Freud), da angústia oral (comer), a queda do cabelo, os ataques de caspa, até as manias de fazer presentes (todo mundo fazendo trabalhos manuais: isto também era uma forma de evasão). Minha asma, muitas vezes, se deve a isso. Dias depois do episódio do Magro, eles levaram a negra Alba. Fiquei com tanta raiva que não bastou agredir fisicamente a todo e qualquer guarda que estivesse ao meu alcance. Veio o ataque de asma. (...)

P.S. Mandaram a minha cruz para o Magro?

19 DE SETEMBRO/73

Querida família.

E aqui estou, estreando um novo lar uma semana antes da data prevista. Cheguei na noite passada, sozinha, porque me separaram da minha irmãzinha Cristina. Aqui estou com minha companheira do B, Alba. Ainda bem que tenho pais que se ocupam de mim, porque aqui faz um frio terrível e de noite goteja umidade do teto. Mas felizmente temos duas horas de recreio por dia. As visitas são aos domingos. (...) Achei que vocês estavam ótimos na última visita, todos muito bonitos e a Andréa toda linda com suas calças escocesas e a japona de Buenos Aires. Cresceu como louca. Já é toda uma dama. Mas estava muito séria. O que aconteceu? Não gostaste de me ver com as algemas? (24). Tu sabes que nada disso nos atinge e que na verdade somos mais livres do que a maioria das pessoas, porque estamos livres da maioria das correntes que asfixiam o homem, e fizemos tudo o que nos ditou o coração. (...)

(24) Em alguns quartéis Flávia vinha algemada para as visitas. Uma forma adicional de tortura e intimidação.

26 DE SETEMBRO DE 73

Feliz aniversário!! Viste que precisão, mãe? Justamente hoje vou poder mandar meu presente, que *para variar* não saiu como eu queria, mas foi feito com o coração, e junto com ele vão beijos e abraços especiais para ti. Desculpa se não saiu muito bem-cuidado. Não tinha nem uma boa tesoura, nem lápis, nem régua, nem mesa para apoiar o couro direito. (...) O que aconteceu na vez passada para que nos dessem só vinte minutos? A verdade é que fiquei furiosa pensando no que tiveram que gastar e no que se cansaram para chegar até aqui e só ter estes minutos que não adiantaram nada. Isso não quer dizer que trinta minutos seja muito mais, mas, pelo menos, se o regulamento diz trinta minutos de visita a cada 15 dias, que sejam trinta. Para mim, só vê-los, ainda que seja de longe, já me dá uma alegria bárbara, mas mesmo assim 10 minutos com os seres que se ama - quando já se está com 10 meses de prisão e é preciso agüentar uma monotonia de 24 horas em um calabouço — são um tesouro. (...) Papai estava muito

sério, calado, triste. Então começo a pensar: será cansaço? Se sente mal? Problemas? Está brabo? Ou amargurado? E, naturalmente, nunca chego à conclusão alguma. Só posso me perguntar por que estaria amargurado meu pai se ele sempre fez o que lhe ditou seu ideal, se sempre foi honesto e, claro, com erros como todos, pôs o seu grão de areia, ou o seu tijolo, melhor, no edifício do novo mundo? (...).

3/10/73

(...) Incrível como já pesam os meses de calabouço. O primeiro mês não é nada; no segundo a gente começa a se perguntar, “afinal, até quando?”; no terceiro se torce o nariz, e no quarto, há dias em que não se consegue suportar o calabouço e se suspira a cada 15 minutos e é assim que começa a loucura. A rotina é algo esmagador. Morro de riso quando lembro o que dizíamos eu e a negra Alba, lá em Punta; queríamos (de brincadeira, claro) ainda que fosse por um dia, poder entrar em crise como qualquer outra, fazer idiotices todo o dia, e que nos levassem tudo na cama, e não falar, nem pensar em política e problemas, nada. Isso porque lá sempre tudo foi muito movimentado e tínhamos a desgraça de ter cartaz (ou seja, a fama de ser meio *quadro* ou coisa parecida), o que nos obrigava a nos comportar, a pensar no que dizíamos, a não dar mancadas. Algum dia vou contar tudo isso para vocês. É de morrer de riso. E aqui, que temos todo o tempo do mundo para não fazer nada, nos desesperamos querendo ter alguma coisa em que pensar e temos que ser fortes para não nos deixar levar pela saudade de sentir “o canto dos pássaros e o murmúrio dos ventos nas árvores”... Me lembro daquela frase, “lição de cadeia fica, e cadeia deixa mancha”, e já me imagino — se algum dia sair daqui — odiando viver entre quatro paredes, adorando o campo, o mar, a multidão, a indisciplina, a Coca-Cola e o sorvete, as saias, a música, as flores; e odiando os gritos, o rufar dos tambores, a cor cinzenta, o arroz-com-batata. Gostaria de poder escrever uma carta de 15 folhas, ainda que ninguém a lesse; e de ter segredos outra vez, tomar banho três vezes por dia, e muitas outras coisas. (...)

17/10/73

Oi!

Estou bem. Ando como o Felipe, da Mafalda, (26) angustiando-me

antes do tempo pela perspectiva de transferência. Não sei se teremos visita este domingo, nem se ainda estarei aqui. PQP! Meu espírito de aventuras e minha ânsia de conhecer novos lugares devem ter ficado perdidos em algum lugar... (...) A última carta de vocês me deu tanta raiva que quase tive um infarto de miocárdio. Tinham rebentado ela pela metade. Só pude ler um pedaço da carta da Cláudia, outro de Valéria e Andréa e parte da de mamãe. Parece que ainda não descobriram o método — excelente, e um pouco mais educado — de riscar com uma caneta as coisas que não gostam. (...) Vocês precisavam me ver na semana passada, deitada, lendo um romance e comendo bombons. Que imagem para uma guerrilheira, hein? Meu pai, devo dizer-te que tu — mas isso é válido também para todas as mulheres — estás me mimando demais. Estão avisados. Mais tarde, quando tiverem que me agüentar mais seguido, *jódanse*. Outro dia quase fiquei louca no recreio, que em vez de ser uma meia hora para descarregar a tensão acumulada, é exatamente o contrário; a gente se sente mais presa do que nunca. É um contraste violento; um campo vastíssimo, um céu limpo, e a gente que não pode caminhar para lá de certa marca com dois fuzis à vista. E, além disso, esta incomunicação já é um exagero: ninguém agüenta tanto tempo sem conversar (o que é diferente de falar) com ninguém.

(26) Mafalda e seus companheiros, criados pelo lápis de Quino, o grande humorista argentino, faziam parte da paisagem humana rioplatense.

24 DE OUTUBRO DE 1973

(...) Já devem ter notado que a minha letra hoje está estranha. Acontece que tenho uma infecção num dente. O rosto e parte do pescoço estão redondos como uma bola de futebol. Meu aspecto me faz lembrar de quando, numa tarde de domingo no Hospital Militar, me olhei no espelho pela primeira vez depois da operação. Estava com o pescoço e com o rosto como agora, inflamadíssimos. A primeira coisa que pensei foi pedir desculpas mentalmente a Sendic (25) porque quando eu e o Magro olhamos as fotos dele, logo depois de operado no hospital, comentamos que estava um velho gordo. Não era gordura: era traqueotomia, mesmo. (...)

(25) Raúl Sendic, o principal dirigente tupamaro, também caiu preso com um ferimento no aparelho vocal: sua língua foi destroçada por um tiro.

1974

30/1/74

Querida Família:

Estou contente, embora vocês possam achar isso esquisito. Acontece que, a partir da sexta-feira passada, adotei uma nova forma de encarar as coisas. Estava ficando muito nervosa e, o que é pior, com um grau de irritabilidade muito grande; por qualquer coisa ficava brava e assim não dá. Ia terminar ficando com uma úlcera ou algo parecido, e eu quero sair da cana bem, o mais inteira possível, tratando de que a “mancha” não seja muito grande. Essa nova filosofia funciona muito bem. Às vezes, inconscientemente, a gente vai acumulando uma determinada dose de tensão não-digerida, que acaba fazendo mal. Então é urgente sentar-se, pensar tranquilamente, olhar-se bem por dentro e aplicar-se uma “terapia intensiva” para superar o mau momento. Além disso, adotei outra medida: como a minha mamãe me disse com uma carinha tão, tão triste, que eu estava me viciando com o cigarro, vou tentar contentá-la e manter o vício sob um controle estrito. Estou fumando dois cigarros por dia; um depois de almoçar e outro após o jantar, e no máximo mais outro. Não é muito, portanto não tens que ficar triste, tá? Além do mais, notei que o maço subiu para 500 pesos, e isso é caro demais (...). Estou lendo e adorando as “Cartas de Amor”, pois elas têm muitos dos nossos sintomas e estão escritas com sinceridade e pureza. Que vontade de poder escrever assim um dia, com toda a Liberdade! Sabem o que é que eu penso às vezes? Gostaria que vocês se esquecessem que eu existo, que não ficassem se entristecendo e preocupando por minha causa. Já sei que vão ficar zangados comigo por isso, mas não faz mal. Não posso suportar vê-los sofrendo, e gostaria de não ser um peso ou atadura, e que vocês pudessem viver as suas vidas livremente. Já sei que isso é impossível, mas queria dizer-lhes o que penso. Não perguntem o que é que eu preciso, pois esta semana realmente não preciso de nada. Maravilhosa a revista “Pais e Filhos” que me mandaram; estou sempre folheando-a, e fico louca com as fotografias ds crianças. Se algum dia sair da prisão, vou ter vários próprios. Muitos beijos.

20/2/74

Olá, olá! Valéria, com grande dor, mando de volta a revista “GENTE”, para evitar que morras de amor por *Juanjo* (27); pensava encher as paredes do calabouço com as fotografias “Dele”, mas não faz

mal, me resigno... Recebi tudo na semana passada; as mulheres se superaram com todas as coisas boas que mandaram. Ainda não estou completamente recuperada da “malevilite” (28) que me fez ficar acordada até as 5,30 da madrugada, devorando o livro. Pai, não o achei nada otimista; embora o homem se adapte a tudo, não se transforma nem consegue superar a sua natureza má, e o ciclo da destruição recomeça sempre. Esta é a moral da história; pretíssima.

(...) Vou muito bem da asma; tenho tudo o que é preciso em caso de ataque. Mamãe, tenho sonhado muito contigo. Papai, acho ótimo que estejas trabalhando bastante. Devemos aproveitar o “tempo que sobre a terra nos foi concedido”. (...) Déia, menina vítima da injustiça familiar, sabe o que acontece com o assunto da quantidade de horas de estudo? Está muito bem, sempre e quando a decisão partir de todos vocês, e só quando a aula for um lugar para aprender e para desfrutar “descobrir” o mundo e o conhecimento. Logicamente que, assim como estava colocada a questão, é uma tortura, pois as aulas no ginásio dividem-se em dois tipos: suporíferas e terroríficas. Nos dois tipos a gente passa todo o tempo desejando que a aula acabe; é por isso que inventam as chamadas, provas, exames, para obrigar a estudar e assistir à aula, transformando numa coisa horrível aquilo maravilhoso e necessário que é aprender. Bom, me despeço com dois caminhões cheios de beijos e abraços.

(27) Referência a Juan José Camero, galã argentino de novelas de televisão.

(28) Referência ao livro “Malevil”, de Robert Merle.

27/2/74

Bom dia! Espero que, quando receberem esta, nenhum outro membro da família esteja descansando e tirando umas férias maravilhosas às custas do governo uruguaio, como está na última moda ... (29) Quando virem a Cláudia, digam-lhe que não invente nada, que eu já entendi o que está acontecendo com ela: acho que ela anda com ciúmes de mim e quer que a mimem um pouquinho como eu estou sendo mimada, não é? Isso de comer bombons todas as semanas não está mal, não é verdade, gordinha? E Jorge que não fique bravo, é preciso enfrentar a vida com bom humor e também (por acaso não somos jovens?) com espírito de aventura (pelo menos um pouquinho

sempre é bom). Em nenhum momento fico triste quando penso que, por exemplo, já poderia estar no terceiro ano da faculdade etc., pois quando eu sair (algum dia será), não terei nenhuma dificuldade em recuperar esses anos, pois vou estar enriquecida com muita experiência no plano intelectual. O que é importante é manter jovem o espírito; isto significa estar sempre disposto a (...) (30) e não desanimar nem esquentar a cabeça perante os obstáculos. E para que o Jorge possa consolar-se mais rapidamente com o azar da sua esposa, vai um presentinho para ele. (...) Achei a baixinha e a gata muito bem, na visita. Mas senti uma sensação de “pouquinho”, que me deixou bastante frustrada. Além disso, estávamos conversando tão tranqüilamente, que parecia que estávamos em casa, não é? O que eu penso sobre a insegurança em que vivemos esses últimos dez anos, é que estamos tão acostumados a ela que, quando entrarmos numa rotina estável, vamos nos sentir bastante esquisitos. (...) Mas enquanto tivermos forças, vamos caminhar para a frente, todos, apoiando-nos com força uns nos outros e caminhando juntos até chegar bem longe; o que eu mais desejo, se algum dia voltarmos a estar todos reunidos, é poder retribuir-lhes tudo o que vocês me dão, com o melhor que eu tenha para lhes dar ...

(29) Referência à prisão da irmã mais velha, Cláudia.

(30) Censurado.

10/4/74

(...) Valéria: todo o mundo tem de buscar, e busca, o seu companheiro; o que Fromm critica é que na nossa civilização (onde o objeto, a técnica, o produto é o que vale, mais do que os pensamentos e os ideais), existe a tendência a ver no companheiro um objeto (coisa terminada que serve para um uso específico, um benefício), desumanizando-o: o homem é o contrário de um objeto, pois é não-acabado, perfectível sempre, dinâmico (que se transforma), contraditório e único (cada pessoa é uma entidade em si mesma, não há ninguém que seja igual ao outro). É aí que o amor falha, pois este só pode existir quando o companheiro é aceito como uma personalidade íntegra, que devemos respeitar antes de mais nada, sem usá-lo, mas sim ajudando-o a superar a “separatividade”, bem como ele poderá ajudar-me, sempre que me respeite. Além do mais, aqui não cabe a possibilidade de aborrecer-se um do outro, pois como somos

mutantes, inacabados, perfectíveis, sempre poderemos descobrir algo mais da beleza que o outro tem. E deixando isso de lado, aqui vai a minha “bênção” (oh!) aos filhotes. Mãe, felizmente a Alba (31) não gostou do doce de uva, portanto comi tudo sozinha! Delicioso! (...) Sim, paizinho, eu também me lembrei do 1.º de abril de 64; seria bom fazer um balanço conjunto desses dez anos, que foram um bom período da vida da gente e que, além disso, no nosso caso, marcaram fortemente nossa vida familiar. É como se fosse (o 1.º de abril) o ponto onde a nossa vida mudou de rumo e continuou correndo cada vez com mais força numa direção determinada. Puxa! isso ficou no melhor estilo Kafka, obscuríssimo! Bergman e Cortázar são cópias fiéis de Kafka; é interessante lê-lo por isso: é o mestre! (...)

(31) Alba Mabel Antúnez de Balmelli, companheira de Flávia (embora não compartilhem a mesma cela) em vários quartéis de Montevidéu, sendo transferidas cada dois meses de um para outro, isso durante quarenta meses, até que todas as presas mulheres foram levadas novamente para Punta Rieles.

17/4/74

Oi! Hoje escrevo para vocês tomando chimarrão e comendo marmelada. Que vida, hein? Além disso terminei de tomar banho e tem outra coisa que adoro - chove! E até aqui chega um delicioso cheiro de terra molhada. Este é o cheiro da infância, dos banhos de chuva em Santa Cruz, nas tardes quentes e silenciosas do verão. Como se nota, estou lendo muito; tenho que conter-me para não ficar escrevendo metáforas, epítetos e outras coisas esquisitas a cada momento. (...) Achei os meus dois “maiores” muito bem na visita. Papai sempre igual, como se tivesse 20 anos (pô, vamos dizer 25, para não exagerar tanto) e Clau cada dia mais formosa. É incrível, mas quando Cláudia fala espanhol, parece falar francês ou italiano; não sei porque tenho essa impressão. (...)

15/5/74

Ufhhh! Desculpem este começo tão pouco poético, mas estão tocando no rádio pela milésima vez “Disculpe” (o hino) (32), cançãozinha que consegui me encher. Não contribui muito para que

a musa inspiradora desça e me ajude a escrever uma cartinha como eu gostaria. Achei todos ótimos na visita. Há tempo não podíamos conversar tão bem, não é? Apesar dos dois metros de distância, estivemos bem pertinho, coisa muito boa e que anima muitíssimo, saber que não importa a distância nem o fato de não se ver, e que de qualquer maneira sabemos comunicar-nos. E embora não houvesse palavras, os gestos e os olhos de uma pessoa dizem tudo (às vezes até mesmo mais do que se poderia dizer falando). Nisso todos vocês são muito eloqüentes. Um milhão de beijos. E aqui vai uma coisa que há muito tempo tinha vontade de lhes dizer: nenhum de vocês pensará que talvez seja “responsável” pelo que estou vivendo desde um tempo atrás, não é? Pois se algum de vocês pensou isso, pode ir tirando essa **idéia da cabeça, e bem ligeirinho. Tive a maravilhosa oportunidade de escolher** o meu caminho e, embora tropeçasse nele, eu vivi, e pude dar-me conta do que eu sou realmente, do que eu posso dar e até onde posso chegar. Porque uma coisa é certa: ninguém nasce “lutador”, mas se torna “lutador”, isto à custa do sacrifício de um monte de desejos que a gente tem dentro de si e que atraem muito; como a vontade de viver tranqüilo, com conforto, segurança, amor, filhos. O ambiente pode ajudar, mas é só isso. E eu, como tenho a grande virtude de ser teimosa como uma mula, e quando me proponho fazer algo sou como Pacheco (33), nada poderia ter me detido. Portanto, nada de “culpas” ou coisa parecida. Vocês sabem, às vezes penso (acho que vocês também) se será possível que tanto sacrifício não tenha servido para nada. Mas logo digo para mim mesma: nunca nenhum sacrifício, em nenhuma parte do mundo e em nenhuma época foi em vão. Pode não mudar o mundo, nem impedi-lo de ir para onde parece que vai (“1984”?) (34), mas sempre cria a opção. Opção que é recolhida por alguns que tentam fazer essa mudança. E embora não tenham êxito, se jogam e deixam o caminho aberto para os que virão. E isso é o que interessa. Conversávamos em “Artilharia” que houve “subversivos” em todas as épocas, em todos os tipos de sociedades: recordo a revolta dos escravos em Roma; a dos camponeses na Idade Média contra o feudalismo (estava no livro de Mumford); contra o colonialismo e agora contra o neo-colonialismo. Bom, vou mudar o disco porque já enchi bastante vocês por hoje. Adorei a revista da UNESCO sobre a África. Tive assunto para dias de divagações. Tomara que algum dia eu possa viajar por aqueles lugares. Já lhes contei que quando Alba e eu sairmos, vamos adotar a doutrina *hippie* e ir ao Tibete? Porque, como a “Negra” é meio bruxa, podem lhe abrir o “terceiro olho”. E não riam, realmente chegamos à conclusão de que

Alba é uma “reencarnação vivente” e que tem muito futuro por aqueles lados. Vocês sabem por que eu gostei muitíssimo de “Saint Michèle”? Porque a gente sente que Münthe, bem como Malaparte, Ingenieros, Espínola, Sayoran, Brecht, sentem o que escrevem; emocionam-se, e esta emoção é transmitida ao leitor. Têm muito amor e muita dor, muita piedade do homem. Já estou cheia desses romances modernos, tão frios e mortos, onde tudo (até o amor) é tão maquinal que dá nojo. (...) Sabem o que é que estou com vontade de comer? Biscoitos de creme, daqueles que há (ou havia) nas padarias. Alba e eu comentávamos sobre a primeira coisa que gostaríamos de fazer quando fôssemos libertadas. E estivemos de acordo que seria tomar um banho de banheira de umas duas horas mais ou menos, sem pressa, e depois sair (juntas, *of course*) a caminhar por aí, pela praia, durante horas... Não podem dizer que não pedimos pouco. (...) Façam o favor de obedecer-me quando digo tal ou qual coisa. No fim das contas, estou aqui porque se supõe que, além de um perigo para a sociedade, sou “cabeça” de não sei o quê, e que “não sei quem” me respeita muito, e meus próprios pais não me dão nenhuma bola! Acho que vou ter que bancar a durona com vocês. A propósito, minha mãe (e Cláudia), as últimas coisas que mandaram estavam de-li-ci-o-sas (como Jorge tem o costume de escrever). (E além disso aproveito para mostrar como ainda sei separar as sílabas). Meu Deus! Estamos sem luz. Portanto, esses milhões de beijos que lhes mando serão dados no escuro mesmo. Tchau!

(32) *Canção folclórica executada pelo conjunto uruguaio “Los Nocheros”, profundamente reacionária, oficializada pelo regime militar uruguaio.*

(33) *Jorge Pacheco Areco, Presidente do Uruguai de 1967 a 1972.*

(34) *Referência ao livro de Orwell.*

5/6/74

Oi! E esta letra estranha? Sou a Negra. Estamos aqui, juntas. Parece incrível, mas é absolutamente real. Aqui estou, com a Flá sentada à minha direita e escrevendo nesta folha que lhes pertence, só para compartilhar com vocês a alegria que a nova situação tem produzido em nós. Claro que nunca nada é perfeito, e ser duas significa suportar a Flá!!! - a qual nesse momento olhou o que eu estava escrevendo e pôde-se escutar um “mmmm” que eu suponho que

significa desaprovação. Tendo por certo o fato de que ela é malcriada e não mal-educada, eu me pergunto: como é que vocês fizeram para suportá-la 19 anos, e ainda têm forças para querer continuar fazendo isso? Porque, francamente, com a ajuda de outras companheiras, mais ou menos é possível aguentá-la, mas sozinha... é uma luta. Trouxeram-na ao meu “quarto”, mas ela parece não dar bola para isso. Desde que veio estou tentando fazer valer os meus direitos de propriedade, mas é inútil. “Flá, o que é que você acha de colocarmos esse boneco aqui?” “Não, aqui”, e ponto final, sem nenhum constrangimento. Se eu o troco de lugar, me viro e parece que o boneco tem pernas: sempre está onde a Flá quer. Em teimosia, Flá é a primeira. Não está bem que vocês fiquem sabendo dos nossos desentendimentos, mas acho que não vou poder agüentar muito tempo mais. Agora vou deixar lugar para ela, portanto termino esta minha atrevida incursão. Não pensem que a lista de queixas termina aqui, toda a folha não seria suficiente. Apesar de todas as suas coisas negativas, eu a quero muitíssimo (sempre acontecem essas coisas incompreensíveis, não é?) e vocês nunca poderão imaginar a alegria que sinto por ter que agüentá-la. Tomara que seja por muito tempo. Muito carinho para todos, especialmente para a Vale, pelo seu aniversário. Mabel. (35)

P.S. - Dormimos em média 4 horas por dia. Durante as outras 20, FALAMOS. Embora a Flá diga que eu a deixo tonta, a concorrência é dura.

Bom, com esta introdução, já puderam notar como é a minha companheira de cativo, atrevida e super impertinente. Como tem um complexo de culpa tremendo, quer se defender da minha acusação de que me deixa louca e desesperada com a sua tagarelice contínua, ininterrupta. Já faz uma semana (que parece um mês de tão comprida) que a estou aguentando, mas como sou um anjo de paciência e compreensão, nos entendemos bastante bem. Falando sério: que beleza, hein? Estamos tão ocupadas todo o dia (focando, naturalmente), que nem temos tempo para ler. Estudamos uma lição de inglês por dia e discutimos o livro de Jean Lacouture. Papai, não mande livros, pois temos uns 40, dos quais 15 sem ler. Em cima da mesinha há uma montanha que ofende bastante o nosso agudo senso de estética e ordem. Mandem só revistas. Nosso quarto está enfeitado com fotos de garotos (suplica-se não pensar mal: garotos de menos de um ano) da revista “Pais e Filhos”, e ficou lindo. (...) meninas, agora que

estou junto com Alba, que é a “rezadora” oficial da turma, não se preocupem mais por provas nem exames, pois vocês não vão ter mais problemas. Para a gatinha de olhos tristes um beijo muito terno pelos seus 14 anos; estes 14 anos tão bonitos. Tenho vontade de dizer-te muitas coisas para compreender-te e para que tu também me compreendas, para que sejamos amigas e companheiras, além de irmãs; para me sentir perto de ti. Porque sabes uma coisa, atrevida? Eu te conheço desde que nasceste e sempre te adorei (embora tenhas usurpado o meu lugar de “mimadinha da mamãe”, o que me obrigou a inventar a famosa asma para não deixar de ser o centro, mas isso eu te perdôo, tá, boba?), sempre tão calada, pensativa e sensível. Tomara que algum dia possamos encontrar-nos. (...) Vocês teriam que ver como esta nova situação melhorou o nosso estado de ânimo (que nunca esteve mal, mas agora estamos contentes). Dizemos bobagens, morremos de rir e nos contamos coisas, dessas que a gente só conta às pessoas muito amigas e que nos compreendem muito. Não sentimos nenhuma saudade dos trabalhos manuais, e agora só desejamos três coisas: não voltar para Punta de Rieles, não voltar para “Cavalaria IV” e tomar uma xícara de chá. Ninguém pode dizer que somos exigentes demais, não é? Além disso, estamos contentes por ter suportado bem esses anos de incomunicabilidade, sem perder a fé...

(35) A já mencionada Alba Antúnez, condenada a 30 anos de cárcere. Um comandante de Quartel mais humano permitiu que convivessem alguns dias, quebrando a brutal incomunicabilidade que se prolongou no total por 40 meses.

20/7/74

Estava com muita vontade de escrever-lhes, pois essa é a única ponte mais ou menos sólida que temos para unir-nos e comunicar-nos. Durante a visita dá para fofocar um pouco, para rir, para sentir, mas quase nunca para falar sério sobre nada. E nestes últimos dias, em que tenho estado dedicada ao “nobre ócio dos gregos”, pude descobrir muitas coisas importantes. Porque muitas vezes é mais fácil e mais agradável alienar-se num bordado ou num livro (ou num sonho acordado, com o futuro ou o passado, naturalmente, jamais com o presente), do que começar a pensar em si mesmo ou na situação em

que vivemos. Desde já estou com pena da coitadinha da “Negra” que vai ter que agüentar as “autocríticas”, quando estivermos juntas outra vez. Analisei desde o porquê me tornei “tupa” (razões políticas, sociológicas, psicológicas e circunstanciais) até hoje, passando logicamente pelo Magro (questionando o futuro, aceitando o presente e aceitando também sem nenhum problema tudo o que a nossa relação teve de positivo e de bonito); além disso, notei outro “derretimento” de esquemas (porque os meus esquemas são muito especiais, não se rompem, derretem lentamente como a manteiga) e outras coisas mais. Tudo isso me faz muito bem, pois tenho uma tendência muito grande em meter-me na carapaça e não pensar em coisas que possam vir a me complicar. É a tal da defesa psicológica, mas convém não exagerar. Por enquanto, estou fazendo uma reserva de paciência bem grande para poder agüentar de novo o “Cavalaria IV”, para onde deveremos ir desta vez. (...) Meu pai, vamos ver se deixas de ser preguiçoso e telefonas menos e escreves mais! (36) Tens que escrever pelo menos uma vez por semana (porque no fim das contas, *todos* estamos em cana, tu lá, mamãe cá e eu aqui, não é?) E não quero que escrevas à máquina porque fica muito frio, tá? Quero ver a tua letra. Também não quero coisas vagas (que mandona estou, hein?). Quero saber como estás (proibido responder com o: “bem”... tão gasto e que não quer dizer nada), como te sentes (não de saúde...), como vives, tudo bem concretinho; senão, grandes brigas telepáticas. (...) Estou com muitas saudades de ti, papai. Felizmente, quando nos encontrarmos de novo, vai ser para ter uma daquelas conversas bonitas como as que tínhamos antes de eu ser presa, lembras-te? (...) Outras recomendações ao paizinho: não trabalhes muito, respira ar puro, não te preocupes. Olha que tens que continuar bem, até 90 anos (pelo menos)...

(36) Referência à expulsão do pai de Flávia, Paulo Schilling, do Uruguai, ocorrida em junho de 1974. Desde esta data, nunca mais puderam ver-se.

17/8/74

E aqui estou eu, escrevendo-lhes desde a minha mansão, atirada no meu leito, fumando um “Kendall”... Que novidade, dirão vocês. Já é noite (20,45) e há um silêncio maravilhoso e muito propício para falar um pouco com meus pais, irmãs, cunhados e mamãe de cunhado (ui, já me esquecia: e com os hóspedes da “Chacarita House” (37). (...)) Acho

que se Vale e eu tivéssemos a oportunidade de conversar bastante, nos entenderíamos bem, não achas? Porque sabes duma coisa? Eu não sou um bicho esquisito, não, tenho estrelas de cinco pontas (38) gravadas na testa, não gosto de *slogans*, nem de rótulos, nem de etiquetas. E odeio os pedestais, não quero ser exemplo de ninguém nem de nada, nem símbolo ou bandeira. Sou como sou, com um monte de contradições dentro de mim, de dúvidas, de medo, de fraquezas. A única diferença entre eu e os outros é que, numa determinada circunstância política, pessoal, familiar, optei por um caminho que não era o mais fácil (podia ter continuado estudando tranqüilamente). Mas isso, para mim, não é nenhum mérito. Simplesmente se deram todas as conjunturas para que eu pudesse dar esse passo. E depois de dado o passo, o mínimo que posso fazer é me manter da melhor forma que puder, com a velha e querida filosofia de tirar proveito de todos os fatos da vida. O que me preocupa é que a imagem que os outros têm de mim não seja diferente demais do que eu sou realmente: em outras palavras, que não me coloquem uma etiqueta irreal. Já tinha lhes falado em outra carta, como uma determinada imagem ou conceito que os outros têm da gente pode chegar a aprisionar a pessoa, a impedir-lhe de ser realmente. E essa pessoa passa a viver exclusivamente em função dos outros. Eu quero ser o mais livre possível. Se algum dia me cansar e decidir dizer “Chega!” e viver tranqüila, não quero nada com a famosa e todo-poderosa “opinião pública”, ou como queiram chamá-la, que me faça adotar posições falsas. Sou como qualquer pessoa: todo o mundo escolhe na vida um objetivo ou um modelo para seguir, e tenta parecer-se ao máximo com ele. Eu escolhi o meu, e tento ser um monte de coisas, mas daí a que as seja realmente, há uma grande diferença. Meu Deus! Hoje me entusiasmei. *Fader*: Quero que escrevas à mão porque ADORO a tua letra! Adoro-a com toda a minh’alma, assim como adoro a das mulheres. Podes ir te aprontando porque no inverno que vem, vais ter manta e suéter tricotados por Alba’s e Flávia’s. *Happy birthday to you!* Pai, não tens jeito! Cada dia mais moço! Gostei muitíssimo da tua carta. Só pude ver de longe o último rebento da família; está mrvilhoso, muito bonito mesmo. Não percas a esperança, em algum outro quartel acho que vou poder lê-lo. Deve estar muito bom, como tudo o que fazes. (39) (...) Nem imaginam o que somos a Negra e eu quando estamos juntas; cada fofoca e cada plano! Já tinha lhes contado que vamos ser *hippies* e ir ao Tibete. Agora já temos outro plano, ainda mais lindo. Além disso, nesse vocês também estão incluídos! É tão lindo! Não se preocupem pelo fato de não estarmos sempre juntas. Gosto de tirar umas férias da Alba, porque ela é tão chata!!! (Pena que

ela não possa ler isso, assim ficava furiosa!). Teria outro milhão de coisas para contar para vocês, mas precisaria outra folha. Muitos beijos ao Neiva, Beatriz e todos os outros membros da “República”, e vamos ver se tratam bem o meu papai. Porque senão, olhem que eu sou perigosíssima!...

Queridos todos: Vou infiltrar-me na carta de Flá, porque não posso nem quero guardar o que sinto dentro de mim. Não esperava receber carta de vocês, nem sabia que estavam a par de “tão magno acontecimento”. Mas ela chegou, com sua formosa carga de carinho. E essas são coisas que fazem a gente chorar e sentir-se muito forte, muito aconchegada, muito com todos e assim, mais perto da gente mesmo. Somos uns 15, diz Vale. Somos tantos! Quase todos. Só que às vezes a gente não nota isso e complica tudo. Gradualmente aprenderemos a ser todos irmãos, a dar e a receber carinho naturalmente, como o que vocês me dão. Gosto muito de todos vocês e os fui conhecendo através das cartas e das conversas com a Flá, tanto como ela conhece a minha família. Muitas vezes sinto vontade de escrever-lhes, e penso fazê-lo quando estivermos juntas. Também ao papai Schilling. Suas cartas têm o poder de fazer-me conversar sozinha. Transmitem entusiasmo e fé. Não estive com a F. no domingo, mas ela está muito pertinho, só uma parede. Sabe, senhora, que tem razão? Eu acho que é por vaidosas que não queremos fazer anos, mas só parcialmente é por isso; em alguma outra carta lhe explico. A senhora é tremendamente terna, parece a minha mãe. Talvez sejam parecidas justamente por isso, porque são mães. Vou fazer o possível para merecer o carinho enorme de vocês, que hoje é o meu tesouro. Obrigada pelo presente; é lindíssimo e me serviu bem. Milhões de beijos. MABEL.

(37) *Residência de Neiva Moreira, em Buenos Aires, onde ficou hospedado Paulo Schilling.*

(38) *A estrela vermelha de cinco pontas era o símbolo do Movimento de Libertação Nacional (Tupamaros).*

(39) *Referência ao livro de Paulo Schilling, “Irá Brasil à 1a. guerra?”, lançado naquela época em Montevidéu.*

31/8/74

“Haus!” Viram que sorte? Continuamos aqui. Acabei de jogar uma partida de cartas com a “Negra” e ela ganhou. Explico: eu, na verdade,

jogo sozinha, mas jogo por mim e por ela; e sou bem imparcial. É incrível tudo o que se faz para matar o tempo... *Mader*, olha que escrevi “haus” de propósito, viste? O que acontece é que alguns dias a gente está meio maluca e gosta de escrever besteiras. (...) Quando terminar isso, vou bordar um painel para o pessoal de Buenos Aires, apesar de que meu queridíssimo pai tenha se referido às *maravilhas* que eu faço chamando-as de bugigangas! BUGIGANGAS! Que insolência! Já lhes disse qual é a minha consigna atual? É uma coisa que li na “Orquestra Vermelha” e que papai sublinhara: “*rechaçou a cólera fatigante e guardou suas forças para sobreviver. Inclinado para o futuro, descartou o passado*”. Com a diferença que eu não penso descartar o passado, pois com todas suas coisas boas e ruins, ele vai me servir de experiência e de apoio para o futuro. Além disso, não quero sair da cana com uma maravilhosa úlcera de lembrança. Sabes, meu pai, que tenho que te agradecer enormemente? Porque não permitiste que eu fosse uma dogmática ou uma sectária. Em primeiro lugar, pelo teu exemplo, e em segundo, por uma idéia que expressas, acho que no livro “O Brasil dos Latifundiários”, onde se falava de importar modelos, etc. É incrível como essa atitude enriquece a gente. Permite ver as coisas com bastante objetividade e não rejeitar idéias que choquem com nossos esquemas ou preconceitos políticos, e compreender ao mesmo tempo que a “Verdade” não existe, no máximo existem pedacinhos de verdades espalhados por todos os lugares; é preciso tratar de aproveitá-los e incorporá-los à nossa visão de mundo. Por isso Jesus não é incompatível com o marxismo, nem Deus com ciência, nem individualismo com solidariedade. Numa carta que escrevi para o “Magro”, comentava que há muita gente que se aferra a esquemas para sentir-se forte e segura. Ou que enche a boca com os absolutos “Dignidade”, “Justiça”, etc., que infelizmente, apesar de servirem sempre de orientação, não existem na realidade, nem são monopólio de ninguém nem de nenhuma instituição. Pode haver atitudes mais justas, dignas ou valentes, mas nada mais. Com a valentia, então, é claríssimo. Para mim, aquele que diz que não tem medo não é valente, mas sim inconsciente. Ser valente é, em todo o caso, ter medo, mas não deixar-se paralisar e dominar por ele. Esta é uma das coisas que conversamos seguidamente, eu e a Negra, e que poderia ser chamada de desmistificação de atitudes e valores. (...) O que é que significa sonhar com castelos? A “Negra” diz que são veleidades aristocráticas, mas eu me nego a acreditar nisso...

18/9/74

Viram que já está chegando a Primavera? Não lhes digo que estou bem, porque isso vocês já sabem. Somente digo ao meu pai: Não tens direito de criticar-me por não escrever, pois se eu não o faço é por motivos de força maior, enquanto tu... ah! É melhor nem falar! Lá em "San Ramón" (40) me disseram que teu livro era tão bom e tão claro que qualquer pessoa com um mínimo de inteligência podia entendê-lo. Que elogio, hein? Pretendemos te mandar um painel, mas parece que o destino se opõe a isso, pois perdemos todas as agulhas de bordar. Além do mais, estivemos horas para escolher um modelo que não pudesse ser objeto das observações "cáusticas" do sr. Neiva Moreira. (...) Adorei a visita do Jorge; Claudia, vocês dois formam um casal maravilhoso. Mãe, sabes por que nunca te pergunto pela saúde? Porque tenho horror até de pensar que possa lhes acontecer algo e então determino que vocês *têm* que estar bem. Já sei que isto não é bom, mas acontece que vocês todos são as minhas raízes, o que me ata à terra, ao cotidiano, à vida.

(40) Um dos quartéis para onde Flávia era transferida, na localidade de San Ramon, a 80 quilômetros de Montevideú.

15/10/74

Ontem, quando as minhas três lindas foram embora, não pude deixar de recordar a época em que as duas pequenas se chamavam mutuamente de: "gorda barriguda e magra esquelética", e ri comigo mesma. Andrea, quando tinha dois anos, tinha um amigo imaginário, não te lembras como se chamava? Eu também, agora, aos 21, tenho um; conversamos todo o dia e às vezes brigamos muito, porém ele sempre me acompanha. E não estou louca, Antonio Machado já dizia: "Converso com o homem que sempre vai comigo...". Vou ter de chamar a Cláudia de sádica, por me contar todas as coisas boas que comeram no 15x3 da mamãe; fiquei com água na boca! (...) Acho que nos meus desenhos vão encontrar a típica problemática do preso: ter de reprimir-se em todos os planos, desde o intelectual ao afetivo, passando por outros aspectos da personalidade, como a espontaneidade (esta coisa tão formosa e que cada dia é mais rara na gente), a ternura e um monte de outras coisas. Em suma, não poder ser

o que se é, não poder expressar o que se sente, não poder dar tudo o que se tem. E o pior é que é preciso reprimir-se e ao mesmo tempo lutar por não se deformar demais. Como me disseram um dia: “pôr tudo o que é lindo enrolado num plástico, para que não se deteriore, e guardá-lo num cantinho do coração, para usá-lo novamente quando surgir a oportunidade”. Também me diziam que a cana amadurece ou destrói. Esta é uma colocação falsa, porque a cana destrói, ou amadurece. E destrói. Sempre nos destrói algumas coisas, embora nos esforcemos para que isso não aconteça. Imagino que tudo isso se reflete nos desenhos que faço. Ontem aprendi a desenhar uma árvore. Acho que ficou bastante bem, mas me fez lembrar uma pintura de árvores que vi, de Van Gogh; mas não é que eu o tenha imitado; saiu assim e depois vi que tinham ficado parecidos. Para o meu papai, muitos beijos; no domingo sonhei que tinha visita contigo e que nos dávamos um enorme abraço...

30/10/74

(...) Acho que todos nós estamos precisando de uma margem, onde possamos estender-nos com os braços abertos, sentindo o calorzinho do sol, depois de muito nadar e nadar. A solução que vejo para isso é criar margens dentro de si mesmo, ou na amizade, ou no amor que todos sentimos uns pelos outros, não é? Porque às vezes o caos, o mar e o nadar e nadar, são inventados por nós mesmos, e nos auto-causamos dano, mais dano que o que nos faz o caos do mar, não acham? Temos de tratar de relaxar-nos e de sobreviver, sem nos desgastar...

13/11/74

(...) Uma coisa me está dando muita alegria: é toda a evolução dos meus sentimentos desde o problema do “Magro”. Deixou de ser um problema obsessivo para tornar-se apenas um problema, que não me sufoca. Isso através da compreensão, duma atitude mais humana do que aquela que tive ao princípio. Usando uma alegoria, nos primeiros meses, para não cair na água, construí uma ponte sob os pés, para não me afogar e sobreviver, apelei aos argumentos convencionais e tratei de sufocar tudo o que sentia. Agora já tenho uma terrinha bem firme sob os pés. Conservo o “Magro” como um grande tesouro, a coisa

mais linda que vivi. E não quero esquecer essa experiência. O que aconteceu com ele não foi porque ele era mau ou falso; apenas o obrigaram a nadar demasiado, tanto que já não lhe importou que margenzinha lhe ofereciam, com a única condição de que o deixassem descansar. Foram cinco meses de tormenta que o Magro teve que suportar, e se partiu em pedaços...

25/11/74

(...) Sabem porque escrevo tudo o que escrevo nas cartas? É como agarrar um alfinete e fincar. Então Valéria me responde: “Estás muito enganada”. Isso é o que eu quero. É como Ali Babá pronunciando “Abre-te sésamo” para descobrir todos os tesouros do mundo. São tentativas de diálogo, de escapar ao superficial. Porque sem isso me asfixio pela incomunicação. Já passamos um ano e meio sem dialogar com ninguém, reprimindo absolutamente tudo, sem poder partilhar os pensamentos com ninguém. Se não consigo dialogar com vocês, vou explodir por excesso de coisas dentro de mim. E talvez, numa dessas, entre tanta filosofia barata, algo lhes sirva, não é? (...) A grande xingação para papai: é incrível! Não vê que nos preocupamos se não mandas notícias? Tens que ser um papai disciplinado e escrever todas as semanas! (...) Estou sentindo muita falta da leitura (41). Penso demais, coisa péssima quando a gente está preso. É preciso pensar, mas chega um momento em que o pensamento deixa de ser produtivo para tornar-se obsessivo, e é fundamental poder desligar a maquininha de vez em quando...

(41) Em alguns quartéis era proibido qualquer tipo de leitura; em outras, as presas eram privadas dela como uma forma de sanção por alguma “má ação” que tivessem cometido...

1975

1/2/75

Que alegria! Finalmente estamos aqui! Sabem que abração estou lhes dando neste momento? Suponho que mamãe, Vale e Déia estejam com papai em Buenos Aires. Tomara que todos estejam bem e não tenham ficado tristes demais nas Festas. Mando um monte de presentinhos para todos. (...) Vocês já devem ter ficado sabendo que

Mabel e eu já não estamos juntas. Uma das últimas conclusões a que chegamos, eu e ela, foi que nos tornamos tão amigas por telepatia, porque durante o ano e cinco meses que estivemos “juntas”, somente estivemos realmente juntas um mês. Não deixem a Mabel sozinha, porque ela não está bem, embora finja ser “dura”. Quando disseram que iam nos separar, Mabel me disse: “Vou morrer de tristeza”, e eu lhe comentei que tinha a espantosa impressão de que terminava uma etapa da minha vida; ela me respondeu, chorando, que para ela o espantoso era essa sensação de que já não lhe restavam mais etapas. E não adianta nada lhe dizer que não deve nem pensar nisso, que tem 22 anos e toda a vida pela frente. Quando ela mete uma idéia na cabeça é impossível fazê-la pensar de outra maneira. O pior é que talvez tenha razão. Esclareço que eu não penso assim, ao contrário, acho que tudo o que vivi, até cair (incluindo minha vida com o Magro), pode ser superado por coisas ainda mais formosas, que só agora começo a ser capaz de VIVER, de poder ser EU, sem os problemas que tinha antes. Mabel sente que o que está perdendo supera amplamente o que está ganhando em experiência. Ela me disse uma vez que se sente mais capaz de ENFRENTAR a vida do que de VIVER. Continuem mandando-lhe livros. Ela se sente muito só. E agora acho que vai ficar sem companhia de “rodízio”, pois Miriam estava no hospital (42). Eu estou agora com a “gordinha” Lia Maciel. Nos entendemos muito bem, e ela ficou contente de ser minha companheira. Acho que estar com ela representa um pouco a nova etapa da minha vida que começa. Vocês nem imaginam como me ajudaram nos vinte dias mais compridos da minha vida (43), lá no 4.º de Cavalaria. Reli todas as cartas velhas que tinha e fiz com elas o colchãozinho de ternura e amor que necessitava para sobreviver. Vocês, o Magro (estive todos os dias relendo as cartas dele) e a virgenzinha de Lourdes, pois apelei até para a oração. Mas já passou tudo. Agora estou bem, já vão me ver bochechuda de novo. O médico me examinou e estou tomando um remédio contra a gastrite; também me deram uma dieta alimentar (morreram de inveja: estou comendo costelas!). (...) Não mandem livros para pensar, pois necessito URGENTE alienar-me, ir-me, esquecer todo um monte de coisas angustiosas. E agora vou ter que fazer muita ginástica para gastar energias e nervos, para estar tranqüila amanhã, na visita, porque senão vou machucar a gata grande, de tanta força com que vou abraçá-la. Adoro tanto vocês! Beijos e mais beijos.

(42) Miriam Montero, uma das “reféns”. Passou vários meses no Hospital Militar, paralisada em razão das torturas que sofreu.

15/2/75

Olá, Gente! Começo assim porque estou apoiada numa revista "Gente" e não posso deixar de olhar para as letras do título. Estou contando as horas para amanhã, o grande dia da visita. Vamos ver que novidades me trazem. Espero também uma formosa carta do papai. Gostei muito de saber que o paizinho está trabalhando bem e tendo sorte, e também que não passaram as Festas com amargura. Passamos o dia 31 a pão e água, pois lá, para festejar, resolveram nos mandar um ensopado completamente queimado, impossível de comer. A mesma coisa no 1.º do ano. Mais ensopado. Não é de se estranhar que tenha chegado aqui magríssima. Gostei muito dos livros sobre Ioga, é muito certo tudo o que eles dizem. Não deixa de ser engraçado (ou triste) que coisas que os orientais intuíram através da observação há milhares de anos, nós (ocidentais) as estamos aceitando apenas há 100 anos ou menos. Um exemplo é quando eles falam do "prana", quando morre o corpo que vai para o "Grande Depósito Universal". Ou seja, a energia do corpo (a alma em linguagem cristã) não se perde, mas sim fica em estado livre pelo Universo. É a lei de Lavoisier (parcial porque ele a aplica apenas à parte Química): "nada se perde, tudo se transforma". Outra coisa que nunca vai deixar de me surpreender é o total paralelismo entre todas as religiões. A única coisa que muda é a linguagem, os substantivos. Pareceria que todas elas intuíram parte do significado da vida e dos mistérios do Universo, embora sempre tenham acrescentado "recheio" a essas verdades parciais, ou as tenham dogmatizado. A maior diferença entre a Ioga e a religião cristã está em que aquela fala uma linguagem mais adulta, poderíamos dizer mais científica. Quando falam da "Mente Universal" (Deus) podemos ver claramente a diferença. Nós não podemos deixar de pensar em Deus como um senhor com barba e cabelos brancos, rodeado de fogo, com uma voz muito grossa, etc. Enquanto que "Mente Universal" não serve para nenhuma figuração e dá uma idéia muito precisa sobre o que rege os milhares de milhões de estrelas que existem por aí. Pena que a Ioga seja incompatível com o cigarro... Tenho estado insuportável esses últimos dias. Como já não sei em que pensar (pensei tanto em tudo e tenho tão poucos elementos novos que meus pensamentos são terríveis círculos viciosos) dediquei-me com entusiasmo à metafísica, à discussão (comigo mesma, logicamente) do Tudo e do Nada, e outras

coisas parecidas. Insuportável! (...) Tomara que vocês tenham podido trocar os sapatos por um número menor. Imaginem a angústia que senti, quando suspenderam o envio de pacotes, e passavam as semanas sem que eu pudesse mandá-los. Porque meu mundo é tão pequenino e tão apertado, que todas as coisas insignificantes que em outras condições não importam, aqui tomam uma dimensão enorme. Embora a gente não queira, vive pendente da visita, da carta, do livro... é terrível. Quando saí do 4.º estava tão suscetível que um olhar, uma resposta mal-humorada, qualquer coisa, me deixava arrasada. Eu, que que não sou muito chorona, andava com o lençinho para lá e para cá todo o santo dia. Mas já passou a tormenta.

1/3/75

Bom dia, família! Família um pouco dispersa, mas *que* família. Aqui estou eu, esperando ansiosamente a visita para saber sobre mamãe (44). E uma vez mais, depois de ter terminado de ler a cartinha tranqüila de despedida da mãe (e de chorar um pouquinho), recordei algo que escreveu papai na primeira carta que recebi no Hospital Militar: “tens uma grande mãe”. Caramba, que verdade! Vamos ver como se comportam agora mamãe Cláudia e papai Jorge. Gurias: se essa mamãe ficar muito chata, podem dar-lhe uns bons tabefes, tá? (...) Estou convencida de que a família não é uma carga. Pelo menos quando é família e não um monte de pessoas que vivem juntas por rotina ou compromisso, sem que exista nada que as una. (Não deixa de ser uma ironia minha apologia da família quando se supõe que pertenço a um movimento destinado a destroçar a mesma...). Mas as coisas são como são e não como os outros acreditam que sejam. Vamos ver como Vale e Déia enfrentam essa situação, que é bastante difícil. (...) Não se preocupem se me mandam livros que já li. Gostaria de reler alguns: “Dom Camilo”, “Malevil”, “1984”, “A Busca” (Larteguy) e “O Castelo”, logicamente. Vou lhes contar o que aconteceu com este último. Quando terminei de lê-lo, no 4.º, me senti impressionada e entreguei-o a Alba, dizendo: “terminas de ler as 400 páginas e não sabes quem é K, nem o que faz, de onde vem, aonde vai, que busca, que sente; é contraditório ao máximo ... não tem nenhum sentido e por isso mesmo vale a pena lê-lo”. Pobre de mim! Não tinha percebido que neste resumo estava todo o sentido do livro: o homem é contraditório, não

sabe de onde vem nem aonde vai, nem quem é... Somente BUSCA. K passa todo o livro buscando. Tenta chegar ao Castelo (a verdade, Deus...), primeiramente sozinho (por suas próprias forças) e é a imagem da impotência. Caminha e caminha numa tormenta de neve e o castelo permanece sempre à mesma distância. Nesse castelo ele vai receber todas as respostas (quem é, o que deve fazer, etc.). Depois busca uma aliança no Amor. Fracassa e tem um final muito pessimista. K deixa de buscar o castelo e torna-se outro dos que passam a noite bebendo no bar. Os secretários do castelo são todos os sacerdotes, filósofos, cientistas, que supostamente teriam que servir de intermediários entre nós e a Verdade, mas na realidade transformam-se numa barreira entre nós e ela. É uma obra profundíssima e ainda tenho que compreender quase tudo. É uma grande alegoria. Geralmente estamos acostumados, em primeiro lugar, a não pensar, e em segundo, que o autor nos dê tudo já digerido. Aqui todo o livro, da primeira à última página, nos dá a idéia de Kafka sobre a vida. Isto é, evolui do conceito de Kafka, louco, para o de Kafka gênio. Mabel me disse uma vez: "A vida se resume em duas palavras: A BUSCA". E é uma grande verdade. Fiquei um pouco triste quando vi o que é o humorismo atual: as piadas meio pornográficas de Jaguar são engraçadas, mas Bóris e Gaspar são cruéis e amarguíssimos. Com o Quino acontece a mesma coisa, tirando quatro ou cinco anedotas, as outras no máximo provocam um sorriso amarelo e algumas dão vontade de chorar...

(44) *A mãe de Flávia, Ingeborg Wesp Schilling, foi expulsa do Uruguai em fevereiro de 1975.*

29/3/75

(...) Tenho uma nova companhia no calabouço (além dos mosquitos, que enchem o saco): um formoso gatinho (dementira) que ganhei da "Gorda". Declaro que Andréa é uma exagerada quando diz que rasguei todo o seu vestido com o abraço que lhe dei; além disso (que barbaridade!) pelos seus comentários sobre os colegas de Inglês, parece estar levemente desesperada por conseguir namorado... Vamos ver o que me respondes, menininha. Descobri uma coisa boa sobre Valéria: tem um sangue-frio excepcional. E isso é muito bom. Ela é um lago muito azul, Andréa um arroio e Clá um rio não cansado (com

algumas turbulências e rápido). Cláudia, acho sensacional o teu trabalho, uma linda oportunidade de aplicar a pedagogia de Paulo Freire, não é mesmo? Pelo que me contas sobre o método desse instituto, é bem diferente do usado pela Alliance Française ou pelo Anglo, e isso já é importantíssimo. Sabes o que me aconteceu com o “singé”? Estive uns quinze dias com “cara de singé” na cabeça, pensando que soava como um insulto, mas, logicamente, sem saber o que queria dizer “singé”. Ao mesmo tempo, estava desesperada por saber como se dizia “macaco” em francês. Interferência de linhas no meu inconsciente. Já tinha lido “Huis clos” várias vezes, mas não acho muito certo isso de que “*l'enfer c'est les autres*”. A própria obra de Sartre demonstra que, em primeiro lugar, o inferno somos nós mesmos. Papai, devolvo indignadíssima Lezama Lima, nem pude terminar de ler o livro; não suporto esses escritores que, para dissimular que não têm nada para dizer, escrevem complicado para ninguém entender e assim passar por finos. É igual a Cortázar. Isso sim, uma boa dose de pornografia para chamar a atenção. (...) Aqui vai uma frase sensacional de Lao Tsé: “*O homem é flexível e terno quando nasce, mas rígido e duro ao morrer. Portanto, a ternura e a flexibilidade são marcas de vida, e a rigidez e a dureza são marcas da morte*”. Admirável, não é? (...) Já estamos a fins de março! Falta menos de um mês para os meus 22 anos. Pensei que não poderia suportar uma carga semelhante sobre os meus frágeis ombros (quase escrevi “homens”, que lapsus mais significativo, hein?) (45) Uma idéia que tenho desde vários anos atrás é que, de todas as situações, por mais difíceis que sejam, sempre é possível extrair alguma coisa positiva; basta não deixar-se quebrar pelos fatos. E penso que, desta nova situação da mamãe, podem sair muitas coisas boas, para ela e para todos nós. (...)

(45) Em espanhol existe apenas uma letra de diferença entre as duas palavras: “hombros” e “hombres”.

12/4/75

(...) Hoje é um dia importante para mim: faz três anos que o Magro e eu começamos a falar de amor. Já! Tudo parece tão longínquo que até começo a pensar se aconteceu realmente ou se foi só um sonho. Outro dia me ocorreu algo curioso. Estava devorando um livro e de repente me dei conta que estava viva. De que existia, vivia, estava com

frio nos pés e dores nas costas, e fiquei muito contente. Estive cerca de uma hora comigo mesma, vivendo, até que pensei que finalidade tinha sentir-me viva no calabouço, e tornei a submergir-me no livro. Não sei se me entendem. Entre as quatro paredes a gente subsiste, está como congelado, a maior parte do tempo. O tempo passa entre o sonho pessoal e o do autor que estamos lendo no momento. Os elementos da vida: a criação (em primeiro lugar), o sentimento, a ação, são escassos. Mas são os que nos permitem aguentar. Bem, e naquele momento, sem nenhuma razão especial, me senti viva e me alegrei, e olhei com olhos diferentes o gato, o cachorro, a boneca, as rosinhas, a xícara... porque constituem meu presente, minha realidade. Dizem que quando não se está de acordo com o mundo em que vivemos, com nossa existência, a gente se entrega ao sonho (isto vale tanto para a arte moderna como para os *hippies*). Mas então não se vive, porque para viver a gente tem que ter consciência de si e dos demais, tem que possuir-se para poder ser. Durante 71 e 72 eu não sonhei, porque a realidade me satisfazia. (...) Jorge, ainda bem que elogiaste os meus pompons. Mabel me explicou 700.000 vezes como se faziam, mas não entrava na minha cabeça. Quando por fim consegui fazê-los, foi uma satisfação. Agora entramos na "Era dos Pompons". (...) Estava esquecendo de lhes dizer que estou bem. Estou bastante tranqüila. Estava me fazendo falta um pouco de rotina e, também, embora pareça estranho, de solidão total. Isso acontece porque, quando estamos acompanhados, além de suportar a nossa problemática é preciso agüentar a dos outros, que sempre é bastante complicadinha. Além do mais, quando aparecem nuvens sobre o horizonte, torna-se fácil virar a cara para esquecer-me delas, mas com outra pessoa, não só é preciso olhá-las de frente, como também interpretá-las e tratar de convencer a outra parte de que não são nuvens de tormenta, mas sim nuvens passageiras e boas. Isto é, além de tranqüilizar a si mesmo, é preciso tranqüilizar os outros. Acho que esta já se tornou uma das minhas especialidades.

26/4/75

Quer dizer que COROA, hein? É incrível como são atrevidas certas pessoas que habitam nosso "besta-planeta", como diria Mafalda. Bom, e aqui estou, enquanto a chuva bate com força no teto de zinco do "apartamento". Muito chateada, logicamente, pois não acho a menor graça nesse negócio de fazer anos. É horrível: às

vezes desejo que o tempo escorra, vôle, que se evapore em torno de mim, sem que eu o sinta passar (como num sonho), para acordar apenas quando tudo isso já tiver terminado. Outras vezes, em compensação, isso me assusta, e desejo reter o tempo, viver cada minuto, lembrar-me dele, senti-lo, pois penso que cada dia e cada mês e cada ano que passa não vou recuperá-los mais, são irremediavelmente irreversíveis e, se não os vivo e aproveito, perdidos. E oscilo entre esses dois extremos, igualmente ruins. Tenho uma frase de José Ingenieros aqui: *“Cada hora é digna de ser vivida com plenitude; cada dia o homem deveria perguntar-se se ampliou sua experiência, aperfeiçoou seus costumes, serviu seus ideais. Estacionar-se enquanto tudo anda, equivale a desandar caminho...”*. Fiquei feliz com a notícia de que mamãe está trabalhando! Como gostaria de ver-te! Vês, mamãe, agora és uma mulher emancipada, podes militar junto com a Martha, no *Women’s Liberation!* Esta semana estive preguiçosa, não fiz quase nada de trabalhos manuais, estive explorando a lua e as estrelas e caminhando pela estratosfera... (...) Já sei que vais sentir muitas saudades da terra à qual a gente pertence. Embora essa terra às vezes nos expulse com pontapés dela, a gente sempre deseja ter um lugar onde tudo seja familiar, onde haja raízes profundas que nos atem. Embora talvez esteja começando a era em que todas essas idéias deixem de existir e o planeta seja a nossa Pátria, não sei.. (...) Sempre me pergunto uma coisa, especialmente depois de cada visita: como seremos quando voltarmos a estar juntos? Pois a gente não tem nem idéia de todas as transformações que sofre, principalmente depois de tanto tempo de solidão; que distância haverá entre eu e vocês, entre eu e os outros presos, entre eu e a gente comum... Poderemos entender-nos? Como transmitir uma experiência que eu apenas percebo? Com que linguagem? Papai sempre me fala do muito que teríamos para dizer-nos, e isso é objetivamente certo. Mas, salvo a certeza de que vou começar a chorar quando o veja de novo, não sei como vou poder tirar de dentro de mim tudo o que foi juntando-se nestes anos, exceto aquilo mais exterior e superficial. Vamos ter que nos amar muito e ter muita paciência uns com os outros. E aqui, me uno ao corpo: que seja em breve! (...) Ri muito com as histórias de Clá com seus alunos, mas sabes qual é a profissão que provoca mais “stress” no mundo? A de preso! Fizemos um teste da revista “7 Dias” que dizia que aquele que fizesse 300 pontos tinha 80% de possibilidade de “stress”. Por estes lados o total de pontos foi de 500!

14/5/75

Meus queridos: Hoje está fazendo uma semana que estou aqui. Estamos muito bem, com muita pena pela visita perdida do domingo e pela viagem inútil que vocês fizeram. Fazia 23 meses que não vinha para cá. O apartamento já está bem arrumadinho, com as fotos na parede (azul) e aproveitando a luz natural durante quase todo o dia. Além disso, estou contente porque vemos gaivotas no céu, e fazia tanto tempo! (...) Andréa me pergunta como me sinto aos 22 anos. Sinto-me como um caminhante que *acha* que andou muito e aprendeu bastante, e está um pouco cansado; mas que ao mesmo tempo sabe que seu caminho apenas começou e que ainda tem muitíssimo que aprender. Lembro que, quando fiz 20 anos, briguei com o Magro por carta pelo problema da maturidade. Às vezes a gente sente que já não tem nada que aprender nem que amadurecer, e esta é a maior prova da nossa imaturidade. Sempre há um mundo por descobrir (nos outros e na gente mesmo), é preciso apenas procurá-lo, e acho que este é o segredo da juventude de espírito. Não te preocupes, Andréa, se às vezes te sintas cansada ou “velha de espírito”, como dizes, pelas mudanças bruscas da nossa vida. Esforça-te para que nenhuma mudança, por mais dura que seja, consiga fazer-te perder a alegria e a “menina” que todos levamos dentro de nós. É preciso assumir a filosofia de buscar todo o bom que tem o ruim. Além disso, ontem justamente estava pensando nisso, que é um fato tristíssimo, que a gente só aprende e “cresce” quando ocorre uma dessas mudanças bruscas que transtornam a nossa vida. Aí é que a gente vê o pouco que sabia, que superficial e esquemático era. E quando tudo volta à normalidade, a gente tem uma base mais sólida, mais próxima da verdade. Ademais, é preciso pensar que tudo passa, também as coisas boas, mas se vivemos realmente os bons momentos, podemos fazê-los durar sempre na gente.

21/5/75

(...) Mamãe me faz uma pergunta muito difícil na carta: o que é que eu gostaria de estudar mais tarde. Cheguei à conclusão de que, quando sair (se sair...), minha decisão vai depender exclusivamente de *onde* estiver e *como* estiver, pois tenho inclinação para várias coisas, e sei que qualquer curso que fizer vou fazê-lo bem, tirando dele o

máximo de benefício. Não é que não tenha vocação (embora acredite que isso não exista, apenas inclinações que, unidas às circunstâncias particulares da nossa vida, nos fazem optar por uma ou outra coisa. (...) As únicas carreiras que não gosto (e além disso não tenho cabeça para elas por causa da matemática) são: engenharia, arquitetura, agronomia e matemática. Ah, e um pouco para contrariar papai, vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para não ser jornalista (isto para evitar concorrência na família; esclareço pelas dúvidas ao paizinho, que é meio ignorante nessas coisas, que isso é uma brincadeira...).

10/6/75

(...) Hoje, finalmente, fui ao Juízo e assinei a sentença. Embora isso, logicamente, tenha sido o menos importante. Vi o mar! E vi o Magro. O juiz não me deixou entrar até o último minuto, quando já estava para começar a audiência, com a óbvia intenção de não nos deixar conversar. Éramos cinco: três de Libertad, o Magro e eu. A advogada não foi porque estava no interior. Leram todo o processo, a acusação, a defesa, e logo após a decisão do juiz. No meu caso, houve a acusação do promotor, que pediu 9 anos para mim, a defesa, que apelou para 5 anos, e o árbitro da partida finalmente deu-me de presente os 9 anos pedidos pelo promotor. Atenuantes: menoridade relativa, ré primária absoluta, e outra coisa que não me lembro. O juiz disse que, apesar dessas atenuantes, eu sou muito inteligente (obrigada) e sei o que faço (obrigada). Ele manteve duas condenações, a de outro rapaz, de 8; diminuiu 2, a do Magro para 7, e a de outro companheiro; e aumentou uma de 15 anos e 10 de medidas de segurança para 30 (!!!); o companheiro assim condenado, que tem 25 anos, não desmaiou, embora isso se justificasse. Admirei sua presença de ânimo. (...) Na visita vou lhes comentar mais sobre esse teatro. Foi uma espécie de confronto entre a juventude e a força e a velhice e a decrepitude. A “justiça” kafkiana: um velho que decide sobre a tua vida e a tua morte sem nunca ter te visto, sem saber o teu nome, atuando em nome de princípios rimbombantes e que não querem dizer nada. Lamentável. (...) Ontem fumei uns 15 cigarros, das 13 às 21 horas! Espero que mamãe me perdoe, mas era um dia especial. Se ela tivesse estado no meu lugar, teria feito a mesma coisa. Saía fumaça até pelas minhas orelhas. Hoje comecei o dia brincando com um gatinho encantador, que sempre aparece por aqui (é uma gatinha). Foi uma

linda maneira de começar a manhã. Já faz um ano que não vejo o pai. (...) Quando falarem com alguém que vá para o Brasil, peçam-lhe para ir a algum terreiro fazer um despacho por mim (um “oboé”). Além do mais, gostaria muito de saber de quem sou filha (esclareço ao pai e à mãe que isso não tem nada a ver com eles), no sentido de quem é o meu santo. Como diria Mabel: “topas qualquer coisa, magra”. Isso não é verdade, mas gosto dessas coisas da macumba. Acho que ninguém que tenha vivido um pouco no Brasil pode rir-se e zombar de tudo isso. Lembro-me que, no Rio, quando a gente encontrava um “feitiço”, tinha o cuidado de passar bem longe dele. (...)

19/6/75

Olá, queridos! Desta vez houve telepatia com o papai. Os dois falamos nas cartas que faz um ano que não nos vemos. E eu, amanhã, “festejo” dois anos de calabouço, dos quais 23 meses passei completamente sozinha (coitadinha de mim!) Mas me sinto muito bem. Há uns dias estive tratando de analisar como esses dois anos influíram sobre o meu caráter, que traços negativos acentuaram e qual foi o saldo positivo. O positivo pode ser resumido em: cresci (não em altura, infelizmente). O negativo ainda não está bem claro, mas como sempre fui introvertida posso correr o risco de transformar-me num “bicho do mato”, impossibilitada de comunicar-me com os outros. Por enquanto isso ainda não aconteceu, mas é um risco. Miriam está sofrendo este processo, e sofre enormemente. Uma coisa que sinto é que “necessito” estar entre quatro paredes, encerrada, isso faz com que me sinta mais segura. Posso chegar a morrer de medo se tiver que caminhar sozinha pela rua, sem que ninguém me diga aonde ir, onde parar, etc. Que horror! Também pensei que já estou cheia de mim mesma! Acho que vou fazer como Miguelito (de Mafalda) e, através de um golpe de estado, derrocar a minha velha personalidade! O que acontece é que sou muito analítica, nunca faço nada que considero errado, tenho moral demais... Mas o que é que vamos fazer! Cada qual tem a sua cruz, e a minha sou eu. Como reagi com os 9 anos de pena? Não me impressionou em absoluto. Em parte porque já o esperava, mas também por algo que eu explicava em San Ramón ao capitão: se a gente pensa que vai estar 10, 15 ou 30 anos preso, enlouquece. É tempo demais, até mesmo para atendê-lo. Então o que fazemos é fracionar. Quando caímos, dizemos: “não vamos ficar mais que 2 anos presos”.

Quando esses 2 anos passaram, dizemos: “agora, com sorte, dentro de 2 anos, com a excarceração, saímos”. Quando essa liberdade antecipada nos é negada, dizemos (ou diremos): “agora, no fim das contas, já falta pouco, já cumprimos mais da metade da pena, falta pouquinho...” Isto é o que eu faço. É um auto-engano, logicamente, mas é necessário, e acreditamos firmemente nele. Quando me perguntam quanto tempo me falta para sair, digo: “bom... com sorte, 2 anos mais...” E não é uma mentira. (...) Agora o gatinho (que é gatinha e a quem batizei de Bizi) vem todos os dias (de manhã, ao meio-dia e à noite) pois sabe que por esses lugares ganha comida. Ela me segue continuamente. É um amor, mas um pouco chata (e tem pulgas). Mas pelo menos satisfaço a vontade que tinha de brincar com um gato. (...) Gostei muito do livro sobre o Caribe. Só por essa razão, a América já é maravilhosa: a magia pode coexistir com a ciência sem nenhum problema. Acho que o país menos mágico da América Latina é o Uruguai, talvez por não ter uma grande influência do negro e do índio. (...) Vejam os nomes dos bonecos que moram comigo no calabouço: “Pepón”, “Margarito”, “Martina”, “Dark”, “Grillín”, “Flashita”, “Nosotros”. Algum dia apresentarei eles a vocês. “Nosotros” é um palhacinho que ganhei de presente da Mabel; ela ficou com “Nosotras”. O nome surgiu quando Mabel estava sozinha; para não falar consigo mesma, ela falava com a palhacinha e lhe dizia sempre: “porque nós (nosotras) pensamos tal coisa... o que é que achas se nós...” Daí vem o nome. Entenderam algo? Mando tantos beijos como quando semeávamos a terra em Punta de Rieles, jogando punhados de sementes no solo recém-preparado.

(Acho que 25/6/75)

Digo “acho” porque estou muito confusa com os dias e as datas. Ontem, quando me levantei - claro que ainda não tinha acordado - fiquei uma meia hora pensando se era domingo, segunda ou terça. Bom, é a loucura que está tomando conta de mim. (...) Levei um susto enorme com a carta de vocês: comecei a ler uma frase que dizia que Jorge estava depilando as sobrancelhas e fazendo limpeza de pele e pensei: Até o Jorge!!! Não estava entendendo nada. Felizmente o final da frase me esclareceu o panorama e me aliviou bastante: estava fazendo tudo isso nas mulheres da casa! Olha, Vale, o “baixinha” da tua carta me deixou furiosa, não esqueças que sou tua irmã mais velha, tens que me

respeitar e além do mais não tens direito de ser mais alta do que eu, tá? (...) Ontem esteve aqui a dra. Martínez (46), estivemos mais de uma hora conversando; ela virá novamente no dia 10 ou 15 de julho, depois vai para Buenos Aires e já prometeu ir visitar papi e mami. Ela disse que adora as feijoadas feitas por papai. (...) Dentro de cinco ou seis meses temos que ir todos outra vez ao Supremo Tribunal Militar; lá é feita a audiência comprida, o Promotor Público faz a acusação, o advogado lê a defesa e depois é dada a sentença definitiva. A doutora disse que já vai pedir também a minha expulsão do país, para depois poder ir tramitando passaporte, visto, etc. Explicou que tinha pedido 5 anos para mim porque não considera que eu possa estar enquadrada em “associação subversiva” (6 anos) mas sim em “associação para delinquir” (2 anos). Isso devido à minha integração em 71. Na visita lhes explico bem tudo isso. Ela leu todos os informes que mandam dos quartéis e penitenciárias em que estivemos, dizendo as sanções ou os “bons atos” que fizemos. De mim, a única coisa que dizem é: “estive de tal data a tal data”, etc. Nem uma palavra. Isso me chamou muito a atenção. Daí vem o que chamam de boa conduta carcerária. Não existe nem uma palavra sobre a razão porque me tiraram de Punta de Rieles. Depois há um informe sobre a operação e como sucedeu a minha prisão. Tampouco mencionam que sou estrangeira, não consta em nenhuma ata; isso não quer dizer que o Juiz não conheça exatamente a minha situação. (...) Armei-me de coragem e fui ao dentista; fiquei muito contente porque é um excelente profissional, hoje me fez um tratamento de canal e acho que finalmente vou ficar com minha pobre dentadura arrumada. (...).

(46) María Elena Martínez, advogada de Flávia, e de 300 tupamaros, mas que teve que abandonar o Uruguai em 1977, por perseguição do regime militar.

1/7/75

(...) A mudança que sofremos Clá e eu em 1964 e o que está acontecendo agora com Vale e Déia não tem nada a ver. (47) O que todos temos em comum é o desarraigamento, o fato de não pertencer a nenhuma pátria. Embora sintamos e falemos sobre a pátria grande, sempre nos falta o amor da pátria pequena. É como a diferença que existe entre os companheiros e o Companheiro. Cláudia e eu não captamos inteiramente a mudança de 64; tudo era mais dissimulado,

mais tênue. Morávamos aqui, mas nossos amigos eram brasileiros, a música que ouvíamos era brasileira, vivíamos com o olhar fixo no Brasil, esperando que a estada no Uruguai fosse curta. Não havia conflito de valores, pelo menos desencadeado. No Brasil, Clá e eu éramos as típicas bobinhas de pequena-burguesia que sonham melhorar socialmente, e as amigas que nos rodeavam, também. Em Montevidéu, os amigos brasileiros também pertenciam a essa camada social, embora já houvesse uma tentativa de aprender algo diferente. Mas Clá e eu pudemos fazer nossos processos. Houve uma mudança que foi transformando nossas vidas à medida que o tempo ia passando. Tivemos tempo para aproveitar e assinalar o positivo da mudança. Mas a sofremos. Eu sofri a solidão até 70. Depois encontrei meu meio. O problema de Valéria e Andréa, porém, é completamente diferente, pois em 3 anos elas vão viver em 3 (ou 4) países diferentes. Digo “ou quatro” porque suponho que vocês devem estar com as malas prontas, tudo pensado para quando as coisas se definam aí. Disseste à dra. Martínez, papai, que a coisa aí podia agüentar uma semana ou dois anos, o que é uma insegurança total. Além do mais sabes muito bem que, se acontecer alguma coisa, o que ocorreu em junho de 1973 (48) vai parecer uma brincadeira de criança. Temo muito por ti, entendo as razões que tens para ficar, e as respeito. Mas para poder realizar a obra que nos propusemos, geralmente é necessário estar vivos e livres. (...) Outro aspecto totalmente diferente do que tivemos que superar Clá e eu é a maior violência e clareza das opções, dos valores e de tudo o que acontece no mundo. Isto pode ser positivo, existem menos possibilidades de alienação, mas para tudo há idades (não cronológicas). O mundo, a sociedade impõem às gurias: vocês devem ser assim; e a família, que tem outros valores, lhes diz: vocês devem ser dessa outra maneira. Flávia, desde o calabouço do Batalhão Florida, diz: vocês sejam como são. À Cláudia e a mim ninguém exigia nada, tudo era mais a ritmo de aldeia, mais digerível. Nem mesmo inteligência nos exigiam, pois ainda não tínhamos descoberto nossa facilidade (que não é devida à inteligência, mas sim à nossa maturidade, mais desenvolvida que na maioria dos outros da nossa idade) para os estudos. Claro que, se não forem expulsos logo daí, as gurias vão poder se adaptar, com maior ou menor quantidade de sofrimento. Eu recomendo a elas que inventem uma personalidade aventureira e curiosa, que é a melhor forma de aproveitar nossa forma de fazer turismo. Sabem o que é a vida? É um eterno fazer e desfazer nós uns com os outros. Quando se muda uma planta de lugar, ela torna a crescer, “diferente”, mas igual, tudo depende dos cuidados que lhe

dermos. Como dizia alguém: é horrível (e ao mesmo tempo alentador) como tudo passa nesta vida. Andréa, chora bastante, para dentro de pouco tempo poder rir bastante. Sabes que a felicidade é uma capacidade que a gente tem dentro de si: podemos ser felizes em qualquer lugar, é como um solzinho que temos dentro de nós e que dá calor e luz. E sempre encontraremos essa felicidade, só é preciso saber buscá-la. (...) Papai, lendo "Quarup", me lembrei de algumas coisas que quero compartilhar contigo: a sexta-feira 13 do Comício da Central, com o Leblon cheio de velas acesas para rogar a Deus que afastasse o "perigo vermelho". O padre Alípio, num domingo que voltávamos do cinema (acho que era 31 de março) - eu estava com o vestido branco com "petit-pois" verdes, que tu sempre dizias que estava curto demais - deixou um recado em casa que dizia: "o golpe está na rua". Quando prenderam o almirante Aragão (sempre me lembro dele), na frente da nossa casa. Proponho que escrevas um livro sobre os métodos que têm os senhores patrões para os golpes, a grande importância que dão ao fator psicológico (o elemento subjetivo) de cada setor da população, e como manipulam isso. Eles fazem o que nós nos esquecemos de fazer: estudar profundamente a realidade. (...) Vale, não te esqueças que és livre, e não convém prestar muita atenção àquilo que opinam os demais sobre as coisas que só a gente sente e sabe. É preciso ouvir, pensar e fazer depois o que a gente sente e pensa. Porque é amando que se aprende a amar. Um dos objetivos de todos nós, e que tem que ver com a "transparência" de cada um, é conseguir uma coerência entre sentir, pensar, dizer e fazer. Que tudo isso seja uma coisa só. O mais difícil de tudo é saber o que sentimos. O resto, se somos honestos, é fácil. (...) Mando-lhes tantos beijos como lágrimas saem de Andréa numa semana (quero só ver quem me ganha no jogo dos beijos depois dessa!).

(47) *Transferência de Valéria e Andréa para a Argentina onde já estavam seus pais.*

(48) *Referência ao golpe de estado no Uruguai e ao futuro golpe militar na Argentina, que derrocaria Isabel Martinez de Perón.*

5/8/75

(..) Já decidi não chorar na próxima visita, em primeiro lugar porque não vai ser a última; em segundo, porque a gente chora quando perde algo, e eu não perco vocês duas, vão estar apenas um pouquinho mais

longe; em terceiro lugar, só para ser “do contra”, podíamos variar e fazer uma despedida entre brincadeiras, sorrisos da ratinha Andréa, olhos brilhantes da gata Valéria, não é mesmo? (Mas pelas dúvidas vou levar um lenço limpo no bolso). (...) Hoje já é terça-feira de madrugada; portanto, se escrevo muitas incoerências, vocês já sabem porque é; tenho uma vontade imensa de conversar com vocês com toda a tranqüilidade, contar-lhes sem pressa um monte de coisas lindas, e com acompanhamento musical, o que é que vocês acham disso? Acaba de aparecer a adorada Bizi, que anda tão insuportavelmente mimosa que só come a comida quando eu a dou na boca dela, passa o dia dormindo na minha cama e neste momento roubou a tampa da minha caneta para brincar. Não podem negar que estou bem acompanhada. Hoje não estou muito inspirada para escrever, não tive tempo de pensar nada “filosófico” para compartilhar com vocês, tenho vivido despreocupadamente, pela primeira vez depois de vários meses de calabouço. Isto é muito bom, pois significa que estou de férias do mundo de recordações e de sonhos...

16/8/75

Suponho que, enquanto escrevo esta, as meninas já devem estar em Buenos Aires. Como gostaria de estar lá, também! Recebi a carta de 10/8 de papai e mamãe, que me deixou muito contente. Antes de continuar, na dúvida de que estejam preocupados, vou lhes contar que estou muito bem; a alergia já passou quase completamente; para a pressão alta, agora estou tomando somente diuréticos (tenho que ir 200 vezes por dia ao banheiro!). Na última carta terão percebido que eu estava bastante “saturnelli”, mas hoje já estou em condições de escrever-lhes bem. (...) Adorei a carta da mamãe e te entendo bastante bem. Eu também tenho os meus planos (sonhos) para o futuro que tenho certeza que vão ser do teu agrado: morar num lugar onde nunca faça frio, ter uma casinha com um jardim cheio de flores e no quintal plantar alface e tomates, Paulinho e um trabalho onde possa sentir-me útil, aportando, construindo. Minha meta atual é o Peru; algum dia nos encontraremos lá. Sonhos e sonhos... Mabel sempre que dizia que não sonhasse, mas eu acredito que é preciso sonhar, sonhar muito (“a cabeça no céu e os pés na terra”), que o sonho pode tornar-se ação e ampliar os horizontes. (...) Digo-lhes de novo que me alegra muitíssimo não ser deixada de lado na vida cotidiana de vocês, por mais problemática que esta possa ser, pois isso me ajuda a superar o sentimento de solidão e de “estar fora do mundo”, do “túmulo”, do

“congelador” que se sente depois de tanto tempo em cana. Precisávamos falar de tudo e de todos, conhecer-nos um pouco, não no estilo “eu acuso” e portanto “eu me defendo”, mas simplesmente isso, falar, falar. A outra coisa que eu queria dizer (e já briguei com meio mundo por isso) é que não existem formas mais ou menos importantes de militância, *todas* são importantes, *todas* são grãosinhos de areia, *todas* servem. Há gente que nega a minha e há gente que nega a tua, paizinho; pois estão todos enganados; são formas diferentes, porém igualmente válidas, de buscar a mesma coisa. Outra coisa, se não queres brigar com a Déia, acho bom que trates bem Horácio, que por outra parte é moreno, de Leão, e estuda Medicina, *todas* coisas muito importantes. Estou completamente de acordo com vocês, durante todos esses anos (tu e mamãe, as gurias e Jorge) me deram amor e apoio em forma massiva e incondicional. Toda a vida não será suficiente para que eu possa agradecer-lhes isso. Estive revendo tudo o que vou ter que lhes contar sobre esses últimos anos, vou ter que ficar dias e dias falando. Milhões de coisas. O bom é que sinto que não perdi o tempo nem me perdi, vivi. (...) Vocês conhecem a música “Volver a los 17”, de Mercedes Sosa? O que eu queria lhes comentar dessa canção é isso de “voltar aos 17 depois de viver um século”. Nossos anos aqui e tudo o que vivemos corresponde a viver um século. O importante é não perder a capacidade de tornar a ter 17 anos. Bom, mamãe me derrotou com a quantidade de beijos que mandou. Retruco-lhes com isso: tantos beijos quanto a bronca que me deu de ler a redesgraçadíssima revista “Manchete”. Tchau!

26/8/75

(...) Estou muito preguiçosa. Passei toda a semana lendo ou sentada na cama com os braços cruzados, pensando; a imagem do ócio. (...) Quando sair, primeiro vou procurar um trabalho, pois fico com muita vergonha de não ter trabalhado nunca na vida. Ontem, quando estávamos fora, no recreio, passaram todos os aviões que estiveram nos festejos do dia 25 de agosto, e eu não sei se tenho alguma neurose de guerra (deve ser pelos livros e filmes), mas quando passavam muito baixo, eu tinha que apertar os dentes e conter-me para não me atirar no chão. É incrível como a gente adquire uma série de atitudes e reflexos mais ou menos inconscientes pela situação que vivemos. Quando eu estiver com vocês, vão poder percebê-los claramente. Alguns desses reflexos vão fazer vocês morrer de rir, mas

outros são bastante trágicos. Sabem que outra coisa quero que me mandem de Buenos Aires? Uma flauta, pois lá são bem mais baratas do que aqui. São de madeira e muito fáceis de aprender a tocar. (...)

1/9/75

(...) Já está chegando a primavera. No ano passado, nesta mesma data, a Negra e eu comentávamos que a única boa notícia que tínhamos era a da chegada da primavera. Parece que foi ontem e já passou um ano. No entanto, isso é bom: 1975 passou voando e em algumas coisas foi assombroso. Ocorreram coisas que eu nunca pensei que poderiam acontecer. Tomara que siga assim, bem mansinho. Seria o primeiro ano de tranqüilidade que vivo desde 1972. Cheguei aos 50 quilos! Decidi deixar as manias de lado e começar a comer. Abri a lata de leite em pó e estou tomando umas três xícaras por dia. Adoro tomar leite com açúcar de noite, quando estou deitada. Isso e o último cigarrinho com a luz apagada já são ritos. (...) Já lhes disse que me dá muita raiva ler “Manchete”? Fiquei furiosa com a reportagem com Ivo Pitanguy, “O Triunfador”; e Carlos Heitor Cony, em que onda anda? Adoro a forma como berram com o assunto de Portugal. Gritem bastante. Havia nessa reportagem uma foto que me arrepiou, pois todo meu romantismo militarista subiu à minha cabeça: os páraquedistas coloniais (recordei os pretorianos e Lartéguy) com cravos vermelhos nas lapelas. Tive um verdadeiro ataque quando a vi. Acontece a mesma coisa quando leio algo sobre o Peru. E pensar que tudo aqui poderia ter sido tão diferente!... Vou ter que te contar toda essa história, paizinho, vale a pena. Foi uma manobra maquiavélica, muito sutil, muito psicológica e guiada em forma impecável. Acho que foi a vez em que senti com mais clareza como é possível usar as pessoas como se fossem marionetes completamente inconscientes do que está acontecendo; isso me repugna. (...)

10/9/75

Meus amores: Aqui estou, rezando para que não nos transladem ainda. Terminaram de arrumar (por enquanto) os meus dentes. O dentista disse que eu tinha uma boa dentadura; morri de vergonha quando ele me perguntou se tinha chupado bico durante muito tempo (pela forma do céu da boca), e eu tive que lhe explicar que não tinha

chupado bico, mas sim o dedo; não dá para esconder nada nessa vida!
(...)

17/9/75

Meus queridos: estamos na nossa nova casinha, finalmente juntas! Chegamos há dois dias, estamos muito bem instaladas; estamos em algo que pode ser chamado de quarto com banheiro privativo, com um maravilhoso chuveiro com água quente. Dormimos em camas-beliche, Lia em cima e eu embaixo (tenho medo de cair se durmo em cima). Com a Lia não tenho problemas, conversamos muito esses dias, cantamos e dizemos bobagens. Tínhamos, as duas, muita necessidade de falar, falar e falar de todas essas coisas que guardávamos dentro de nós, coisas das nossas vidas, nossos sonhos e experiências. (...)

24/9/75

(...) Não é verdade que já passei a pior parte da minha cana. Infelizmente, a parte mais difícil vai ser a próxima. Ainda tenho muitos anos como presa, pela frente, anos nos quais vou ter que fazer um grande esforço para não me estancar, não me embrutecer, não me congelar, não me sentir morta. Até agora as descobertas que fiz (sobre mim, sobre nós, sobre a vida, a felicidade, o amor, a amizade, o companheirismo, a natureza), têm me permitido viver momentos muito plenos. Um pedacinho de céu com uma nuvem e uma árvore até agora conseguem comover-me e satisfazer-me, mas já começo a sentir que isso não é suficiente. Por quê? Porque cada vez vemos mais claramente que temos 20 anos, demos tudo e portanto temos direito a tudo. E além disso, com toda a experiência humana que acumulamos sabemos o que é a felicidade e como podemos obtê-la, e sabemos muitas outras coisas que necessitamos compartilhar com os outros. Não adianta nada colher para depois guardar tudo num depósito. (...)

1/10/75

(...) Aqui estou, ainda tratando de fazer frente à avalanche de beijos que a mamãe me mandou, de longe a melhor comparação e que

portanto fica com o primeiro prêmio no concurso de beijos, protagonizado por Déia, mamãe, às vezes Clá e eu. (...) Estamos fazendo uma hora de Ioga por dia, gostamos muito, nos faz muito bem e já se tornou uma necessidade. Estudamos muito arqueologia, francês e de vez em quando falamos em português para exercitarmos. Quando a flauta chegar, nos dedicaremos com muita seriedade à aprendizagem. (...) Maravilhosas as cartas de papai e mamãe. Acho que vamos ter milhões de coisas para dar-nos. Comparado conosco, Rockefeller é um mendigo. (...) A amizade da Negra, a descoberta de vocês, foram experiências no plano afetivo que fizeram a cana valer a pena. Além disso, está todo o resto que aprendi por aí. Sabem qual é o sentido da vida, segundo Fromm? Viver...

8/10/75

Que data, hein, lindos? (49) Estou escrevendo de manhã cedinho, numa formosa manhã de primavera, subida no segundo andar da cama-beliche, tentando não olhar para baixo, pois tenho medo de sentir vertigem (!!). Contente com as notícias de Buenos Aires. Minha vida com a Lia está transcorrendo otimamente. Estamos progredindo no estudo da flauta. (...) Fazemos ioga todos os dias e é realmente excelente. Gostamos muito do “mantecol”, dos doces e dos pirulitos, embora tenhamos decidido contestar aquilo de “para os nenezinhos”. Uma noite fizemos uma orgia com eles, comemos um atrás do outro enquanto morríamos de rir com a imagem da gente: “perigosas sediciosas comendo pirulitos” ou, quando a Lia se engasgou com um pauzinho do pirulito, “perigosa sediciosa morre subitamente engasgada com pauzinho de pirulito”. Choramos de riso, vocês poderão imaginar. É isso aí, se a gente se propõe, consegue resgatar a alegria em qualquer circunstância. E que importante é não perder a alegria. Eu me convenço cada vez mais de que, se a gente leva dentro de si, como sua bagagem, essas coisinhas tão importantes como a alegria, a esperança, o desejo de dar, a paz consigo mesmo, é capaz de ser feliz e (o que está intimamente ligado a ser feliz) fazer felizes aos que nos rodeiam. Não importa onde vivemos, se este lugar onde a vida nos pôs não é aquele com que sonhávamos; o meio não é definitivo. Tudo é feito por nós, criado por nós e depende de nós. Temos que tratar de buscar sempre, em qualquer circunstância e lugar em que estejamos, o

bom, o rico, “porque no orvalho das pequenas coisas, o coração encontra sua manhã e toma sua frescura”. A felicidade não é uma idéia abstrata, nem está formada por sonhos, mas sim nasce cada dia dessa capacidade nossa de deixar que nosso coração encontre sua manhã no orvalho das pequenas coisas. Para isso, é óbvio, temos que viver o presente, embora este não corresponda ao presente que tivéssemos desejado. E tampouco podemos deixar que nossos sonhos limitem nossa capacidade de viver o presente. Eu sempre digo que sonho muito e que é preciso sonhar muito no futuro, mas que esse sonho seja feito a partir da realidade de hoje e não uma utopia irrealizável, ou um desejo de retorno ao passado. Se fazemos isso, o sonho deixa de ser uma esperança de um futuro melhor, uma força positiva que nos ajuda a superar o difícil presente, para transformar-se num fator frustrante em nossa vida. (...) Será que vocês não têm por aí um abrigo para fazer ginástica? Quando fazemos ioga gostamos de bancar as palhaças. Não sei se vocês se lembram, mas tem um exercício que se chama “o leão”, no qual é preciso botar a língua para fora; super divertido. Bem, tantos beijos como coisas lindas existem e que ninguém vê.

(49) Aniversário da morte do Che Guevara na Bolívia (8 de outubro de 1967).

15/10/75

Alô, gente querida! Aqui lhes escreve a valente escaladora Flávia Schilling, depois de árdua e perigosíssima ascensão ao segundo andar da nossa cama-beliche, à qual chegou depois de tremendos esforços, mas encontrando-se neste momento em paz e tranqüilidade e gozando de boa saúde. Estamos muito bem, sem nenhum problema. Hoje festejamos nosso primeiro mês aqui, que passou muito rapidamente; a convivência é ótima e já temos um bom ritmo de aproveitamento do tempo: nos levantamos (eu sou a última, logicamente), arrumamos a “casa”, estudamos uma lição de francês, depois estudamos História (já estamos terminando o livro de filosofia de Puiggrós, que nos entusiasmou), depois tocamos flauta, fazemos tricô ou conversamos, almoçamos, depois até a hora do recreio temos “atividade livre”, geralmente lemos ou trabalhamos naquilo que interessa a cada uma. Saímos para o recreio (ontem inauguramos o vôlei), quando voltamos comemos uma merenda, conversamos ou lemos e depois, das 5 até a hora da janta (7 ou 7,30) fazemos ginástica e tomamos banho. Depois de jantar tomamos um chazinho e cantamos, batemos um papo ou

brincamos até chegar o “homenzinho da areia”. Quando apagamos a luz, fumamos entre as duas o último cigarrinho do dia e depois dormimos. O que é que vocês acham da nossa vida? (...) Esteve muito linda a visita, fazia muito tempo que não nos encontrávamos, as quatro irmãs, juntas, todas tão parecidas e tão diferentes. Cláudia tem os olhos da cor das folhas das árvores na primavera depois de uma chuva, e Valéria é um céu de verão, nesses dias brilhantes e sem nuvens. E para Andréa não digo nada, para fazê-la sofrer um pouco. Que maldade, hein? (...) Adorei a notícia do livro de papai. Ele merece isso e muitíssimo mais, pois é um pai e um homem muito grande. A única coisa que lhe peço é que não brinque com a sorte e que se lembre que não há limites para a estupidez humana (para as grandezas humanas tampouco, claro, mas isso não é comum). Como ele é tão teimoso como eu (ou eu sou como ele, aliás), e além disso valente, não vai nos dar muita bola, mas por esta vez, não deixes que as circunstâncias externas decidam por ti; além do mais, se fores para o Peru, quem sabe se algum dia não nos juntamos todos outra vez (eu me incluo, logicamente). Não achas uma boa idéia? (...)

5/11/75

(...) Mamsi, é incrível, mas durante toda a minha vida tenho encontrado substitutas tuas na tarefa de atormentar-me com o “tens que comer!” Saio do teu controle alimentar (ai, o famoso café com leite!) e caio nas mãos da Alba e agora, nas da Lia. Por exemplo, há duas horas tomei o café da manhã e já está a Gorda me oferecendo leite, dizendo que já está na hora da merenda... (...) Não se impressionem pela visita na jaula, é preciso fazer uma espécie de abstração mental, apagar grades, distâncias e outras coisas e ficar sozinhos, as duas pessoas que se querem bem...

12/11/75

(...) No dia 24 vai fazer 3 anos que fui presa, e vou passar esse dia aqui, no mesmo quartel e no calabouço do lado do que passei de 29/12 a 29/1 de 1973, meu primeiro mês no calabouço e também de presa. Tenho a sensação de que bastaria estender a mão para tocar esse passado e ao mesmo tempo parece que ocorreu há séculos. O que

acontece é que as duas coisas são reais, a proximidade e o distanciamento. Depende do tempo que se use. (...) Esclareço que estou ofendidíssima com a Vale pelo que ela diz da nossa nova "arte" da flauta. A gaita é mesmo horrível, mas a flauta, como tem muitos sons graves, é muito bonita. Já comecei o segundo livro; como não sabia nada de notas nem de tempos, isso é o que mais me dá trabalho, mas em geral é muito fácil. (...) Sabem o que descobrimos? Que somos artesãs. Já temos uma forma de ganhar a vida algum dia: nos vestimos de *hippies*, nos sentamos numa praça, tocamos a flauta e vendemos coisinhas às pessoas. Gostam da idéia? Papai, o que me desanima um pouco (muito) de escrever é como as pessoas poderão entender e participar daquilo que a gente quer transmitir, se nunca viveram da mesma forma que a gente; é como se as marcas que deixam o que penetra na gente em forma intelectual permanecessem a nível superficial, quase nunca incorporado à nossa forma de encarar a vida. É um pouco a explicação que poderia ser dada a esse fenômeno, depois de começar a ler e ver que já quase tudo está dito, descrito, os grandes caminhos traçados há milhares de anos. E no entanto tudo isso somente se incorpora a nós quando o re-descobrimos por nós mesmos. É como se cada um tivesse que descobrir sua pólvora, sua América e sua Bíblia...

26/11/75

Olá, lindos! Acho esquisitíssimo poder escrever apoiada numa mesa, isso para nós é um luxo enorme. Estou outra vez aqui, e muito contente por isso (acho que vocês também, não é?) Bom, começo pelos assuntos burocráticos. Aqui escrevemos cada 15 dias, mas podemos receber cartas todas as semanas. Deixam entrar todo tipo de comestíveis, mas como estamos comendo muito bem e coisas muito saudáveis, não é preciso que mandem mais enlatados, verduras, balas, sobremesas, etc. Somente gostaríamos de queijo, doce e frutas. O médico nos examinou e me receitou uma dieta de carne, verdura e leite. Até é possível que eu engorde! Não podemos fazer trabalhos manuais, mas me deram permissão especial para terminar a colcha; pedimos também para terminar todos os presentes que faltam para as Festas. (...) Podemos usar saia (que emoção!), mas vamos usá-las somente dentro do calabouço, porque não temos coragem de sair ao pátio com as pernas ao descoberto (estamos nos transformando em cavernícolas). Clá, manda-me uma da Andréa ou da mãe, ou mesmo

uma tua velha, o mais comprida possível! Aderi à moda da saia comprida. Bom, como vocês já devem ter notado, estamos muito bem, dormindo como ursos durante o inverno. É evidente que tínhamos um desgaste nervoso muito grande. Ontem esteve aqui a dra. Martínez, uma visita muito bonita, ela é realmente um tesouro. Ela vai lhes contar tudo o que aconteceu e como estamos agora. Que horror! Meia página de coisas burocráticas! (...). A Gorda e eu lemos pela terceira ou quarta vez o diário de Anne Frank e novamente nos emocionamos e vibramos com o seu conteúdo. Cada vez que a gente o lê (pelo menos nessa situação em que estamos), encontra coisas novas com as quais se identifica. Vou transcrever para vocês um parágrafo do livro: *“Eu disse para mim mesma: enquanto existir esse sol radiante, este céu sem nuvens e eu o sinta em minha alma, não posso estar triste. O melhor remédio para aquele que tem medo, ou se sente só e desgraçado, é sair ao ar livre e encontrar um lugar solitário onde estará em comunicação com o céu, com a natureza e com Deus. Somente então sentimos que tudo está bem assim e que Deus quer ver os homens felizes no meio da natureza simples, mas formosa. Enquanto tudo isso existir, e sem dúvida continuará existindo sempre, tenho certeza que toda pena será consolada. Enquanto pudermos levantar os olhos para o céu, sem temor, estaremos certos de ser puros e voltaremos a ser felizes”*. E isso também é muito válido quando se leva a beleza e a natureza e a paz dentro de si, embora não possamos levantar os olhos para o céu. (...) Para vocês tantos beijos como... rimos ao comentar que agora vamos comer dois ovinhos durinhos acompanhadinhos por bolachinhas pequenininhas para recuperar as energias que gastamos escrevendo as cartinhas... Hoje sim que não me ganham, hein? A Lia está dizendo que, quando recuperar a liberdade, irá visitar vocês por muitas razões, mas entre outras, a de experimentar algumas das deliciosas comidas e sobremesas que faz a nossa mansi. Gulosa! (...)

25/12/75

Queridos todos: Já são quase onze horas da manhã e só agora estamos nos levantando, depois da comemoração do Natal. Foi muito bonito, conversamos, comemos e até brindamos com um “coquetel” de laranja e limonada! Na hora que nasceu Jesus, nos demos um grande abraço e brindamos e pensamos em todo o mundo, por ordem, em todos os “alguéns”. (...) Papai Noel esteve por aqui ontem de noite e

nos deixou um novo filho, um adorável cachorrinho de retalhos, meiguíssimo, que agora está sentado em cima da mesa, botando a língua para nós. Foi feito pela Gorda, de surpresa. Abaixo lhes mando o desenho dele. Temos um galho de pinheiro mandado por alguém enfeitando a porta e uma árvore de Natal de confecção caseira, fabricada com um cone de papel forrado de verde e muitas bolinhas de papel prateado e dourado em cima dele. O pinheirinho tem até três sininhos e uma estrela na ponta! Todo o mundo o achou maravilhoso. Imagino que Alba e Miriam também devem ter o seu, pois há anos a Negra queria ter um pinheirinho, mas nunca foi possível. Foram minhas primeiras Festas junto com alguém, desde que saí do Hospital, em 1972. Aquela noite também passamos muito bem, com muita paz. Tranqüilamente e sentindo um calorzinho no coração. Pensamos muito em vocês e espero que não tenham corrido lagriminhas pois estávamos emocionalmente todos juntos e algum dia as coisas serão diferentes. (...) Valé e Déia, por que não escrevem tudo o que vocês gostariam de conversar comigo? O papel pode chegar a ser um bom amigo. Eu escrevi muito dos 15 aos 17 anos. Depois rasguei tudo. Podem escrever tudo nas cartas. Só vocês e eu as lemos, os demais não existem (50). Bom, meus amores; embora ainda não o tenha escrito, saibam que nesta vai todo o meu amor a todos os que amo e que estão longe. Para os parentes do Brasil muito carinho, bem como para todos os amigos. Tantos beijos como pensamentos sobre vocês tive ontem à noite. Adoro-os.

(50) Referência à censura prévia das cartas.

1976

7/1/76

Meus amores: estou de novo com vocês, já no ano 76. Vamos nos esforçar para tornar esse ano lindo e positivo, na medida em que depender de nós. Vocês não acham muito certa aquela frase: “o milagre circula pelas veias do homem”? Passamos um fim-de-ano muito bonito. Desta vez a mamãe da Lia veio trazer coisas gostosas, entre elas sorvete!!! Poderão imaginar a rapidez com que ele desapareceu. Além disso, tivemos mais recreio, vôlei e outras coisas ainda mais bonitas: sentir o humano, com tudo o que isso significa. Estivemos conversando muito com Lia, sobre nós, deitadas no chão com a luz apagada e fumando até um pouco antes das 12. Um balanço de 75 para

ver como influiu este outro ano sobre cada uma. E o balanço resultou positivo. Com todos os “contratempos” que sofremos, que nos abriram, no entanto, uma infinidade de portas, melhorando muitos aspectos da nossa personalidade, coitadinha, que tem sido obrigada a formar-se entre quatro paredes e a pontapés. Bem, continuo contando. Brindamos com nosso coquetel de frutas (especialidade da casa) e demoramos uns quinze minutos, pois é preciso recordar muita gente, em todos os lugares do mundo. Fiquei muito contente que vocês estivessem todos juntos. Também para vocês esta vez foi muito melhor que o ano passado. Vamos ver se, neste novo ano, cada um em seu estilo e no lugar que estiver, pode seguir caminhando por estes caminhos de Deus e continuar descobrindo sempre coisas novas e belas para enriquecer-se cada vez mais. Pois a capacidade para descobrir está dentro de cada um, e devemos tratar de que essa capacidade seja uma espécie de fonte inesgotável: para que seja inesgotável, porém, é preciso fazer o pequeno esforço de manter os olhos abertos, os ouvidos abertos e, principalmente, o coração aberto. (...) Recebi a saia, mas depois da construtiva crítica de que parecia a Olívia de Popeye, decidi encurtá-la um pouco, até quase ô joelho. Já tive a coragem de ir duas vezes ao banheiro com ela! Os doces que mandaram desapareceram misteriosamente em dois dias; não entendo o que pode ter acontecido! O problema é que estavam gostosos demais, e a gente nem se dava conta que os comia. (...) Queria dizer-lhes uma coisa sobre o problema da convivência. Acho que uma boa experiência que demonstra que difícil e que possível é conviver bem, é a que nós vivemos aqui dentro. Temos apenas uma opção: agüentar ou agüentar. Não há possibilidade de pedir divórcio nem de ir embora batendo a porta, pois geralmente as portas estão fechadas com cadeado. As únicas possibilidades que temos são: transformar a convivência num inferno, em algo suportável ou em algo proveitoso para todos. Isto é, temos tudo aquilo que é negativo e difícil para uma convivência, sem nenhuma das coisas positivas como o amor, a afinidade ou a simpatia, pois geralmente não podemos escolher a companhia. E muitas vezes sequer compartilhamos determinados pensamentos. Bem, para que essa convivência seja um inferno ou algo lindo, tudo depende inicialmente do grau de maturidade das pessoas que compõem a cela. (E este geralmente é mínimo, pela pouca idade, o sectarismo e todas as deformações que possam ser enumeradas). Desse grau de maturidade origina-se: o respeito pelos outros, a tolerância, a valorização sobre o que é realmente importante e o que é apenas bobagem, a amplitude para reconhecer erros, a abertura para o

diálogo e a análise. Uma coisa que fazemos de vez em quando, na cela, é ver como estamos comportando-nos nas coisas diárias. Fazemos um levantamento franco das coisas que nos incomodam uma da outra, que bobagens temos que não podemos suportar mutuamente, a razão de certas atitudes agressivas que temos de vez em quando (por exemplo, há alguns minutos atrás, Lia, brincando, me disse: “vou dormir uma sestina para escapar à situação de presa”; linda desculpa para justificar um ataque de preguiça!). Conversamos muito sobre como nos sentimos com a convivência, de forma que esta não seja jamais um peso, mas sim uma ajuda. De todas as coisas que enumerei acima, acho que uma é básica: o respeito. Essa atitude nasce do respeito que a gente sente por si mesmo e que depois se transforma na maneira de relacionar-se com os demais. O respeito não significa (atenção!) indiferença, não se meter nas manias dos demais. Significa um “não” às atitudes dominantes e submissas, aos complexos de superioridade e de inferioridade. Significa entender que todos, como seres humanos, valem a mesma coisa, e que podemos e temos que crescer todos juntos. Cada um seguindo suas inclinações a fim de se encontrar cada vez mais. E eu não conheço ninguém que tenha chegado ao final desse caminho. Sabem qual é a pior coisa que acontece a todos? Nós temos uma tendência a converter-nos em ilhas, rodeadas cada uma por um vasto e perigoso oceano, quase impossível de atravessar. Isto é, encerrar-nos cada qual no seu pedacinho de terra e ficar aí. Porque, pelo menos aparentemente, é terra segura e conhecida...

4/2/76

Encantos: Por aqui, tudo bem. Estou com vontade de transformar-me em borboleta como os mandingas do “Reino deste Mundo” e sair voando por aí. Isso é uma coisa que faço todos os dias, embora apenas em pensamento. Adorei a idéia do curso de Arqueologia paralelo. É incrível como gosto da História Antiga que, em vez de ser uma forma de afastar da realidade, é uma excelente maneira de tomar a perspectiva da qual falava Brecht, e de ver tudo globalmente, percebendo o aparente estancamento e o andar em círculos da humanidade; os passos lentos porém certos que estivemos dando durante tantos séculos. Lemos o livro da “Sexualidade humana”, e isso nos fez pensar muitíssimo nas duas queridas meninas. Pensamos que seria ótimo que elas o lessem, pois ele tem uma base

ética muito boa. Inclusive vocês poderiam tentar lê-lo juntas, Vale e Déia, e discuti-lo. Além do fato de ler juntas, que é uma coisa linda e aproxima muito, vocês poderiam ir conversando sobre o que lêem e vendo o que sentem e pensam sobre cada problema. É básico conhecer e entender o tema, assumi-lo, para obter um bom equilíbrio. Uma das coisas que mais me faz sofrer, dessa longa prisão, é a impossibilidade de conversar com vocês duas, embora saiba que geralmente existe a tendência de rejeitar, durante um bom período da vida da gente, todo tipo de idéia ou atitude que vem de outra pessoa, querendo (e isso está bem) viver e experimentar as coisas por si mesmo, mesmo que os resultados sejam negativos. Mas acredito que entre nós não aconteceria isso, se existe um respeito real pelo ser humano interlocutor; nada de imposição, mas sim muita confiança. As coisas que a gente pode dizer nas cartas (quando são compreensíveis) ou assinalar nos livros, sempre são mínimas e bastante frias. Teoria. Sem possibilidade de comprovar se a atitude diária de cada um corresponde àquilo que diz e pensa. (...) Sabem como é que eu me sinto quando escrevo? Como se tivesse um dique dentro de mim, e deixasse passar por uma portinha um fiozinho de água. Fiozinho que evita que a gente se sinta completamente impotente; só meio impotente. O pior é quando este dique faz parte da gente, e não é imposto, como no meu caso. (...)

10/2/76

Meus amores: Estou escrevendo para vocês depois de ter voltado do recreio, que foi lindo, caminhando junto com Lia. Agora saímos sempre juntas, coisa que nos deu muita alegria, assim o choque de não nos ver nunca, depois de ter estado 24 horas por dia juntas, não é tão grande. Bom, estamos bem, embora não tenhamos muitas coisas para contar-lhes, pois ainda estamos acomodando-nos. Aqui se pode escrever apenas uma folha, com letra clara, colocando atrás da folha os nomes e sobrenomes de todos os que escrevem, junto com o número da carteira de identidade e o endereço. Lia e eu estivemos horas olhando e comentando as fotos, que estão muito expressivas e ternas. Apaixonei-me de novo por todos vocês e quase morri de rir com a foto do papai com as suas quatro mulheres! Imaginem quando forem cinco! (...) Estou contente de continuar com Lia; estes meses que estivemos juntas foram bons, deixaram-me um sentimento positivo. Muitas vezes fico com raiva de mim mesma, por não dar tudo o que poderia, mas

espero algum dia superar todos esses defeitos de encerrar-me e manter-me um pouco do lado de fora das pessoas e das coisas, para (nisso é que nos enganamos) evitar preocupações e sofrimentos. Mas a gente não vive tudo o que poderia. Termino: tantos beijos quanto o calor que me encheu o coração quando os vi todos juntos, tão bonitos (por fora e por dentro). (...)

16/2/76

(...) Paizinho, sabes porque em mim a diferença entre o que penso e o que faço não é muito importante? Porque, pelo menos desde que estou sozinha, trato de extrair minhas idéias da observação constante dos fatos que ocorrem em mim e em torno de mim e, a partir dessa base real, constrói-se o que é mais possível. É o caminho inverso ao que se percorre normalmente. A coerência entre sentir, pensar, dizer e fazer começa com a observação do nosso próprio sentir, que é o mais básico. Daí parte todo o resto. É preciso dar muita bola ao sentir, pois é a coisa mais pessoal que a gente possui. De qualquer forma, a coisa nunca é perfeita, isso seria pedir demais à nossa mente, pobrezinha, nada acostumada a pensar. Eu, desde que comecei a respeitar-me, abandonei muitas idéias que eram apenas adquiridas e não correspondiam à minha forma de ser. Vamos ver se vou pelo bom caminho. (...)

23/2/76

Outra vez com vocês, para outra das nossas conversas. Abandono por um momento o meu tricô, acendo um cigarrinho e ponho mãos à obra. (...) Estamos bem, nossa capacidade de adaptação é enorme e estamos felizes e tranqüilas ao pensar em todas as coisas enormemente lindas que temos esparramadas por todos os lugares, e podendo estar em paz conosco. Quanto a mim, comprovei uma vez mais minha facilidade para emagrecer. Desta vez foi tão repentinamente que decidi fazer uma operação engorda, e estou comendo bem. (...)

8/3/76

Queridos: estou tão cansada! Mas não se assustem; o que acontece é que estive dando duro com a agulha de tricô e a lâ. (...) Acho que teria que escrever uma carta dizendo apenas: "minha mamãe me mima"... "meu papai me mima"... "minhas irmãs me mimam"... "meus amigos me mimam"... e assim por diante. Vocês vão me malcriar! Todo o tempo mandando-me presentes, desde as calças novas até a ternura, passando por umas deliciosas bolachinhas e uma linda visita. Por sorte, boas notícias de todos e sobretudo das mulherzinhas queridas. É terrível, não consigo situar-me a respeito dessas coelhinhos, até mesmo quando sonho, ainda as vejo pequeninhas, Vale chegando ao meu ombro, e Déia pura perna! É uma pena que não possa viver mais de perto sua transformação em mulheres, depois de ter vivido a sua infância... (...) Dentro de dois dias vai fazer um mês que estamos aqui, passou rapidamente; e dentro de pouco mais de um mês vou fazer 23 anos! Que horror! Mas agora estou lembrando que na verdade tenho 19+4, e não tenho a menor intenção de sair dos meus 19 anos até recuperar a liberdade. E já se termina a folha. Escrevo a frase tão repetida "tenho tantas coisas para compartilhar com vocês..." e termino. Tantos beijos como penso em mamãe agora que já faz um ano que não nos vemos...

15/3/76

Amores: Tudo bem por aqui, eu tratando de continuar aprendendo dia a dia tudo o que este me dá (montes de coisas, que às vezes nem se tem tempo de assumir e de aproveitá-las ao máximo), e justamente por isso com uma vontade de viver enorme e de que chegue o dia em que possa abrir a porta do dique que tenho dentro de mim e deixar que saia toda a agüinha ... (tomara que saia mansinha, senão é capaz de afogar todo mundo...). Bom, um pouco de filosofia de preso para começar, pois acho que já estavam com saudade dela, não é? Recebi a cartinha de Buenos Aires, linda como sempre, e fiquei muito contente com a da Andréa. Sabes, irmã, que com tua atitude foste uma das coisas mais lindas e importantes de todo ser humano: honesta (ou seja, sincera contigo mesma e portanto com os demais). Acho que não vou poder transmitir-te tudo o que gostaria, e então deixo que meus olhos e meu sorriso e meu abraço façam isso por mim. (...) Maria Elena esteve aqui no sábado, mas em cinco minutos não dá para falar muito.

Mas o que me disse foi suficiente para perceber que, no dia que eu for ao Supremo (51), seria bom vocês acenderem velas em todas as igrejas e rezarem, pois lá pode acontecer qualquer coisa. É possível que eu receba de presente alguns aninhos mais... esperemos que não. (...)

(51) Referência ao Supremo Tribunal Militar, perante o qual seria julgada a segunda instância do caso de Flávia, devido à apelação da sua advogada, dra. Maria Elena Martínez.

29/3/76

(...) Sabem o que estava pensando há uns dias? Que o “povo errante” moderno somos todos nós que, no tempo de uma vida, devido aos vaivéns do mundo, nos vemos obrigados a andar, apesar de nós mesmos, mudando de pátria e viver sem fechar as malas. Anteontem me lembrava daquele poema de Bertold Brecht que tanto me entusiasmou desde os meus treze anos, “Aos que vão nascer”, que fala do tempo que sobre a terra nos foi concedido. Identifico-me muito com tudo o que ele diz, embora não mencione o maravilhoso, pleno e único que também nos proporciona esse “tempo”, se sabemos vivê-lo. Que esta vida nos permita um dia tornar a estar juntos, pois acho que uma família como a nossa, que está fortalecendo-se num caminho tão cheio de espinhos, merece tudo. Nos veremos em algum lugar tranqüilo que nos permita ter a casinha com flores e muito sol que todos, em algum momento ou sempre, desejamos. Pronto, já fiquei lírica. Uma boa notícia para terminar: sabem que já consegui fazer um monte de palavras cruzadas do livrinho, sem trapaça? Bom, tantos beijos como... força tem o grande abraço que lhes dou.

5/4/76

Dia de chuva. Tudo bem, tranqüilo, como sempre tratando de viver o ilimitado dessa nossa vida agora tão limitada, vendo se, de cada coisa pequena que fazemos (se a fazemos com o coraçãozinho), podemos extrair algo que nos dê calor. (...) Maria Elena veio trazer-me a sua cota de otimismo de sempre, sempre bem-vinda. Como vai visitar vocês no sábado, já vão ficar sabendo como vai a “menina” que já entra em seus 23 anos, tratando de não perder seus 15 nem seus 17 anos. Só quero ver o que vai acontecer quando estiver livre, aí sim, vai ser

possível olhar-se bem no espelho para ver como se desenvolveu a arvorezinha, onde ficou torta, onde secou e todos os galhos novos que brotaram. Por enquanto, o conhecimento do crescimento fica a nível intuitivo, em muitos planos. (...)

11/4/76

Feliz Páscoa! Já sei que é no domingo que vem, mas não faz mal. Que cada um encontre seu ninho, com chocolate, bombons ou ternura, que eu também vou encontrar o meu outra vez, em algum cantinho dentro de mim, meio escondido como sempre. (...) Tudo é muito difícil, merecíamos o prêmio Nobel da paciência, às vezes parece impossível superar certos momentos, tal o cansaço e a presença das grades dentro da gente. Temos 20 anos! E estamos obrigados a usar nossa capacidade intelectual, criativa e afetiva tricotando meias! (...)

3/5/76

(...) Quer dizer que a Andréa está sentindo-se velhinha? Quando fizer 15 anos vou dar-lhe de presente uma bengala. Ratinha, “todas as coisas que já aconteceram em tua vida”... e as que ainda vão acontecer! Todas as coisas mais lindas estão esperando por ti, aí mesmo, dobrando uma esquina. Já vais encontrar um “pão por dentro” ou até mesmo um “pão reversível” (lindo por dentro e por fora). (...) Eu vou indo, assumindo meus 23, contente, a fruta tem amadurecido e torna-se cada dia mais plena. É tão claro como a gente vai deixando para trás os problemas de adolescentes (sem perder seus 17, apesar de viver um século) e vai se encontrando, afirmando! Quero ver a surpresa de papai e mamãe quando tiverem que me re-conhecer, se é que ficaram com a imagem da Flávia de 19 anos. Mas acho que toda mudança foi positiva. E para Vale e Déia vai ser quase como conhecer-me pela primeira vez. E eu a elas. A mais próxima é a Clá, apesar das limitações de tempo. (...) Às vezes começo a pensar no céu em liberdade e acho que ficaria bêbada bebendo-o. Ser puro olho e paz. Algum dia será... Tantos beijos como é linda a canção: “la vida es bella, ya verás, como, a pesar de los pesares...” (52)

(52) “Canción para Laura” de Paco Ibáñez, cantor espanhol.

11/5/76

(...) Fiquei um pouco surpreendida e achei um pouco engraçado o que diz papai sobre o meu estado de ânimo. Nada mais longe da realidade. Eu, justamente para que as cartas sirvam como meio real de comunicação, trato de mostrar, através delas, pelo menos indícios daquilo que estou vivendo e aprendendo. Tenho crises e as vivo intensamente, mas como as entendo (suas causas, etc.), não me deixo envolver por elas, servindo-me muito como recolocação de mim ante mim mesma e ante a situação. É algo assim como “agarrar o touro pelos chifres” (como boa taurina); e nas cartas, geralmente, vai a descrição daquilo que já passou, já do outro lado da crise. Outra coisa: não acredito em absoluto, em nenhum momento, que esses 3 anos e meio foram “eliminados” da minha vida. Foram vividos e bem vividos e estão bem incorporados à minha realidade. Claro que teria sido melhor vivê-los de outra forma, mesmo à custa de aprender menos ou de maneira diferente, mas apesar disso, serviram muito. Uma frase de uma poesia: “Para que pensar no comprimento da estrada, se podemos percorrê-la na sua largura”; aí está resumida uma grande sabedoria: viver a vida em sua largura, em tudo aquilo que oferece o dia e o momento, plenamente. É a melhor forma de não temer o tempo que vai passando (posto que foi bem aproveitado), a vida que vai passando (pois foi vivida), nem a proximidade da morte. (...)

24/5/76

Querida família: (Paulo Schilling, Inge Schilling, Cláudia Schilling, Valéria Schilling, Andréa Schilling): Aqui estou com vocês de novo, comendo pão para consolar-me da falta de cigarros, pois ainda não entregaram os pacotes da semana passada. Que consolo, dirão! Eu digo a mesma coisa. (...) Já terão notado, pelo estilo, como são as novas diretrizes para escrever. Sempre a mesma cor de tinta, letra e redação claras, nada de poesias, contos, nada entre aspas e sempre colocar entre parênteses os nomes da pessoa sobre quem se escreve. Como poderão imaginar, por aqui tudo igual, tudo normal, estou bem, já fazendo planos para continuar estudando: penso seguir com o francês, pedagogia e psicologia, e logicamente devorar a boa literatura que vocês possam mandar. Tenho medo que o meu cérebro se atrofie. Ah! como era de se esperar, não me entregaram a carta de vocês, pena que ainda não conhecessem as últimas diretrizes, quando a

mandaram. Segundo o que me conta Clá (Cláudia Schilling), parece que vou ter que rezar muito para que as coelhinhas (Valéria Schilling e Andréa Schilling) não rodem na tão temida pelas quatro irmãs (Cláudia, Flávia, Valéria, Andréa Schilling) matemática. Mas acho que vale a pena tratar de entendê-la e ter uma boa base. Tenho vontade de dar em mamãe (Inge Schilling) e em papai (Paulo Schilling) um daqueles abraços no estilo urso. Embora ainda possa demorar, suponho que vocês vão acompanhar-me ao país que seja quando eu for embora daqui, não é mesmo? Senão, vou morrer de medo! Viram com que coisas estou me preocupando? Que barbaridade! Bom, Clá (Cláudia Schilling), esta semana podes mandar-me dois quilos de açúcar, duas carteiras de cigarros, sabão, uma borracha, e só. Estive tricotando, para entreter-me, um par de meias de lã para mim, grossíssimas, como para ir ao pólo norte, que ficaram engraçadíssimas. Um pouco mais e as uso como botas. Bom, gente querida (Paulo Schilling, Inge Schilling, Cláudia Schilling, Valéria Schilling, Andréa Schilling), podem rir ante os disparates desta cartinha e tantos beijos como calorzinho sinto no coração quando penso em vocês. Tchau!

Flá (Flávia Schilling).

4/6/76

Meus queridos: Outra vez mudei de casa e agora estou tristíssima, pois me separaram da Gordá e, por enquanto, estou sozinha. Como bem dizem que a esperança é a última coisa que se perde, ainda estou esperando; numa dessas esqueceram-se dela, como já aconteceu uma vez. Viram como sempre sucede a mesma coisa? Quando a gente já está habituado a outra pessoa, se entende bem com ela e não quer se separar, termina tudo! Que horror! Eu estou bem, acostumando-me aqui. Podemos escrever quarenta linhas (não sei se vocês também), podem mandar comestíveis e livros, mas não exagerem, mandem só um pouquinho de fruta, um pacote de bolachas, doce e queijo. (...) Deixei a flauta com a Lia, depois ela pode mandá-la para vocês. Estando sozinha não tem a menor graça tocar flauta nem nada disso. (...) Além do mais, hoje ainda estou transformada numa lamentação andante. Terei que me acostumar de novo, não à solidão compartilhada como a que tinha até o momento, mas sim à solidão total. Espero que seja por pouco tempo. E justamente nesses dias vai

fazer três anos que me tiraram de Punta de Rieles; e já na primeira semana estava me perguntando: “até quando!”...

11/6/76

(...) Já pensaste, mamãe, quando eu te pedir ajuda para atravessar uma rua, não tiver coragem para sair para fazer compras, ou quando pedir licença para ir ao banheiro?! Aqui a gente é completamente dependente dos outros, nas menores coisas, e ao mesmo tempo está completamente sozinho para suportar as mais difíceis. E isso pode marcar muito profundamente a personalidade. Eu vou bem, mais acostumada ao meu novo *status* de solidão, já pasou o desequilíbrio inicial. De qualquer forma isso se sente muitíssimo, pois com Lia falávamos muito sobre o mais importante, ou seja, de nós como pessoas, e tendo percorrido um bom trecho juntas já tínhamos compartilhado muito. Espero não ficar sufocada demais. (...) Estou saindo para trabalhar das 3 às 5, lavar roupa, fazer faxinano lugar onde estamos, lavar os pratos e tudo isso. É ótimo para desintoxicar-se, e são duas horas sem pensar e sem me preocupar. No resto do tempo leio como louca ou faço tricô como louca, tudo isso sempre (claro!) fumando como louca. Como vêem, uma atividade muito variada e intensa. (...) Pensar que eu comentava com a Lia que, agora que já ficamos três anos em calabouços, o mais possível seria que a nossa situação melhorasse e nos deixassem quietas em algum lugar! Mas parece que a coisa não é bem assim...

26/6/76

Queridíssimos: Hoje escrevo para vocês, depois do trabalho, de tardezinha, tomando um copinho de leite bem merecido. Por aqui vai tudo bem, estou mandando minha obra-prima para a Valéria, obra da qual estou orgulhosíssima, sem saber ainda como pôde ficar tão bonita. O ponto foi tirado duma “Vosotras” e o resto é fruto da mais pura improvisação. Que propaganda, hein? Só espero que não fique pequeno. Que linda foi a última visita, não é Cláudia? Como a gente aprende a aproveitar essa meia hora e como é bom sentir que se restabelece uma verdadeira comunicação! (...) Fiquei muito contente com as notícias sobre a Gorda. Poucos dias antes de sermos separadas, tínhamos comentado essa possibilidade, e o difícil que ia ser

para nós duas, depois de tanta solidão, ou de estar em contato apenas com uma pessoa mais, conviver com uma maior quantidade de gente. Brincávamos que nossa primeira reação possivelmente seria deitar numa cama, cobrir nossa cabeça e não falar com ninguém. Claro que nada disso deve ter acontecido com ela, assim como eu também me acostumei em seguida a ver caras femininas não conhecidas. Vamos ver quando vai chegar a minha vez de estabelecer-me definitivamente num mesmo lugar. Esperemos que seja logo. Amanhã vou ficar esperando a Maria Elena. Vamos ver que novidade ela tráz e se ajuda a convencer o papai a mudar de idéia; eu teria uma grande preocupação menos (53). Certamente dentro de uns dias terei a audiência do Supremo Tribunal. Além da tensão e da ansiedade cotidianas, nesse dia terei de suportar outra dose extra, seguramente nada pequena. Já lhes contei que me pesei e estou com 51 quilos? Era mais ou menos o que esperava. Quero que mamãe não se assuste, pois me sinto muito bem e estou alimentando-me bem, como sempre me recomendas. Estou contando os dias que faltam para o grande abraço com as coelhinhas e, por intermédio delas, com mamãe e papai. Bem, tantos beijos como ... grande foi o meu assombro ao ver que Déia perdeu o jogo por não ter escrito nada na sua última carta!

(53) *Referência ao sequestro e posterior assassinato de Zelmara Michelini e Héctor Gutiérrez Ruiz (22 de maio de 1976), bem como de outros asilados uruguaios em Buenos Aires; Flávia temia pelo seu pai.*

13/8/76

Viram? Hoje é sexta-feira 13, dia de bruxas! Por aqui tudo bem, um lindo dia de inverno, muito tranqüilo. Estou lendo sobre a magia e a religião, é incrível como todas as coisas que acreditamos que são lendas ou contos de fadas têm origem real em fatos verdadeiros que ocorreram há milhares de anos. Terminei o presentinho para papai, acho que ficou muito bonito, apesar de ser muito simples. Tomara que sirva em ti, paizinho, e quando o puseres faz de conta que eu estou te dando um grande abraço. (...) Estou desejando a visita, para saber mais detalhes das meninas e dos papais. Estas pequenas faíscas de outro mundo, já tão desconhecido para mim. O mundo dos livres. Mas acho que eu não vou ter muita dificuldade em adaptar-me a ele quando sair, pois tenho conseguido adaptar-me e conservar meu equilíbrio

(sempre quebrado e sempre refeito) neste, o do outro lado da mesa. Uma das coisas que mais me ajuda em cada momento é sentir que todos esses anos passados aqui não foram em absoluto parênteses nem folhas em branco, mas sim deixaram muito, em todos os aspectos, e isso vai ser muito útil para mim algum dia. Estou devorando a “Sinfonia Napoleônica” (54) e a estou adorando. É desses livros que a gente lê com um sorriso. Meu Deus! Que beleza é a inteligência! Uma conversa ou um livro inteligentes são verdadeiros prazeres!

(54) Livro de Anthony Burgess.

20/8/76

(...) Cláudia, estiveste deliciosa com o último pacote que mandaste, tão deliciosa como a famosa sobremesa (pudim de creme com creme de laranja) que fizeste, e que eu devorei pensando na nossa infância, na casa da vó, que sempre fazia essa sobremesa no seu devido tamanho gigante. Foi uma dessas coisas que fazem a gente recordar o passado, uma sobremesa com história, em outras palavras. Também lembrei as brigas em casa porque mamãe não tinha feito a suficiente quantidade para essas quatro gulosas que éramos nós. Para ficar bem comigo, mando algumas das encomendas que me pediste, para que não me faças boicote. (...)

9/9/76

Gente querida: Já estou levantada, bem da asma e bem melhor da gripe, embora continue tomando remédios. Desta vez me curo, porque estou sendo muito bem cuidada. Minha carta e a do paizinho falavam sobre o mesmo assunto, e isso é maravilhoso. É difícil manter uma boa comunicação nestas condições, quando já passaram quase quatro anos de tantas coisas não ditas, não sabidas, não compartilhadas, ou só meio compartilhadas. As cartas correm o risco de transformar-se em repetições no ar, de coisas que não servem para nada, apenas recheio ou lugares comuns, custam a sair e surge a expressão tão ouvida por mim: “ai! o que é que eu escrevo?” Por um lado as limitações de fora, a quantidade de linhas que podemos escrever, tudo isso que aperta; por outro, uma espécie de cansaço provocado pelo fato de

saber-se impotente para ajudar, embora fosse apenas por meio de palavras, nos problemas da família, simplesmente por desconhecê-los. Cada vez há menos da gente nas cartas, estas têm uma estrutura formal e dizem o formal, tudo predizível com anterioridade. Isso era uma coisa que eu já tinha sentido há tempo, e agora aparece em primeiro plano pela impossibilidade de canalizar a necessidade de comunicação por outro lado. É como num casal, ou entre duas pessoas muito amigas: quando existe um bom vínculo, que satisfaz, há uma espécie de auto-abastecimento mútuo e desaparece a necessidade de sair para explorar novos mundos, pois todos os mundos estão na relação. Claro que isso nunca sucede totalmente com ninguém, mas em mim incide; por isso, muitas das minhas cartas foram “formais”, pela simples razão de que o que eu mais necessito é viver e sentir e agir e ver-me nas situações concretas de vocês; quando tenho a oportunidade de fazer isso, atiro-me nela de cabeça (tentando sempre manter a cabeça fora), pois daí é que poderei tirar jainhas para o meu tesouro. E consigo vencer o papel e a estreiteza, deixando alguma coisa que me sirva de guia. E então começa a acontecer o reconhecimento e o desconhecimento da gente, tudo isso num grau muito elevado. (...) Pai, a preocupação é constante, pois tem sua base na realidade e a única coisa que posso fazer é ignorá-la, fingir que não existe. Mas num determinado momento ela explode, como naqueles três dias do IV., onde felizmente tive quem me escutasse e compreendesse.

15/9/76

(Desde o Batalhão Florida).

Que mundo tão cheio de casualidades! Hoje faz um ano que fui embora daqui, e aqui estou, rodeada outra vez pelas paredes azuis. Quantas coisas sucederam neste último ano e aqui tudo me parece muito igual a antes, muito familiar e conhecido. Cheguei na quinta-feira, dia 9, e, agora sim, estou completamente sozinha, coisa que não acho nada engraçada. (...) Aqui estamos (“estamos” por costume) muito bem, há muita tranquilidade e é sem dúvida o melhor lugar do ponto-de-vista de alojamento. Aqui podemos escrever uma folha inteira todas as semanas, e isso vai nos ajudar muito, a caneta corre mais livremente pois há um limite menor (ah! as famosas 40 linhas!) Logo que cheguei comecei a tricotar desesperadamente (para fazer

algo com as mãos e não estar sempre na posição do “pensador de Rodin”); desmanchei o casaco azul que tinha e comecei a fazê-lo de novo. (...)

29/9/76

Ola, queridos! Esta semana pareceu-me menos comprida do que a anterior, talvez por ter tido algo concreto para fazer, ou por não me ter preocupado tanto com a passagem dos dias. Estou bem dentro do bem que se pode estar aqui, acho que um pouco menos louca que nos dias anteriores. Estou desejando saber o que pensam papai, mamãe e as meninas sobre minha nova correspondência com o Magro. Para mim é muito importante, embora mantenha uma atitude evasiva, um pouco de avestruz, muitas vezes, ou a atitude do caracol ou da tartaruga que se esconde dentro da carapaça. Ultimamente tenho sabido tão pouco daquilo que vocês pensam! Por esses dias estive pensando sobre “as coisas que a vida tem” e me lembrava da infância, quando íamos para casa da vó, nas férias. Não posso me esquecer da hora da sesta, quando eu aproveitava para ficar fora, brincando, embaixo da parreira ou no quarto dos brinquedos. Vocês se lembram daquelas tardes de mormaço, sem que se ouvisse o menor barulho, salvo o do vento nas folhas ou alguém que passava ao longe? De repente, eu tomava consciência do silêncio e da solidão em que estava, e sentia um pânico feroz, que me obrigava a ir voando para casa, a fim de ver se todos os outros ainda existiam. E depois não tinha coragem de ir brincar de novo, e ficava na frente da casa, perto da porta. A sensação de pânico ante a solidão. Sempre a sentia como uma solidão ameaçadora (meus temores eram dois: do homem que me cortava com um machado como o que havia no galpão (!!!) e que aparecesse (como no filme “Marcelino, Pão e Vinho”), Jesus na cruz. E eu, ao lembrar-me agora de tudo isso, me dizia: “Pobre menina Flávia que de certa forma viu concretizados seus medos infantis e tem de suportá-los inevitavelmente!” Espero não começar a auto-compadecer-me demais. Comecei outra vez com meus sonhos kafkianos, algum dia gostaria de descrever-lhes algum deles, poderiam sair belos filmes sobre a angústia e o medo...

30/9/76

Meus anjos: Hoje sim que faz frio e aproveito para usar o lindo casacão que me mandaram de presente. E depois de amanhã vou vê-las, estaremos de novo as quatro irmãs juntas, esperando o dia em que estejamos todos do mesmo lado da mesa (eu do lado de vocês, obviamente). (...) Por aqui vai tudo bem, estive sonhando com Lia, o que quer dizer que estou preocupada com ela. Tomara que esteja na melhor forma possível. Estou terminando o livro sobre budismo e psicanálise, é maravilhoso. Continuo me interessando cada vez mais pelos problemas da personalidade e do ser humano em geral, e é cada vez mais claro que, quando sair, vou ter que especializar-me em alguma coisa dentro desse campo. (...)

27/10/76 (Punta Rieles)

(...) Fiquei muito contente com a cartinha da Claudia; temia que ficasses um pouco preocupada pelas distâncias, as grades, o uniforme, etc., coisas todas essas que podem provocar uma sensação de afastamento e de incomunicação, até mesmo de desconhecimento mútuo. Eu percebi, estando aqui, acompanhada e com uma dinâmica de vida cotidiana bastante cheia, que é preciso pensar as relações, resgatá-las a cada momento, colocá-las aqui, pertinho, para mantê-las vivas e cálidas apesar das dificuldades que surjam. Eu dou um grande valor a todos vocês e me interessa muito conservá-los perto de mim! Formam parte dos meus tesourinhos. Bem, viram que daqui a pouco já vai fazer um mês que estou aqui, nesta vida, bastante diferente da anterior em algumas coisas, mas basicamente igual em conteúdo: a solidão de quatro paredes. Ainda me acontece olhar e sentir-me surpreendida por estar aqui, da mesma maneira que, estando sozinha, olhava e me surpreendia e achava absurdo que eu estivesse entre as paredes e com a porta fechada, quando a menina Flávia tinha tanto medo da solidão e do silêncio. Mas agora a surpresa é positiva, estou contente de ser uma presa "normal" e trato de esquecer as coisas ruins destes anos, tentando estabelecer-me, com a bagagem boa que trouxe, o mais solidamente possível na nova casa. Cheguei em péssimo estado físico, ainda me canso muito, estou nervosa e sem poder me concentrar muito. Trato de jogar bastante vôlei para despertar os reflexos adormecidos, olhar muito para longe com os pobres olhos que ainda se revoltam contra a luz e o espaço aberto, e de trabalhar bem na

horta, trabalho do qual continuo gostando demais. Vou ver também se continuo com a flauta e me torno uma “virtuose”. Já recomecei a ler, depois de quase duas semanas de um bloqueio tão grande que me obrigava a ficar como boba sem fazer nada durante horas. Ainda tenho que me equilibrar em muitos aspectos; em primeiro lugar, equilibrar-me comigo mesma e, a partir daí, com os demais. Desejo que recebas logo, Claudia, a maravilhosa correntinha que mandaste, pois ela representa muito para mim e quero levá-la quando receber essa tão estranha, desconhecida liberdade. Daqui vemos muitos aviões e gosto muito de olhá-los, são todo um símbolo para nós...

9/11/76

Meus queridos: Estou com uma vontade imensa de conversar com todos vocês, para tranquilizá-los a respeito da má notícia do Supremo Tribunal, que, na verdade, não me foi nada surpreendente, embora a gente sempre espere que essas decisões sejam tomadas de acordo com a realidade de cada um, esperança certamente bastante ingênua. (55) Eu estou bem, é uma sorte estar aqui pois tudo ajuda para que a gente não sufoque e mantenha os pés na terra. É claro, fiquei com vontade de chorar um pouquinho, pois tenho muita vontade de viver, mas Maria Elena ficou tão triste que me dediquei a consolá-la; logo depois comecei a fazer contas, pois, na realidade não há tanta diferença entre sair aos vinte e oito ou aos vinte e nove anos. Viram que maneira de consolar-se? A única coisa que perdemos realmente foi a esperancinha constante, mas também tão irreal, da liberdade condicional, mas já está feito, assumo tudo isso como definitivo e todos temos que encarar o assunto com serenidade e confiança. Podem ver que continuo com meu otimismo brasileiro de sempre, e que tudo vai dar certo e vamos terminar o livro com um: e viveram muitos anos, muito felizes, rodeados dos seus pais, irmãs, cunhados, filhos e netos. A semana passada foi, como diriam os horóscopos, adversa, pois além da minha ida ao tribunal, derrubei sal na mesa durante a janta e, uma hora depois, quando ia me deitar, a tábua da minha cama beliche saiu do lugar, cai e me machuquei toda. Comprovei, além do fato de que deixar cair sal na mesa traz realmente azar, que aquilo que aparece nas histórias em quadrinhos, o galo que cresce e cresce num segundo, também é verdade. Em uns trinta segundos criei um galo do tamanho de ovo num pômulo, e machuquei a cabeça e a coxa. E fui à audiência tão solene com um olho roxo, nos mais lindos matizes de violeta e azul. Fiquei com vontade de fazer uma maquilagem da mesma cor do outro

lado, para não ficar anti-estética, mas depois mudei de idéia. De qualquer maneira, este último ato teve sua parte linda, que foi ver o Magro e senti-lo tão bem. Como diria papai, encontrar sempre as coisas boas e bonitas numa situação má e feia. Todos fizemos o que pudemos, e agora é preciso continuar tendo paciência e cultivando sempre o nosso carinho familiar. Só tenho que lhes comunicar uma coisa (viram como estou solene?): aumentei minhas exigências para o dia em que sair daqui: além de querer ir para um país onde não faça frio, tem que ser um país onde não haja vento. Portanto, podem começar a estudar geografia e mandar-me propostas, pois já sabem que também já me deram a expulsão do país. Que complicada se torna às vezes a vida da gente, não é mesmo, querida família? (...) Quando vocês vierem vão ver como fico bonita com o uniforme e com o cabelo bem curtinho e crespo, como nas fotos de criança. A vida por aqui está se normalizando, embora ainda esteja muito no ar, e às vezes fique um pouco tonta com o barulho. Felizmente tenho facilidade para concentrar-me, então procuro algum cantinho e começo a ler (...) Desde a minha queda, estou dormindo numa das camas de baixo, por via das dúvidas... Queridos, não se preocupem e aproveitem bastante a vida; as coisas amargas que não têm solução, temos que deixá-las mansas. Despeço-me de vocês por hoje, vou tomar o chá (viram que maravilha?) e mando muitos beijos, tantos como vontade tenho que chegue logo a primavera. Tchau!

(55) Referência ao julgamento em segunda instância de Flávia, pelo Supremo Tribunal Militar, no qual recebeu a pena de 10 anos de prisão, mais 2 a 5 anos de medidas de segurança, que impossibilitam sua liberdade condicional, após cumprir a metade da pena.

23/11/76

(...) Mamãe quer saber como vivo e o que faço: me levanto cedinho, como todas, visto-me completamente adormecida, vou ao banheiro, como algo, tudo isso matizado com sonoros espirros que duram até a hora do recreio da manhã. Nos recreios jogo vôlei, às vezes lavo roupa e trato de acostumar meus olhos ao espaço e à luz. Dentro leio, estudo flauta, faço alguns trabalhos manuais, ando muito tempo divagando, ainda um pouco sem vontade de fazer alguma coisa, sem saber bem a que destinar o meu tempo, a fim de que me possa ser útil para a nova vida que virá algum dia quando eu sair. À tarde saímos

novamente para o recreio, e à tardinha vamos para a horta. Adoro ir lá, continuo gostando muito das plantinhas e sempre que arranco um trevo me lembro do conto do grilinho do trevo, que fez chorar o homem insensibilizado pela vida. Além disso, todas dizem que estou ficando bonita, toda vermelha no rosto. O meu galinho vai bem, espero não ficar com uma cicatriz, pois já tenho suficientes. Acho que quando for passear pelas Europas vou ser uma perfeita camponesa alemã ou holandesa, com as faces coradas e redondinhas e as pernas e os bíceps bem desenvolvidos. Agora começou a música, um lindo tango bem apropriado para a tarde tão linda sobre o campo...

7/12/76

... E já estamos chegando ao fim-do-ano. Como foi este ano para vocês? Eu, apesar de todas as coisas negativas e desgastantes que tive, o classifico como um ano bom, dentro do relativo que pode ser um ano bom sem liberdade. (...) Estou terminando uma colchinha para o bebê que vai alegrar a nossa vida, talvez dentro de pouco tempo, pois parece que está apressado. (56) Estamos muito compenetradas com o papel de tias. Estou estudando também o parto sem dor, em parte para acompanhar a futura mamãe, e também para estar em forma para a minha principal tarefa quando sair. Além do mais, o livro é maravilhoso; foi escrito por Frankly Read, um obstetra inglês que ama sua profissão, ama a vida e portanto ama as crianças, e consegue transmitir tudo isso sem perder o rigor científico do tema. Às vezes, em algum trecho especialmente belo sobre o significado da maternidade, choramos um pouquinho, mas com essas lagriminhas lindas, dessas que não são tristes nem angustiadas, que exprimem a emoção de ter sido tocado no coração. Que bom que é ser de vez em quando algo de um ser humano plenamente humano, de um religioso no sentido exato da religiosidade e que é capaz de ver e dizer as coisas com a simplicidade que têm sempre as coisas verdadeiras. (...) A carta da Clá é um tesouro e fiquei emocionada quando a li. No dia em que fiz meus quatro anos de idade, fui festejada pelas outras gurias com uma deliciosa salada de frutas. E são mesmo quatro anos de idade, pois não tem dúvida de que me salvei por uma dessas coisas incompreensíveis, que alguns chamam sorte, outros Deus...

(56) Referência à gravidez e ao futuro parto de Jessie Macchi, uma das nove "reféns", companheira de Flávia.

21/12/76

(...) Recebi a cartinha de vocês, que me deu muita alegria. Senti todos vocês aqui comigo, cada qual com seu estilo, sua personalidade e sua forma de expressar-se, ajudando-me, como sempre, naquilo que é tão importante para mim, que é o sentir-me integrante com todos vocês da nossa família tão rica e bonita (...) A minha vida aqui continua como sempre, estou mais tranqüila, adiantando no estudo da flauta, sempre com meus escritores ingleses do século dezoito, tratando de não ser tão desajeitada no vôlei. Vou muito devagarzinho comigo mesma, dou-me o tempo necessário para a adaptação. Tento agir de acordo com minha forma de ser, isto é, da forma mais suave e mansa possível! Pensar que a vida poderia ser tão simples se a gente e os outros não se encarregassem de complicá-la tanto! Estou coqueteando novamente com Freud e a psicanálise, mas seu estudo torna-se muito longo, pois sobre cada ponto pode-se polemizar tanto! E é lindíssimo não se restringir àquilo que a gente lê, mas sim ver qual foi a experiência vivida, e extrair dela deduções que podem ou não estar de acordo com o que se estuda. É tão rica e complexa a personalidade humana! Há uns dias descobri que estou bloqueada no tocante a algumas coisas que vivi, estando presa, não no sentido de tê-las esquecido, mas sim no de tê-las arquivado e inconscientemente processado, mas sem saber que as tenho, até chegar a ocasião de falar sobre elas. Isso me fez pensar que minha vida não vai ser suficiente para contar-lhes tudo, quando estiver livre, vou ser avozinha, com oitenta anos e ainda vou estar me lembrando de idéias ou anedotas que experimentei aos vinte. O que é que vocês acham? No entanto, não estou em desacordo com esse meu bloqueio ou esquecimento, pois é um mecanismo de defesa que serve para que o passado não esteja condicionando constantemente o momento presente. E para todos é tão importante criar raízes no presente, com os dois pés bem firmes no solo! Tomara que este novo ano que está por chegar seja mais digno do ser humano, e que vocês possam ser cada vez mais felizes, pois o merecem. No último dia do ano vou me lembrar da noite de 31 que passamos no Rio, em 1963, a festa de yemanjá, com a macumba na praia, as velas, o cheiro do mar, os sinos saudando o novo ano; de toda a beleza, liberdade e sentimento profundo que a vida pode ter. Logo compartilharemos isso tudo, em algum cantinho do mundo onde haja paz. Mando-lhes montões de beijos, tantos como desejos tenho de que sejam muito felizes, e como é tão grande essa quantidade, repartam-nos com todos os que quero bem.

1977

4/1/77

Meus queridos: Inauguramos 1977, ano que espero que seja tranqüilo para todos e para vocês e, além disso, lindo e frutífero. Aqui passamos muito bem as Festas, sem problemas, com o acompanhamento de algum violão e a recordação de todos aqueles que queremos bem. (...) Adoraria passar um período como o que vocês estão passando, numa praia com pouca gente; acho que me sentiria realmente muito livre. Não me tornei uma misantropa, porém nesses anos aprendi o valor da solidão, da paz, do silêncio para a gente. Tudo isso é ótimo para o necessário reencontro consigo mesmo, para reestruturar-se. Vou lhes contar um pouco como encaro minha situação de presa em forma global. Todos esses anos evidentemente vão me marcar, mas não penso deixar que condicionem a minha vida futura ou mudem minha forma de ser quanto ao frescor e à tranqüilidade para encarar a vida. Não utilizo a expressão "sou uma presa"; trato de conjugar isso bem, usando o verbo transitivo para dizer: "estou presa". Esta é para mim uma etapa de transição em muitos aspectos e pensar assim me ajuda a não me preocupar por coisas que não valem a pena; para conseguir tudo isso contribuí, é claro, o fato de que sou tranqüila e bastante mansa. (...) Estive pensando na quantidade de tempo que faz que não nos vemos, mamãe, e para mim é sumamente difícil aceitar essa realidade. Sou consciente da forma em que bloqueei tudo isso; evito pensar neste fato e deixo o tempo fluir, até que um dia, de repente, tudo possa ser contado em passado... (...) Trato de aprender muito e de não esquecer o que aprendo para não tornar a cometer os mesmos erros, mas isso sempre dentro daquilo que me interessa e ajuda a preparar-me para uma vida futura normal. Estou em plena etapa "helenística", no sentido do justo equilíbrio e da harmonia entre as coisas. (...)

15/2/77

Olá, lindos! Acabo de desfrutar da visão de um pôr-do-sol esplêndido, com a tormenta invadindo os azuis e apagando os tons verdes do campo, tudo isso com fundo musical. (...) Neste momento,

na cela, ouve-se o pranto de Paloma (57), que não quer tomar o seu banho, momento importantíssimo da nossa vida, claro, e que atrai uma grande quantidade de espectadoras abobalhadas com a menina. Ouve-se o rumor das conversas e de um violão, além dos barulhos da faxina, do ventinho noturno e do canto dos grilos. Durante o dia, leio bastante, agora ando com Simone de Beauvoir e um pouco de Psicologia. E também faço um pouco de trabalhos manuais, mas só um pouquinho. (...)

(57) *O bebê de Jessie Macchi.*

1/3/77

Inauguramos março com frio e gripe geral. Já estou me preocupando sobre como farei para suportar o inverno com o vento gelado que há por aqui. Estou bem, tentando sair de uma gripe, com a alegria no seu mais alto nível e mantendo uma alta média diária de lenços molhados. A única coisa boa de todo este assunto é que meu organismo se recusou a continuar fumando e não tive outra alternativa senão a de obedecê-lo, com grande dor, pois é algo agradável em certos momentos. Isso já faz três semanas, quer dizer que vou me desintoxicar mesmo. Pensei muito nas gurias no domingo, o dia em que foram embora, em como as encontrei e em como voltarão dentro de alguns meses, que mudanças poderei ver ou intuir. Esta última visita delas foi uma grande redescoberta para mim, certamente pela melhor comunicação; vi as duas na plenitude da adolescência, isto é, bem esboçadas naquilo que são, e vendo muito mais claramente o que vão ser. Tranquilizarme sempre ver como, apesar de todos os problemas da nossa vida, de tudo aquilo que tiveram que viver desde a infância, são saudáveis, vivas, encarando, cada uma de acordo com a sua personalidade, seus conflitos, mas sem se deixar absorver por eles. Adoraria poder falar com a mãe e o pai sobre tudo isso, sobre a forma em que se sentiu nas diversas etapas da família a influência de cada um e tratar de averiguar porque, apesar de tudo, existe uma boa dose de maturidade e equilíbrio em todas nós. Evidentemente Valéria e Andréa se equilibram e influem de maneira positiva. Às vezes penso para atrás e me surpreendo ao ver sempre a figura da mãezinha como a imagem da Mãe, da qual todos falam e que é descrita em filosofia e psicologia, e o papai na típica imagem paterna. Não digo isso para criar conflitos,

pois já estou imaginando que o pai talvez fique zangado e diga que ele não é patriarcal, etc. Já sei que não é assim, e não digo que ele é um Pai típico neste sentido mas sim no global, no relacionamento com o que é o tipo feminino e o masculino em suas formas de comportamento e expressão. Logicamente, todas essas elocubrações vão mudando continuamente de sentido, conforme passa o tempo, mas as imagens continuam sendo muito claras. É horrível falar disso por carta, pois a palavra sempre limita o pensamento que flui como uma torrente. (...) Obrigada por todos os presentes: os sapatos, as roupas íntimas e as blusas. Se as meninas são observadoras, devem ter verificado que sempre uso algo dos presentes nas visitas. Os óculos me ajudam bastante, embora ache que vou ter que recorrer, quando puder, ao oculista. É isso, envelhecemos e às vezes conheço a experiência tão feia de olhar-me no espelho e já encontrar várias rugas que não deveriam estar aí, sentir a pele mais flácida, ui, que horror! O melhor é esconder rapidamente o espelho e pensar que o milagre da liberdade também servirá de fonte rejuvenescedora...

15/3/77

Oi, queridos! Recebi as fotos de todos vocês, tão lindas; como sempre, examinei-as detalhadamente, vendo tudo, os rostos, os gestos, as roupas, a paisagem e emocionando-me ante papai e mamãe... Tenho dois pensamentos proibidos: o do tempo que faz que não nos vemos e do tempo que ainda passará até poder abraçá-los. É melhor não pensar nisso. Achei vocês muito bem, o paizinho lindo como sempre, a mamãe sempre magrinha e tão elegante. Gostaria tanto de poder estar com vocês! Estava pensando que, aparentemente, é inevitável que a gente durante a vida tenha que passar por um período de distanciamento com seus pais; somente depois de conseguir a afirmação mínima da sua personalidade, podemos dar-lhes realmente o valor que têm. Isso é uma pena, mas cheguei a pensar que talvez seja um período necessário da nossa vida, um pouco independentemente do tipo de educação que tenha sido aplicado. Penso que essa separação ou rejeição àquilo que significam os pais, para que a gente possa colocar-se no lugar principal sob o sol, poderá ser mais ou menos doloroso ou conflituoso, mas vai ocorrer sempre, para ser superado de alguma forma depois. Recordo quando Cláudia e eu éramos adolescentes e em casa ocorriam conflitos

parecidos aos que podem suceder agora. A adolescência me faz lembrar a etapa que agora começa a viver a Paloma, que está descobrindo sua mãozinha, ou a outra na qual a criança descobre o valor mágico do “não”, ou quando começa a sentir-se um eu separado de todos os demais, e único. Só que nessa etapa o descobrimento da gente é tão importante, tão cheio de surpresas no plano físico, do caráter, das possibilidades, que não temos tempo de dedicar-nos a outras coisas que não estejam diretamente vinculadas a essas descobertas. O egoísmo existia em Cláudia e em mim, quando ajudávamos a mamãe resmungando, porque para nós era fundamental naquele momento terminar de ler um romance ou escutar outra vez o disco dos Beatles. E sentir-se incompreendido, não valorizado, incomunicado, tudo isso que sentimos tanto... até chegarmos a entender que a compreensão tem que partir de ambas as partes, do esforço mútuo por entender-se; que a valorização de um não se consegue desvalorizando o outro, mas sim através do respeito mútuo por aquilo que os outros pensam e fazem, pois na comunicação também, sempre se precisa duas aberturas... Mas isso só chega depois de um certo tempo. O importante é entender que durante esse tempo, continua existindo o carinho, a preocupação mútua e a necessidade do papai e da mamãe, bem como o papai e a mamãe precisam das suas filhas; embora tudo isso às vezes pareça já morto. Além do mais, a gente tende a revoltar-se mais contra a personalidade mais normativa, pela necessidade de fazer a sua própria experiência, de autodemonstrar que a gente já é adulto. Acho que esse período da vida de uma família deve ser o mais difícil de todos, tanto para os pais quanto para os filhos. E ainda mais nesta época, onde é preciso superar-se para conseguir um bom equilíbrio na vida e nas relações humanas. Tenho vontade de contar-lhes montes de coisas sobre como vivi a adolescência no tocante a todos vocês, meus ódios e amores, e recordar com Cláudia para rir-nos das cenas do nosso quarto, com as atitudes que assumíamos. Eu, aos dezessete anos, já me considerava completamente adulta para determinar a minha vida, e só muito depois pude descobrir que a maturidade é um processo que dura toda a vida! Logo teremos oportunidade de, reunidos, recordar o que vivem vocês agora, e acho que vamos rir de coisas que no momento nos pareceram insuperáveis. (...)

12/4/77

Olá, queridos! Hoje lhes escrevo no meio duma festa, pois

estamos festejando um aniversário e estive às voltas com os arranjos, as comidas e o chocolate para todas. Estamos nos divertindo muito; na mesa de comilança estive a Palomita, que se comportou da forma mais sociável possível, até mesmo deu uma florzinha, que levou na mãozinha, para a homenageada que, logicamente, derreteu-se todinha. (...) Já estou de volta à minha cela, sentada num tronquinho com uma almofada em cima, para que fique mais cômodo, e apoiando a folha na minha cama, coberta com a colcha de flores que a Clá fez para mim, fumando, com um fundo musical de violão. O recreio esteve ótimo, embora esteja preparando-se uma tempestade, e o céu tenha ficado todo cinzento. O campo estava aprazível, as ovelhas pastando, e a partida de vôlei, embora não tenha sido nada brilhante, serviu para gastar energias. Agora o bebê está mamando, cansado depois de ter esgotado seu repertório de gritinhos e balbuceios, cada vez mais extenso; algumas das outras companheiras escrevem, outras passam roupa ou arrumam a casa, enfim, tudo está bem rotineiro. Eu vou bem, termino o dia muito cansada e durmo bem, como sempre; o cansaço é porque me mexo muito (com a quantidade de anos que já tenho, é lógico que influa, não é?). Que horror, dentro de duas semanas já faço vinte e quatro! (...)

8/6/77

Querida família: Hoje escrevo de manhã cedinho, só agora está clareando, já tomei café, arrumei minha cama e estou sentada no tronquinho apoiando estas páginas na cama, e fumando o primeiro cigarrinho do dia, fato que, de certa forma, afirma que o dia está em marcha e que é preciso acordar completamente. Hoje este cigarro não precisa desempenhar a tarefa de inspirar-me, pois tenho a carta do pai, da Vale e da Déia para preencher esta função. Fiquei contentíssima ontem, acho que a carta serviu para cumprir seu papel de transmitir carinho, nessa linguagem quase sem palavras que é tão bonita. (...) Que coisa mais boba e sem sentido que eu tenha que estar aqui, quando o que realmente desejo é estar aí com vocês. Mas de qualquer forma estou aí, e ontem me senti muito cômoda com minha família. Tão cômoda como estarei quando estivermos juntos num país de primavera, e os aniversários sejam sem formalidades, e não uma vez por ano, mais sim todos os dias, quando nos possamos olhar e pensar que bom é estar em casa e gozar simplesmente dos prazeres e contratempos da vida cotidiana...

21/6/77

Meus queridos: Hoje lhes escrevo na data do início do inverno, e este senhor apresentou-se com todo o ímpeto por aqui. Mas não se preocupem. Estou bem agasalhada: neste momento, com meias compridas de lã, outro par curto por cima, botinhas, camiseta, a camisa azul, o blusão cinza, o casacão e uma gola rolê de lã que me protege o pescoço e o peito. E como se isso fosse pouco, ainda estou usando uma boa fita de lã para proteger minhas orelhinhas. Mas essa fita não me impede escutar uma boa música brasileira que está tocando e que me faz lembrar nossos primeiros anos no Uruguai, quando essa música era a única que escutávamos; recordo o ambiente de nostalgia que envolvia essa música e vejo claramente a casa em que morávamos, o quarto onde a Cláudia e eu dormíamos, lembro as discussões metafísicas que tínhamos à noite, as meninas brincando com Gilberto, Andréa sentada na escada brincando com seu amigo imaginário, aquela cozinha horrorosa, os primeiros sapatos com salto alto quando fiz doze anos, inclusive recordo a noite em que chegamos ao país e que papai tinha ido ao cinema e que frase mais comprida, que horror! Minha caneta hoje está se comportando muito mal...

19/7/77

(...) Estão limpando a cela e fora parece ser um desses dias frios e tormentosos. Estou com saudade dos céus azuis e do calor do solzinho. Vocês hoje podem se queixar, dizendo: tanto tempo para escrever uma carta com tão pouco conteúdo. Acontece que, evidentemente, ando muito dispersa. Nesse estado no qual todas as emoções e os pensamentos estão aí mesmo, na superfície, flutuando, mas é preciso pegar uma rede de caçar borboletas e correr atrás deles até conseguir agarrá-los e fixá-los...

2/8/77

(...) Estou muito bem, neste mês que passou me senti completa, pois tive Vale e Déia em duas visitas maravilhosas e recebi as cartas do papai e da mamãe. Portanto, estivemos todos juntos e passamos umas maravilhosas férias de julho. Já decidi que, quando estiver com vocês, além de conhecer os recitais de rock, quero assistir a essas coisas

lindas que o paizinho vai ver, embora não saiba se contarei com a companhia do pai para ir escutar algum concerto de música clássica ou borroca, que é algo que me faz muita falta. Somente agora dou valor a esse tipo de música, antes não tinha paciência, agora ela me enche de confiança e emoção, pela força e grandeza que transmite. É a música que se precisa para combater a noção de mediocridade. Este é outro prazer que vocês vão ter que me dar, quando estivermos em alguma linda cidade do mundo. (...)

23/8/77

(...) Hoje fiquei com uma saudade imensa do famoso prato de massa com presunto e ervilhas feito pela mãe, recordei-o e contei como era com todos os detalhes, e também a promessa da mamãe de que vai fazê-lo para mim quando estivermos juntos. Fico com água na boca só de pensar nisso. No que se refere a problemas culinários, vocês vão ter muito menos problemas com meus gostos do que antes, quando não aceitava molhos com cebola ou a especialidade do papai, o arroz de carreteiro. Agora tenho certeza que vou adorar tudo isso, embora sempre em quantidades pequenas para que o estômago não se revolte, e acompanhado de boas xícaras de leite frio. Não sei se já lhes disse que fiquei contente ao saber que aí em casa chegaram a um acordo a respeito dos trabalhos domésticos, estas coisas tão chatas e rotineiras que devem ser feitas se quisermos viver agradavelmente. Lembro-me como a Cláudia e eu brigávamos sobre o tema eterno de quem tinha que fazer as compras ou lavar os pratos e os vidros das janelas. Claro que Cláudia geralmente saía vitoriosa, pelo único fato de jogar-se na cama com balas ou pêssegos, e um livro, e fingir que era surda. Como eu fico com vontade de rir quando me lembro de tudo isso. E como ficava furiosa! Sentia raiva porque Cláudia comia todas as balas e deixava o rádio ligado de noite, quando eu queria dormir. E depois a Clá pegava no sono e eu tinha que me levantar para desligá-lo. Vocês vêem, agora esse detalhe do rádio não me incomodaria em absoluto, e assumiria com bom humor todas as outras coisas. Ainda bem que a gente vai aprendendo da vida a aceitar as coisas com tranqüilidade. A coisa mais linda que aconteceu aqui esses dias, foi que o nenê aprendeu a dizer mamãe, embora o diga com todas as variações possíveis que oferecem as duas sílabas. Podem imaginar que foi um grande acontecimento e aqui todas as mulheres precisamos babadores de tão bobas e enternecidas que estamos. (...)

5/9/77

(...) Às vezes, quando chega o dia da carta e eu sinto que a angústia está perto demais, me pergunto o que é que eu posso contar-lhes sobre mim mesma, que não seja mentira e ao mesmo tempo que lhes diga algo bom. Mas começo a escrever sobre a primeira coisa que me passa pela cabeça, e sempre termino encontrando algum cantinho de qualquer época e tempo que nos alegra a todos, e me ajuda, pelo fato de viver interiormente um pouquinho com vocês, e afastar melancolias. Hoje aproveitei para dar no nenê os beijinhos especiais mandados pela mamãe, e estive brigando com ela, dizendo que era uma sem-vergonha, que estava roubando a minha mamãe, que tinha mandado beijinhos para ela e para mim só carinho. Logicamente ela não entendia nada, sua cultura limita-se, por enquanto, a dizer mamamama e a fazer todo tipo de ruídos que todas nós passamos o dia imitando, como boas bobas que somos. E agora que consegui resgatar a minha caneta que estava nas mãos e na boca da doce menininha, aproveitei para mandar-lhes muitos beijos. (...)

31/10/77

(...) Fiquei contentíssima com a surpresa da visita da Déia. Quando vi as duas lá, Cláudia e ela, fiquei quase petrificada de ver essa mulherzinha, sem a outra mulherzinha que a acompanha sempre. E depois, na segunda-feira, pela primeira vez uma visita sozinha com a Andréa. Foi um acontecimento importante para mim. Acho que nunca tínhamos podido conversar assim, e para mim foi bastante estranha essa situação, de conversar cara a cara com essa mulherzinha que era a magricela da família, que tem as suas opiniões, entusiasmos, penas e idéias próprias. Senti como nunca a necessidade de estar em casa, sentados todos no chão, com todo o tempo pela frente. Adoro ver o rosto de Andréa quando lhe pergunto algo sério e ela diz “deixa eu pensar”, levanta o nariz, pisca, apóia o queixo na mão, pensa seriamente um momentinho e depois responde com muita mesura ou, como diria Cervantes, com muita discrição. Perguntei tudo sobre a vida de casa e é bárbaro ver como, apesar de todos os contratemplos, as coisas vão saindo bem. Ficamos convencidas de que, se pudéssemos estar juntas, nosso relacionamento seria ótimo e que poderíamos conversar e divertir-nos muitíssimo. Além do mais, quando eu sair, Valéria e Andréa vão ter que me ajudar bastante nas

coisas referentes ao estudo, pois já não sei se o meu grau de cultura poderá responder às exigências de alguma faculdade. (...)

14/11/77

Olá, queridos! Hoje estou lhes escrevendo antes do recreio; o dia está maravilhoso, com muito sol e claro. Já pus o tênis, pois tenho a firme intenção de jogar uma partida de vôlei. Tenho que me lembrar de passar creme no rosto antes de sair, pois ontem voltei vermelha como um camarão, como nos nossos melhores tempos da praia Pocitos. (...) Desde a minha cama, quando acordo de manhãzinha e me sento, recebo o sol em pleno rosto e é uma sensação ótima. Ajuda a gente a acordar, não de bom humor, mas pelo menos de um humor neutro. Há tempo adotei a moda do chá com leite para o café da manhã, outro costume que, junto com a aceitação da cevada, do leite puro, nunca pensei que pudesse adquirir. Adorei a notícia de que começaram a tomar chimarrão em casa, embora não seja exatamente uma novidade na família. Lembro-me que, na casa da vó, os grandes tomavam à tardinha o seu chimarrão, e depois nós, as crianças, tomávamos o nosso mate doce. E como gostávamos! Aqui temos "mateiras" que opinam que o chimarrão é bom para tudo, que cura todas as doenças e é o acompanhante imprescindível de todos os estados de ânimo possíveis. Às vezes também tomo, embora não abuse por consideração ao meu pobre estômago, que já sofre bastante com o cigarro. (...) Uns dias atrás puseram um disco do Martinho da Vila que eu não conhecia, e adorei. Além do mais, já aprendi uma letra inteira dele e com mais alguns ensaios já poderei começar a cantá-la. Valéria e Andréa cantam bem? Acho que nunca pude escutá-las. É incrível o pouco que a gente canta quando está livre; o que acontece é que, ao estar todo o dia com o rádio ou o toca-discos, a gente se limita a acompanhar os cantores, mas não aperfeiçoa sua própria voz. (...)

12/12/77

(...) Vou contar-lhes quais são os pequenos prazeres que tenho aqui. À noite, antes de me deitar, tomar uma xícara de leite quente com açúcar, coisa agradável e saudável. É mais ou menos como a mamadeira da noite para os nenês, que deixa mansinhos e tranqüilos.

Jogar uma linda partida de futebol e tratar de acertar bem na bola. Olhar o campo à tardinha e procurar ver, realmente, as coisas. Sentar-me num banco para tomar sol no rosto. Logicamente, ler um bom livro, desses que abrem campos novos de idéias e pensamentos. Aprender novas canções. Quando alguém toca violão, escutar com atenção, apenas escutar e, no máximo, fumar um cigarrinho. Obviamente, conversar com as mulheres da família quando vêm, essas conversas lindas que nós temos. Lembrar-me das coisas lindas que vivi, do rostinho de Paloma. Sonhar e fazer planos para o futuro como, por exemplo, passar as festas juntos e escutar música e conversar muito, pois todos já sabemos comunicar-nos melhor que antes. Nestas festas dei uma de preguiçosa e não lhes fiz nenhum presentinho; acho que, como sei que vocês gostam de mim de qualquer maneira e vão perdoar-me, decidi descansar. E vocês vão saber me perdoar porque também sabem que os adoro e sempre me lembro de vocês. Estou esperando carta do papai e da mamãe, ler coisas de vocês também é um dos prazeres que tenho aqui. Milhões de beijos e carinhos. Adoro vocês.

1978

9/1/78

Esta é a primeira carta deste novo ano, que vamos ver como será para nós. Recebi a carta da mamãe e da Valéria lá da praia. Achei linda a descrição que faz mamãe do lugar e logicamente fui passear com vocês por aí, dei uma longa caminhada pela beira do mar e depois estive sentada no pátio conversando com vocês todos, escutando um pouco de música moderna, um pouco de música clássica e outro de música brasileira, tomando uma coisa gostosa, talvez uma batida de banana. Certamente passamos muito bem. (...)

18/1/78

(...) Embora pareça incrível, cada vinda das mulherzinhas e ida da Cláudia para Buenos Aires me serve para imaginar a vida de vocês durante meses. E como isso é importante para mim! Nunca vou cansar de repetir-lhes, embora possa parecer chata, o importante que é para

mim a relação com toda a minha família. Vocês representam, de certa forma, o que permanece dentro de todas as mudanças, talvez um ponto de referência na vida, ou um porto, entendido como lugar de partida e retorno. (...)

23/1/78

Espero que tenham recebido as novidades da última visita com o Jorge, imagino que vocês tenham ficado mortos de inveja. Ele já deve ter lhes contado como é a cela, onde está a minha cama, e como ela estava arrumadinha com muito capricho, e como me viu de perto depois de tanto tempo de ver-me através das grades. Eu, para variar, achei o Jorge maior do que recordava, mas isso deve ser produto de viver sempre rodeada de mulheres, o que faz perder um pouco a idéia das proporções. (...) Ontem estivemos recordando e festejando o primeiro ano do nascimento da Paloma. Rimos de todas as peripécias até as primeiras contrações, de todos os preparativos, entre os quais deve ser incluída a compra de cigarros extra para acalmar os nervos das tias, claro. E um dos momentos mais lindos do ano passado, quando a menina chegou, de três dias, linda, carequinha, pequenina, com um conjunto amarelinho que ficava enorme nela, enternecedora. Logicamente, nesse dia choramos muito, com essa emoção tão particular que despertam as crianças quando a gente as quer e deseja. Terminei de ler tudo o que havia na biblioteca sobre literatura do século XIX, foi um prazer ler com certa ordem cronológica. Agora vou dedicar-me aos norte-americanos mais modernos para poder comentá-los com a Cláudia, pois sei que ela gosta muito deles. (...)

20/2/78

Cláudia, já fiquei sabendo da tua chegada pelo pacote com os presentinhos. Hoje todas me disseram: que lindos tênis! E o pijama é uma beleza, bom para ser usado numa dessas ocasiões que se apresentam quando a gente leva uma vida normal. Vou ver se dura o suficiente para levá-lo na minha bagagem quando chegar a minha vez de viajar. Jorge e eu sentimos muita falta de ti; é bom sentir que a gente ocupa um lugar importante na vida dos outros e que quando a gente falta fica uma espécie de buraquinho no coração que pede rapidamente para ser enchido pela presença dessa pessoa. Isso se chama ser

querido e por isso a gente sente saudades. Já comecei a ficar ansiosa, terei de fazer um esforço para controlar-me, entender que temos apenas meia hora para conversar, que vou ficar com um monte de perguntas por fazer e que talvez tenha que esperar ainda mais duas ou três visitas para uma idéia global sobre como vão, o que é que pensam os queridos de Buenos Aires, e também começar desde já a consolar-me, pois quando tiver essa idéia sobre a situação de vocês, o tempo passou, já viveram novas coisas e definitivamente estamos atrasados na comunicação. (...) Jorge esteve maravilhoso todo esse tempo, aproveitamos muito as visitas e acho que o conheço um pouco melhor agora. Quando eu tiver visita com a Cláudia, ele vai ficar com as orelhas ardendo, pois penso contar a nossa irmã mais velha como Jorge está apaixonado por ela...

17/3/78

Olá, queridos! Por aqui, um calor bárbaro de verão, parece incrível que a data diga que já estamos no outono. Hoje lhes escrevo com um olho na folha e outro num par de abelhas que andam voando ao redor da minha cabeça e que não são nada tranquilizadoras. Sofremos uma verdadeira invasão desses bichinhos e uma vez mais comprovamos como a convivência termina matando todo o romantismo. Já ninguém se lembra que a abelha é boa, que nos dá o mel gostoso; em compensação, são intermináveis os relatos sobre as mordidas, dores e inflamações. Eu, por via das dúvidas, sempre me acomodo em lugares de fuga fácil e não quero conflitos com elas. Quando uma se aproxima, sem nenhum tipo de discussão eu abandono o meu lugar e vou embora com toda a minha bagagem de lãs, agulhas ou bordados. Na verdade é incômodo ter que estar mudando de lugar a cada momento, mas me mantenho invicta no tocante a mordidas. Deixando isso de lado, eu vou indo, com períodos mais difíceis e nostálgicos que outros, períodos em que o cansaço parece pesar mais, cansaço que é preciso exigir de si mesmo para manter-se bem física e psiquicamente. O paradoxal é que, para sair desses momentos, faz falta outro esforço, um grande esforço para superar esse cansaço produzido por todos os esforços anteriores. E a única coisa que dá um sentido a tudo isso é a esperança de outra vida algum dia. (...) Acho melhor nem falar sobre o meu aniversário. Acho uma bobagem esse negócio de continuar fazendo anos sem poder exercê-

los e aproveitá-los ao máximo. (...) Agora estou voltando de tomar o chá da tarde, e tudo está tranquilo na cela. Uma coisa engraçada que está acontecendo conosco há uma semana, é ver todas as reações que provocou por aqui o aparecimento de um espelho grande, no banheiro do setor. Depois de tanto tempo de não nos vermos bem, foi bastante emocionante poder contemplar-se, e acho que não ficamos muito satisfeitas, porque todas começamos a recorrer aos cremes, a escovar o cabelo, a depilar-nos às pressas. Grandes discussões sobre os nossos rostos, sobre se foi uma sorte ou uma desgraça que pusessem o espelho, e somente uma minoria achou que estava bonita depois de contemplar-se de todos os ângulos e de ter analisado as mudanças em sua silhueta. Eu fui uma das que me achei horrível, embora tenha me consolado pensando que estavam assim por sentir-me cansada nesse dia, com o rosto fatigado e tenso. Agora já me vejo melhor, não sei se por causa dos cremes, pelo melhor estado físico ou por ter-me acostumado a ver-me. Esse é um dilema de difícil solução. Bom, meus queridos, a folha está terminando; tomara que chegue logo o dia em que lhes possa contar tudo o que vivo neste mundo tão diferente. (...)

1/5/78

Oi! Hoje estou meio boba para escrever, em parte pelo cansaço e em parte pelo tempo que está ameaçando chuva. (...) No dia 26 perguntaram-me se estava especialmente nostálgica, mas às vezes nessas datas é melhor não pensar muito e, além disso, a saudade de vocês é uma coisa permanente na minha vida. Acho que vou poder sobreviver sem problemas à idéia de já ter tanta quantidade de anos; posso consolar-me dizendo que cada idade tem os seus encantos, que uma mulher com experiência é atraente, que o importante é não envelhecer de espírito e todas essas coisas que a gente inventa quando já tem vinte e tantos. (...) Nesta semana passei duas noites lindas; estava muito cansada para poder ler algo sério, me dediquei a olhar pinturas de Van Gogh, umas reproduções maravilhosas e quadros tão humanos que dão um calorzinho no coração. E em outra dessas noites li todos os poemas do "Romancero Gitano", que é um dos livros de que mais gosto. É bom ver como a gente sempre tem necessidade de beleza e como há épocas em que somos particularmente receptivos a ela. Uma coisa que queria lhes contar, é que os livros que vocês me mandaram durante todos esses anos, não sei como, muitas vezes respondiam exatamente às necessidades que eu tinha, e me faziam muito bem. (...)

15/5/78

(...) Não posso deixar sem comentário a bela carta da mãezinha, que me comoveu toda, na qual me conta a primeira história nossa, minha e dela, neste mundo. Pudeste viver a experiência de forma muito bonita e tudo isso conseguiste transmitir-me, neste ambiente de domingo de sol de Santa Cruz. A imagem que tenho de Santa Cruz sempre aparece em tons de amarelo, como se fosse uma cidade de muito sol, ou muita claridade, de tons claros. Em compensação, Rio Pardo sempre me dá uma impressão de cinzas e ocras, de cores velhas e mais escuras. Sempre trato de pensar nessas coisas lindas antes de dormir para relaxar-me e ter bons sonhos...

29/5/78

(...) Não sei porque, mas essa semana tenho a impressão de que faz muito tempo que não lhes escrevo, como se tivesse passado anos desde a última vez em que me sentei aqui para conversar com vocês. Certamente isso acontece porque estive com a cabeça bastante ocupada com muitos pensamentos e portanto o tempo tornou-se mais intenso, menos vazio. Estou esperando receber a carta do papai, que tenho tanta vontade de ler e que somente conheço pela propaganda da Cláudia. Cartas tão preciosas e que têm ainda mais valor quando se pensa no esforço que implicam. Nunca me esqueço da primeiríssima carta que recebi no hospital e que, logicamente, me fez chorar copiosamente. Mas foi bom, porque naquele momento era imprescindível para mim a maior quantidade de emoções possível, e o mais saudável sempre é chorar, é o mais natural. Contaram-me que a mamãe ficou um pouco triste com a carta do meu dia de gripe, quando deixei sair de mim toda a "saudade" que tenho. Mas tudo isso é real e vive constantemente em nós, embora sempre mitigado pela certeza total de que essas situações serão recordadas algum dia como passado e tudo terá outra dimensão, na tragédia vão aparecer os momentos de comédia, os momentos brilhantes e bons e tudo aquilo resgatável. Mas às vezes, em vez de escrever uma carta que não tem nada a ver com que está acontecendo, deixo sair algo, embora seja triste, pelo menos assim sabemos melhor como estamos. A Cláudia sempre me conta muito sobre vocês, e podem imaginar que são conversas que não têm fim. Eu acho que isso nos faz muito bem,

embora às vezes fique pensando que a visita está por terminar e nem nos perguntarmos como vamos, e Cláudia vai embora e eu fico com vontade de saber coisas sobre ela. Vou contar-lhes um pouco sobre a minha saúde, para mudar de assunto. Meu estômago está comportando-se muito bem, agüentando meus nervos sem problema, felizmente. As vitaminas me ajudaram muito, estou aguentando todos os frios. Não sei onde foi que li que a vitamina C desempenha um papel no mecanismo do “stress”, que nesses estados existe um consumo mais elevado dela; como muitos dos problemas físicos que temos são consequência de um estado assim, prolongado, é fundamental uma dose maior que para uma pessoa em estado normal. Do resto vou bem, uns problemas menores de circulação e de digestão, que trato de prevenir dentro das minhas possibilidades. Bom, não lhes conto nada mais disso senão vocês se aborrecem. Nestes últimos tempos estive passeando com Carpentier por esses mundos tão exuberantes que ele tem e desfrutei muito das viagens. Fiquei com vontade de acompanhar o paizinho nas suas compras de livros nessa feira que a Clá me descreveu. Deve ser maravilhoso. Já comecei a escrever estilo telegrama e isso é sinal de que já está na hora de terminar. Muitos beijos e carinhos para todos.

26/6/78

(...) Quero que me contem como foi o aniversário de casamento do papai e da mamãe e o que foi que nós lhes demos de presente. E como os “coroas” se sentem depois de trinta anos juntos, com quatro filhas já mulheres e depois de tantas coisas vividas. Podem notar que hoje estou muito curiosa. Também repito à mãezinha que todas aqui estamos esperando ansiosamente as cartas dela, nas quais está contando todas as coisas que vivemos juntas quando era pequena. Não deixes de escrever tudo o que te lembres. Há uns dias vieram do Supremo Tribunal para notificar-me da renúncia do advogado civil e para que assinasse a nomeação do defensor “ex officio” militar, coronel Mário Rodríguez.(58). Fiquei bastante desconcertada, pois pensava que meu dossiê já estava na Suprema Corte, porém não me puderam esclarecer nada sobre o assunto. (59). Acho que a Cláudia terá de ir falar com o novo advogado, para saber novidades sobre o processo. Disseram-me também que, no caso de querer mudar de advogado,

teriam que levar a escrita correspondente ao Supremo, e lá seriam feitos todos os trâmites. (...)

(58) A advogada de Flávia, dra. Maria Elena Martínez Salgueiro, foi obrigada, como já vimos a abandonar o país em janeiro de 1977, por pressões políticas. Flávia esteve sem advogado constituído durante um ano e meio

(59) A primeira medida do cel. Mário Rodríguez foi a de desistir do recurso de "casación" ante a Suprema Corte de Justiça, que havia sido iniciado pela dra. Martínez, sem consultar sua cliente, a qual nunca viu. Por essa razão o processo não se encontrava na Suprema Corte, e a sentença de Flávia não foi modificada. Um exemplo do que é a Justiça Militar Uruguaia...

10/7/78

Oi! Para variar, hoje está chovendo torrencialmente. Há quase um mês temos a sensação de viver dentro de uma nuvem. Recebi as lindas cartas do pai e da mãe. Fiquei contentíssima e toda enternecida ao ver a letra do papai depois de tanto tempo. Quando comecei a ler a carta da mãe, todas me perguntaram: conta quando saiu o teu primeiro dente? Assim, já podem ver que há uma grande expectativa em torno da idéia de contar as primeiras coisas que vivemos juntas. Eu, nesses dias de chuva, me lembrava do barulho que faziam as milhares de goteiras da casa velha, cada goteira com sua bacia embaixo. Uma orquestra completa. O presente que mandaram é maravilhoso, ainda não estreei os lençóis novos. Vou esperar o dia em que estiver toda perfumada e limpinha para poder desfrutá-los bastante. Quanto ao momentâneo ataque de pessimismo do papai, já vejo que não é grave, pois subsiste intacto o senso de humor. Enquanto não perdermos isso, a capacidade de ver o risível das situações, de rir-nos até de nós mesmos, sempre vamos poder superar qualquer problema. Tanto tuas cartas quanto as da mamãe têm esse sabor de papai e mamãe que fazem a gente pensar: continuam sendo basicamente os mesmos de sempre, podem ser reconhecidos em cada expressão que dizem e isso é ótimo. Quanto ao assunto do tempo que faz que não nos vemos, já sabem que para mim isso é quase tabu, prefiro não tomar demasiada consciência desse fato que é realmente doloroso. Eu sempre penso apenas em que ainda vamos ter muito tempo pela frente para desfrutar-nos. Acho que é o melhor. Imaginar as futuras reuniões, ir assinalando mentalmente as coisas que não podemos deixar

de contar quando nos encontrarmos, e tudo isso. Quando li tua frase sobre o jogador uruguaio Varela, quando nos ganharam o Mundial de Futebol, no Maracanã, fiz uma sem-vergonhice: perguntei às gurias com a maior inocência: e esse quem é? Vocês nem imaginam como elas reagiram! Quase morri de rir. (...)

24/7/78

(...) Estive pensando muito em vocês, tratando de imaginar como estão e como estarão quando eu sair, talvez por ter recebido a carta do papai, falando um pouco sobre a nossa vida. Uma carta maravilhosa, que me deixou radiante. Sei porque tens dificuldade para escrever, para mim é claríssimo. Isso implica um grande esforço para todos nós, é uma maravilha poder dizer, apesar de tudo, que conseguimos manter viva nossa relação de família durante tanto tempo de separação. Acredito que é um grande esforço, mas desses esforços que não são estéreis, que valem a pena. Ótimo o desejo de que eu viva cem anos. Penso estar neste mundo nosso pelos menos até os oitenta, assim que neste ponto estamos completamente de acordo. Ainda não te disse nada sobre a doença que tiveste. Que barbaridade! Disseram-me que a gota é muito dolorosa. Cuida-te e vai ao médico, porque quero vocês bem saudáveis para apreciá-los quando for embora do Uruguai. Todas aqui riem de mim porque sempre digo que, quando for embora, não terei coragem de ir sozinha, Cláudia vai ter que me acompanhar no avião; se ninguém puder me acompanhar na viagem, tudo bem, mas se não estiverem esperando-me no aeroporto, vou começar a chorar. Sentarei em cima da mala e vou sentir-me uma desgraçada. Logicamente que agora estou fazendo um pouco de melodrama, mas no fundo tudo isso é verdade. Além do mais, agora que vocês têm passaporte (60), não tem desculpa para não acompanhar-me. Paizinho, que vontade de ler as tuas coisas! Mas isso já chegará, como tudo. Hoje saímos de recreio e esteve esplêndido. Jogamos vôlei e, obviamente, com falta de prática, foi um fracasso total. Espero que possamos continuar jogando com alguma continuidade, para adquirir prática outra vez. (...)

(60) Desde 1964, os consulados do Brasil em Montevideú e Buenos Aires, negaram passaportes, à família de Flávia, condenando todos à situação de "apátridas". Finalmente, em julho de 1978, cessou, para as mulheres da família, a odiosa discriminação.

7/8/78

Ontem foi o aniversário do papai, lembrei-me muito de ti e pensava como é que vocês estariam festejando. Suponho que terás recebido de presente, para não perder o costume, um pijama e uma camisa, não é mesmo? Aqui várias me disseram que te fizesse algum presente, mas eu lhes perguntava: e o que é que eu faço? e nenhuma sabia responder-me. É verdade, os homens continuam consumindo menos do que as mulheres e é preciso quebrar a cabeça pensando o que é que lhes pode ser útil. Raciocinando assim, cheguei à conclusão de que é melhor que me digas algum desejo que tenhas e então eu, sem fadiga mental terei imenso prazer em obedecer-te. (...)

21/8/78

Hoje pode sair qualquer tipo de carta; por um lado, tudo está desarrumado aqui, pela pintura do setor, há uma confusão total: por outro, estou com o ruído da máquina de fazer tricô num ouvido, enquanto com o outro trato de escutar um belo concerto de Mozart que adoro. Sairá uma mistura terrível, já estou vendo. Recebi a carta da Valéria, uma carta muito próxima e cheia de vida, super espontânea. Gostei muito dela e estou morta de vontade de ler alguns dos seus poemas. Penso que estes devem ser bons, pois neles exprimes muito daquilo que sentes e isso é fundamental para a qualidade de qualquer coisa que a gente faça. Além do mais, fico muito contente por teres encontrado um meio de expressão. O papel para isso é muito bom, não nos impõe limites e é algo sempre íntimo, monologamos conosco mesmos sem necessidade de subterfúgios, ele nos aceita como somos ou queremos ser. Eu nunca me senti atraída pela poesia, mas quando era mais moça também escrevia, para desabafar ou sonhar, nada elaborado. Gostaria de poder fazê-lo novamente, mas isso vai depender muito da necessidade que tiver de comunicar-me. (...) Já lhes contei que a Cláudia veio entusiasmadíssima com vocês em sua última viagem? Totalmente radiante. Acho que vou ficar sem adjetivos quando tornar a vê-los de novo. Terei que levar um dicionário e falar tudo com pontos de exclamação! (...)

4/9/78

Estive perguntando-me como fazer para dissimular meu mau-humor nesta carta de hoje, como poderia escrevê-la sem que saltassem da caneta aranhas, sapos e cobras, como nos desenhos animados. Mas depois pensei que o mau-humor não é nada raro ou vergonhoso e é melhor confessá-lo diretamente, tratando com bom-humor o mau-humor. Por que me levantei hoje toda crispada? Junta-se a gripe com a incomodidade pessoal, as inúmeras dificuldades para coisas tão simples como ir ao banheiro, encontrar um lugar tranquilo para fazer tricô, com a impossibilidade de lavar a cabeça hoje, com o fato de que hoje é um dia em que nada me satisfaz, em que tudo adquire seu caráter de substitutos e nada mais do que isso, das atividades de uma vida normal, que teria gostado de responder à última carta de vocês mas ainda não as entregaram, já vêem, nada novo ou especial; no estado de ânimo que tenho hoje junta-se o grande que é o de sempre, já bem conhecido, e o pequenino e cotidiano, também totalmente conhecido. Certamente amanhã já estarei com a minha calma habitual. Estou ansiosa esperando os dias bonitos, mais quentes. Que alívio vai ser poder andar com menos lãs! (...) Achei vocês muito bem na última visita; como sempre, Jorge pareceu-me muito alto e com os ombros muito largos, e logo comecei a tremer pelas dimensões do suéter que lhe fiz. Cláudia, para que te consoles, sinto a mesma coisa que tu nos dias de visita. Não tenho que pegar nenhum ônibus nem temer inconvenientes que me atrasem, mas uma hora antes já estou pronta, em geral nervosa, desejando que o tempo passe rapidamente. E esse é um verdadeiro problema, pois às vezes vamos para a visita tão carregadas de ansiedade, que tudo resulta em caos. Mas essa ansiedade de antes da visita parece-me natural e lógica. É sempre a expectativa criada ante algo que vai nos envolver, ante algo que nos atinge diretamente e que está carregado de certa dose de insegurança. A primeira pergunta: virá?, a segunda, poderemos comunicar-nos, compartilhar idéias? Todas essas são perguntas importantes que aparecem em toda relação, mas neste caso têm ainda mais transcendência. Necessita-se mais, espera-se mais e, portanto, há mais ansiedade. Por isso nos faz tanta falta uma conversa mais normal e com todo o tempo do mundo...

16/10/78

Meus queridos: Estou desejando mandar-lhes alguma coisa feita

por mim; se continuarem sem receber minhas cartas, (61) vou começar a fazer todo tipo de presentinhos para vocês, pelo menos assim estabelecemos um diálogo mudo, mas carinhoso, por meio das coisas materiais. (...) Para que me perdoem a falta de presentes de aniversário neste ano, tenho que lhes dizer que este foi um ano um pouco complicado para dedicar-me àquilo de que eu gosto, ou seja, trabalhar com tranquilidade para vocês, tratar de fazer-lhes chegar por todas as formas de expressão possíveis meu apoio e meu interesse. Mas acho que logo vou poder começar a mandar-lhes coisinhas, para a mamãe não é tão difícil, pois sei que tem sua vaidadezinha, para o papai sim, mas já vou encontrar alguma coisa que fique bem nele. Veremos se consigo concretizar estas pequenas ambições. Vou contar alguma coisa sobre mim. Meu estômago está comportando-se muito bem, estou satisfeita com ele. Meus pulmões melhoraram bastante, não sofreram com as loucuras dessa primavera tão volúvel. Sempre fico contentíssima com as notícias de vocês, elas parecem vir de outro mundo, de um mundo estranho, luminoso, vital e que é extremamente sedutor. Fico com vontade de apoderar-me dele no sentido mais literal da palavra, comê-lo, bebê-lo, agarrá-lo, encharcar-me na beleza, nas vidas diferentes, no sol, no trabalho que compensa, no estudo que interessa. Todo esse mundo que é trazido pelas cartas de vocês e que, às vezes, parece inacessível, mas ao mesmo tempo tão pertinho, a poucas horas de vôo. Sempre olhamos com muita atenção e cobiça os aviões que passam, são a imagem mais clara de que o mundo existe, a gente vai e vem, e de que já chegará o dia em que também nós possamos viver plenamente. Estivemos pensando como ficaríamos queimadas do sol, com o cabelo comprido; outro dia conversamos sobre o tipo de maiô e a cor que vamos usar quando formos à praia. Foi engraçado porque depois todas ficamos pensativas, com vontade de ir olhar-nos no espelho para ver como o tempo estava nos tratando...

(61) Em muitas oportunidades, o diálogo de Flávia com a família foi interrompido pela censura de Punta Rieles, às vezes durante meses.

14/11/78

Queridos: talvez, quando receberem esta, eu já esteja internada no hospital. Imagino que esta notícia vai deixar vocês gelados, como me deixou. Tenho um fibroma no útero, bastante avançado, que é

preciso operar o quanto antes. Ele me pegou de surpresa, pois veio sem sintomas, sem problemas de menstruação, nem hemorragias, nem dores. Isto é a única coisa que me dá certa esperança de que o útero não esteja demasiado afetado. De qualquer forma já decidi que, estando nesta situação, não estou em condições de suportar uma operação definitiva quanto à minha possibilidade de ser mãe e, se a coisa for complicada, vou falar com os médicos a fim de que eles apenas remediem a situação para agüentar um tempo mais, e tomar uma decisão final ao lado e com a companhia e o apoio de vocês. Estou crispada da cabeça aos pés por esse problema que tenho que enfrentar. (...) Cláudia, quando souberes que estou internada, vai ao hospital para informar-te do dia da correspondência, da data e características da operação e tudo isso. (...) Agora só resta esperar que Deus nos ajude e que tudo saia bem. (...)

31/12/78

Hospital Militar. Última vez que escrevo 1978. Que ano, este que passou! Tomara que o próximo seja bom, muito bom para todos. Estou aqui desde terça-feira, falei com o ginecologista e na terça que vem vão me fazer uma radiografia do útero, para esclarecer um pouco o panorama da minha operação. Ele já me avisou que não podem me dar garantias quanto a possibilidade de ter filhos, e isso me dá tanta angústia que transbordo. Como o médico viu que eu estava bastante mal psicologicamente, disse-me que depois da radiografia teria que decidir se me operava ou não. Vou explicar-lhe que tenho consciência de que preciso me operar, mas que se encontrar o útero muito afetado tente fazer algo que, embora não me cure, não tenha consequências definitivas para a minha vida. Não sei se isso será possível, pois em geral é contra o critério estritamente médico, o de considerar um pouco a situação psicológicamente e resolver apenas o problema médico. Eu realmente não sei o que fazer. Penso que, a curto prazo, não terei possibilidade de esgotar os recursos da medicina de outros lugares, e não sei se o meu organismo poderá esperar sem sofrer mais danos. Ao mesmo tempo penso que não é possível que tenha lutado por tanta coisa na minha vida e agora esteja sem recursos para lutar pelo mais importante, os filhos. Sabem? Às vezes acho que estou submergida num romance estilo Kafka; por um lado percebo tanta coisa linda que está acontecendo, promessas de futuro aparentemente ao dobrar a esquina, tanta gente conhecendo-me (62) e por outro lado,

totalmente sozinha e desorientada nesta cama, sem poder buscar ativamente uma saída, uma cura que me deixe a possibilidade de um filho. Não sei o que fazer, não me sinto em condições emocionais para enfrentar uma operação definitiva; embora procure racionalizá-lo, vivo o fato como uma mutilação e não o suporte. Desde já lhes aviso que se a radiografia der um resultado ruim, e acontecer o pior, não se assustem se nas cartas começo a falar apenas de bobagens, sei que vou ter que me bloquear e proteger muito bem para sobreviver. Cada vez que penso que fora poderia consultar 200 médicos antes de me decidir pela operação, e que teria maiores possibilidades de que tudo saísse bem! Mas a realidade é outra, embora eu resista em aceitá-la. Bem, não sei o que vai acontecer. Talvez me acovarde totalmente e não me opere embora depois todo o panorama se torne mais grave. Ainda não sei nada. Viram que carta monotemática para tudo o que teria que lhes contar e perguntar? Mas não consigo superar isso. Querida mamãe, não sei se ainda vou ficar muito tempo aqui, por isso é melhor que venhas só em fevereiro (63), pois tudo vai ser mais fácil estando em Punta Rieles. Vocês nem imaginam como sinto saudades da minha nova casa lá, e das minhas novas amigas (64). Estava como uma criança com um brinquedo novo. Tenho muita vontade de vê-los, dar-lhes montes de abraços. Quero saber como passaram as festas aqui e em Necochea. (...) Não lhes contei nada sobre a última visita do Agenor (65); foi muito boa, conversamos bastante, acho que ele sente simpatia por mim. Meus amores, mandem-me forças que realmente estou precisando. Lembro-me sempre de vocês. Tchau!

(62) Flávia já tinha conhecimento da maravilhosa campanha realizada no Brasil pela sua libertação.

(63) Como resultado das pressões internacionais, originadas na campanha em favor de Flávia, o governo uruguaio autorizara uma visita de sua mãe, que não a via há quatro anos.

(64) Outro dos resultados da campanha foi a transferência de Flávia para as chamadas "barracas", pavilhões onde estão as presas mais "leves" e onde as condições de vida são bastante melhores.

(65) Agenor Soares dos Santos, Cônsul geral do Brasil em Montevidéu, cuja atuação no caso tem sido de grande valor, demonstrando sempre sentimentos humanitários e solidários.

7/1/79 - HOSPITAL MILITAR

Este é um belo domingo, tomara que todos estejam aproveitando de alguma maneira. Quando olho pela janela e vejo o céu tão azul e limpo, o sol batendo nos edifícios, não posso deixar de lembrar-me de umas margaridas que entraram aqui, segunda-feira, e que trouxeram consigo o verão e tantas coisas dessa irmã-tesouro que é Cláudia. Obrigada por tudo, elas me fizeram muito bem. Ainda não entregaram as cartas da semana passada, assim que não sei nada sobre como andam as coisas em casa. É horrível estar aqui, e sem notícias. Talvez seja melhor, Clá, que enquanto eu estiver aqui, tu escrevas pelo menos uma folha, assim sei algo de vocês. Bom, vamos ao boletim médico: tiraram as radiografias do útero; trata-se de um mioma, não há maiores riscos de que seja maligno, é grande, estou com uma barriga quase de mulher grávida, está ocupando o útero, não tenho problemas de trompas nem no colo do útero. Depois de desencontros com o médico, decidi operar-me, pois quando lhe pedi que me dissesse claramente que porcentagem de possibilidades tinha de conservar o útero, ele me respondeu que tinha 90% de possibilidades de ficar bom. Tive vontade de beijá-lo e disse que me operasse o quanto antes. Mas o problema é que não há sala de operações disponível, e pode ser que demore. Isso me aterroriza, pois esse fibroma que cultivo cresce vertiginosamente e tenho a impressão que cada dia essa porcentagem que o médico me deu vai diminuindo, à medida que esse senhor que tenho em mim aumenta. Talvez essa semana que vem tenha sorte e abram a minha barriguinha; se isso não acontecer, o mais provável é que me mandem de novo para Punta Rieles para esperar lá alguma possibilidade de que me operem. Isso é desesperante para mim, pela sensação que já lhes contei, de que cada dia que passa o meu útero corre mais perigo. Irei tremendo à operação, por causa disso (66) (...) Nunca me pesou tanto o fato de estar presa, quanto agora. Estaria vivendo tudo de forma completamente diferente, sem angústia e com mais confiança, se... Mas acho óbvio que não posso esperar mais, para que me tirem isso que tenho. Não pensem que passo todo o dia amargurada, vocês já sabem que eu sei controlar-me e isso é justamente o que faço; trato de não pensar demais em tudo isso, distrair-me e pôr um pouco de ordem nesta cabeça que teve que adaptar-se e responder a todas as coisas novas dos últimos três meses.

É difícil para mim pensar com tranquilidade e calma, sonho muito, ainda estou muito dispersa. Além de tudo ainda tenho que assimilar a situação que foi acontecendo comigo fora daqui, e tenho a mudança de casinha que foi brusca e dolorosa, e me deixou um pouco no ar, embora tenha adorado as novas pessoas com quem vou conviver. Mas ainda não estou assentada em nenhum lugar, e isso é ruim. A semana que passei na "barraca" foi agitada; estava fascinada por todas as novidades e passei toda a semana caminhando, olhando e conversando. Vou ter que revisar essa idéia que tenho de mim, de que sou quieta, acho que essa idéia já não corresponde à minha realidade de hoje; vocês não imaginam tudo o que tenho falado ultimamente, lá. Não sabem que vontade eu tenho de saber notícias de vocês. Tenho a sensação de que não sei nada de vocês há muito tempo... Faz doze dias que estou aqui, e parece que faz meses. O que acontece é que me aborreço demais...

(66) O governo uruguaio se manteve irredutível frente às pressões populares e governamentais no sentido de que Flávia pudesse ser operada, livre, na sua pátria. Isso, apesar de o chanceler Azeredo da Silveira haver responsabilizado o governo oriental por qualquer acidente que pudesse ocorrer durante a intervenção cirúrgica.

14/1/79

Hospital Militar. Meus queridos: Esta carta de hoje não vai ter nada que ver com as anteriores, como é lógico. Estou muito contente, feliz, porque me disseram que tudo tinha saído bem, a operação foi um êxito total; amanhã vai vir o médico com o resultado das análises de Anatomia Patológica e aproveitarei para perguntar-lhe alguns detalhes mais. Já é a segunda vez que os médicos daqui me salvam de uma situação crítica, e isso vou agradecer-lhes sempre. Conto alguns detalhes sobre como foi tudo: levaram-me à sala de operações às 10 da noite; logicamente, durante todo o caminho fui encomendando-me a Deus; é incrível, a gente sempre recorre a ele nos momentos difíceis. O médico tratou de tranqüilizar-me da melhor maneira possível. A sensação do pentotal não foi tão ruim como das outras vezes; perdi a consciência mais devagarzinho. Voltei para a minha sala às 11,30, bastante tonta ainda, e queixando-me de dor no dedo, que tinha ficado apertado na maca. Claro, ninguém acreditava que fosse verdade, pensavam que era uma dessas bobagens que a gente diz meio inconsciente. Passei essa noite muito dolorida; tiveram que me dar

duas doses de calmantes, mas já no outro dia, às 8 da manhã, levantei-me para ir ao banheiro. Acho que a Cláudia me encontrou bem. Foi uma surpresa maravilhosa, que lindo ter a Clá comigo, sentada na cama. Eu estava super feliz. Hoje estou bem, quase sem dor, com todas as minhas funções normais, não tive hemorragias em nenhum momento; acho que devemos felicitar muitíssimo o médico, pois foi uma operação muito boa e cuidadosa. Sei que vou ter que continuar fazendo controles ginecológicos, pois os miomas podem repetir-se, mas isso fica para mais tarde, por enquanto fiquei perfeita. Cláudia, certamente teremos a visita de 28 de janeiro em Punta Rieles, e já me encontrarás outra vez bem queimada e mais gordinha. Quero que me digas porque foi ruim para ti o ano que passou. Porque eu penso nele em geral e acho que foi bom, pelo menos com problemas todos solucionáveis. Viveste este ano com muita angústia? Tomara que vocês possam descansar logo. Fiquei muito triste com a notícia de que o papai ainda não pode voltar. Tomara que tudo isso tão desagradável e inútil se resolva logo e que todos possam desfrutar de uma vida melhor e bem feliz. Quero saber coisas da mamãe, como se sente ante a perspectiva de ver-me um pouquinho. Tens muito medo de como vais encontrar a tua filha? Eu te asseguro que vou te mimar todo o tempo, vou te adorar e não sei se vou conversar muito. Penso que vai acontecer a mesma coisa quando voltar a ver o papai. Acho que vais encontrar-me bem, talvez não demasiado mudada (ainda fico vermelha por qualquer coisa!). Estou desejando ter vocês bem pertinho de novo, pois com tudo o que está acontecendo, apenas temos tempo para perguntar-nos como vamos, como nos sentimos, eu necessito muito conhecer as respostas a todas essas perguntas. É a única forma de não perdermos a pista de nós mesmos. Milhares de beijos à tia Tere, à avó e aos primos, muito obrigada a todos os que me apoiaram nesses momentos difíceis, e para vocês todo o meu amor.

(67) Flávia refere-se à famosa lista das oito pessoas que não poderiam voltar ao Brasil, apesar da anistia, na qual estava incluído o seu pai.

22/1/79

Punta Rieles. Meus queridos: já vêem que lhes escrevo na minha nova casa; estou contentíssima de estar aqui outra vez, já fiz amizade

com toda gente daqui. Cheguei do hospital ontem à tarde, e terminei o dia esgotada; imaginem, visita de manhã com a Cláudia, sempre tão encantadora e outra boa notícia quando chego aqui: duas cartas, uma da mamãe falando-me da operação, e outra da Valéria, falando-me dela, dessa pessoa tão linda que é minha irmã mais moça. Então hoje, na realidade, teria quatro cartas para responder. Estas duas e as que recebi de Valéria e Andréa ainda no hospital. Mas imagino que vocês antes querem saber como estou. Já sabem que toda a operação foi um êxito, outro episódio da minha vida que terminou felizmente. Fiquei muito contente com tudo, feliz quando me disseram que fisicamente estava impecável, com o útero bem guardadinho no seu lugar. O resultado de anatomia patológica veio logo com a notícia mágica: sem malignidade. Mas o principal, a esperança de uma vida normal, um filho, isso permanece. Assim, tenho vontade de dizer, como nos contos de fadas: ...e viveram todos felizes. Já estou impaciente em ficar completamente boa, esquecer esse novo cortezinho que tenho na barriga, engordar um pouco, queimar-me bem com o sol para estar linda para receber a minha mamãe. Minha mamãe adorada. Logicamente, ainda vou ficar com mais vontade de estar com esse meu papai adorado em breve. Tomara que todos os deuses da macumba continuem ajudando-nos...

7/5/79

(...) Estou estreando a primeira gripe dos meus vinte e seis anos que felizmente parece ser bastante benigna; somente o peito incomoda um pouco, mas eu não lhe dou importância. Como lhes comentava na visita, tomei consciência da minha idade; sem dúvida alguma são anos vividos e cada um vivido fortemente (digo isso sem amargura). O único problema é que está chegando o momento de que tudo o que foi construído nestes anos comece a dar fruto; existe um saber daquilo que se quer e do que não se quer, daquilo que sou, do que fui, e agora a consciência mais adulta do que poderei chegar a ser, se é certo que todas as coisas boas ou ruins, o que compensou e o que frustrou, realmente o assumi como meu, minha vida, minha personalidade. Agora, o que preciso realmente é que termine toda a época da infantilidade e que me permitam exercer a "adulter". Penso que esta pode ser produtiva, sinto isso por dentro e talvez esta seja a melhor garantia da produtividade dos fatos. (...)

2/7/79

Meus amores: Há bastante tempo não lhes conto nada do ambiente em que vivo, portanto aqui vai algo: estou sentada na porta do pavilhão, sob o beiral do telhado (somente recordo outro lugar com beiral: a casa da avó, em Santa Cruz), com os cigarros ao lado, obviamente; já é tardinha e depois de todo um dia de chuva a atmosfera está muito agradável, todas as cores muito nítidas e tudo, árvores, animais, esperando a próxima tempestade. Passei um dia muito tranqüilo, estudei francês de manhã, depois um pouco de português, dei algum passeio com boa conversa e também pensei naquilo que gostaria de lhes contar hoje. (...) Estou esperando a mamãe, esta mãe tão divina que temos, e quero mimar um pouco o papai, sempre te recordo muito e trato de imaginar tudo o que viveste ultimamente, com tantas idas e vindas, com tanta carga de emoções que somente permites que se transpareça através duma ternura às vezes discreta, às vezes tranqüila, às vezes radiante (e, logicamente, tua saúde paga o pato). Acho que hoje não vou brigar contigo por isso, mas tenho uma série de idéias sobre o tema que vou comunicar-te quando puder agarrar-te. Somente quero recordar-te um pacto que fizemos de que queria que escrevesse sobre ti e tua vida, tantas coisas passadas e acho que bem vividas, algo mais pessoal que tenho certeza de que vai ser maravilhoso. Pensa nisso e vai anotando tudo o que te lembrares, que daí vai sair algo bom. (...)

28/8/79

(...) Fiquei feliz com as boas notícias sobre Cláudia, gosto de imaginá-la instalada em Porto Alegre, é tão importante que a vida de vocês vá se definindo e se concretizando. Sinto-me um pouco tímida, mas de qualquer forma vou dizer o que penso: considero que vocês, instalando-se, concretizando um novo panorama, estão concretizando em certa forma meu novo ambiente, em alguns aspectos, minha nova vida. De mim, não tenho nada novo que comentar. Se soubesse desenhar, ou me atrevesse a fazê-lo, desenharia uma mulher ao estilo de Picasso, um olho atento à vida cotidiana, ao trabalho, ao estudo, ao tricô para Valéria e o outro olho atento às coisas longínquas; o seu título seria: mulher esperando...

11/9/79

(...) No sábado seguinte ao da visita da Vale, tive a alegria de receber carinhos e beijos de Cláudia e Jorge, por intermédio do Ivo e do Gérson. (68). Foi uma visita de meia hora pelo telefone, mas em português. Fiquei muito surpreendida mas os reconheci em seguida, e senti um “finalmente” muito profundo. Os dois muito agradáveis e equilibrados, fiquei totalmente de acordo com o esboço que me fizeram do trabalho jurídico, e também com a escolha do advogado uruguaio. (69) Quero saber quando ele vai ser legalmente autorizado para vir aqui, como vai ser feita sua nomeação. Fiquei mais aliviada da ansiedade que tinha de saber se tudo lá no Brasil estava sucedendo normalmente, pois Gérson e Ivo disseram-me que tudo corria sem incidentes. Eu já estava sabendo que, em torno do dia 7, alguém ia aparecer por lá... (70) Quero lhes dizer que estou tranquila e me sinto muito mais equilibrada para enfrentar tudo o que ainda pode acontecer.

(68) *Ivo Galli e Gérson Mendonça Neto, membros da equipe de advogados paulistas defensores de Flávia, que obtiveram autorização do governo uruguaio para visitá-la. Ao magnífico trabalho dessa equipe, que atuou em forma totalmente desinteressada, deve-se, em grande parte, a libertação de Flávia.*

(69) *Dr. Adolfo Gelsi Bidart, eminente jurista e catedrático uruguaio, designado pelos drs. Mendonça e Galli como defensor uruguaio de Flávia.*

(70) *Referência à volta de Leonel Brizola.*

5/11/79

(...) Penso que, quando receberem esta carta, o papai já estará de viagem. (71) Pai querido, as tuas orelhas vão arder muito e de vez em quando vais sentir, segundo o melhor estilo de Jorge Amado, uma presença que te acompanha. Não te preocupes, no nosso país mágico, com a ajuda dos deuses nossos da macumba, vou poder estar contigo todo dia. Mando-te um grande abraço e, como sempre, devido àquela teoria das emoções expressadas pelo contrário, vou chorar de alegria quando souber que estás lá. Com a Valéria, já decidimos ir até a Bahia e eu, por minha parte, quero um carnaval daqueles de verdade, para tirar de dentro de mim tantas coisas trancadas tanto tempo. Meus amores, não sabem quanta vontade de abraçá-los tenho, e como os adoro. Beijo-os muito, muito, muito.

(71) *Referência à volta do pai de Flávia ao Brasil.*

20/11/79

Quando escrevi a data, me dei conta de que se aproxima o cumprimento dos sete anos, contados cronologicamente. Esse esclarecimento, de que são sete do ponto-de-vista cronológico, é completamente válido. A real dimensão deste tempo só poderá ser julgada quando estiver novamente enfrentando uma realidade normal e cotidiana. Como será o desajustamento? Há muito tempo, mas poucos anos, quando eu era mais ingênua do que sou agora, tudo isso para evitar dizer: mais moça, uma das coisas que considerava verdade, com maiúscula, era, que nada é irreversível nesta vida. Agora, mais realista, penso que com a grande ajuda da Física, de todo este estudo entusiasta, porém inalcançável, de tentar a relatividade de Einstein, repito, agora mais realista, penso que muitas coisas são irreversíveis, talvez todas; o que foi mal vivido não é corrigível com retrocessos, mas sim com passos para a frente, todos os detalhes mais insignificantes até os aparentemente maiores, tudo isso deixou sua marca irremediável e irreversível; talvez a única solução seja assumir esta bagagem o mais conscientemente possível, e ver como é possível inserir-se no futuro. É incrível como um pequeno estímulo, a data, nos permite tantas elocubrações. (...)

4/12/79

Na carta anterior, toda uma página sobre a data, pois no dia 24 de novembro é impossível ignorar a menção dos sete anos, todas as dúvidas e inquietações que essa enormidade de tempo significa. Porém isso já passou. Hoje, a reflexão é: que sejam as últimas festas passadas assim. E a afirmação é total: que sejam. Nas próximas, ou estamos juntos, ou estamos juntos, não há e não permito outra possibilidade. Poderíamos pensar em passar outra vez, como em 1964, o Ano Novo no Rio de Janeiro, e ir à noite a Copacabana ver a festa de Iemanjá. Ela continua sendo realizada? É uma das recordações mais bonitas que tenho do Rio. E depois, só quero saber mesmo de carnaval, para sentir meu corpo livre, corpo outra vez meu, minha posse, minha expressão. (...) Bom, a carta saiu muito boba, mas estou cansada, com sono, com vontade de estar fora com vocês, tenho um milhão de coisas para fazer mas nenhuma delas é a que eu gostaria de fazer realmente, e posso continuar vinte folhas mais com as lamentações. Portanto, paramos com os lamentos, pois os detesto, e lhes digo, agora seriamente, que estou bem, muito tranquila, esperando com confiança.

17/12/79

A penúltima de 79. A observação trivial, como passa o tempo e outra observação muito sentida e desejada: que sejam as últimas festas passadas assim, uns aqui, outros lá, eu que sigo neste ritmo estranho, perambulando, tratando de não tropeçar demais, recordando neste Natal outros natais, alguns passados neste Montevidéu, nunca totalmente nosso, outros passados no calor sufocante de Santa Cruz e tantos outros. Fiquei louca com a visita da Cláudia, eu, muito ansiosa por tê-la esperado tanto e querendo saber um pouco de tudo, comunicação ágil pelo conhecimento mútuo, mas que já não satisfaz com tão pouco tempo. A necessidade da comunicação profunda está à flor da pele. (...)

1980

29/1/80

Hoje lhes escrevo bastante contente. Muitas coisas influíram para este estado de espírito. No dia 25 estive aqui o cônsul que me confirmou a chegada do papai a São Paulo. Estava muito tranqüilo e me disse que papai era uma pessoa muito equilibrada e medida. Chegou até mesmo a comentar-me coisas sobre o livro do papai. Ri muito e me tranquilizei um pouco, pois a verdade verdadeira é que foi difícil para mim superar este mês de janeiro, e estive bastante deprimida. E, como é lógico, emagreci, cansei-me física e psiquicamente como depois da operação, mas conhecendo-me, tratei de obrigar-me a continuar comendo, dormi bastante e depois encontrei o melhor remédio: comecei com o curso de Química Orgânica, projeto pendente desde um ano atrás. (...) Acho que é desnecessário dizer como e quanto gostaria de saber pelo papai como se sentiu e viveu estas três semanas que passaram. Talvez atualmente ele já esteja em Porto Alegre. Não imaginam como eu teria gostado de estar aí nestes momentos. Embora certamente vocês possam imaginá-lo muito bem. Tenho dois bons livros novos de gramática portuguesa, espero ter sorte neste estudo tão árido. Agenor me disse que são ideais para a preparação do vestibular. Uma coisa nova e boa que estamos vivendo aqui é que podemos

escutar ao meio-dia o noticiário da rádio Montecarlo. (72) Poderão imaginar o que é escutar rádio depois de sete anos e meio? Para mim sempre foi muito importante não perder a relação com o mundo, pois vou viver nele, embora não saiba quando nem onde. (...)

(72) Devido a uma visita ao Uruguai da Cruz Vermelha Internacional, durante quinze dias os presos puderam escutar esse noticiário, gravado e censurado previamente. No entanto, agora ele foi novamente suspenso, e os presos continuam sem nenhum contato com as notícias do mundo exterior, posto que não podem ler jornais, nem ouvir rádio, nem ver televisão.

12/2/80

Olá, amores! Como podem ver, mudei de domicílio ontem, pude conhecer outro lugar, outros rostos. Felizmente, muitos deles para mim muito queridos, e foi aquele reencontro, talvez de meses, talvez de anos, com muito carinho por ambas as partes. Só agora começo a acostumar-me neste novo **habitat**, distante apenas alguns metros do antigo, onde passei um ano e dois meses, deixando, lá também, amizades muito lindas. Veremos como se dá esta nova readaptação, acho que não vai ser difícil demais para mim, tenho os meus livros, meu estudo bem encaminhado e já muito caminho percorrido. Fiquei bem mais tranqüila depois da visita da Valéria e Andréa. Pelo menos o panorama ficou mais claro e agora começa uma nova etapa da vida da família. Como não recebo desde janeiro carta de vocês (73), não sei detalhes, somente que o papai, a mamãe e a Andréa ficariam morando em São Paulo e Cláudia e Jorge continuariam em Porto Alegre. E a notícia-bomba: a do casamento da Valéria! (...)

(72) As cartas da família não foram entregues a Flávia por terem sido censuradas, bem como muitas das cartas dela nunca chegaram às nossas mãos.

9/3/80

(...) Andréa, essa introvertida tão extrovertida da família, me diz algo que pensei e vivi milhares de vezes nestes anos - o medo da mudança sempre é tão grande que surge o ditado: mais vale o mal conhecido que o bem por conhecer - totalmente compreensível, embora após dizer isso, sempre reajamos positivamente e nos soltemos no mundo, o medo escondido no bolso, nos soltemos no

mundo com toda a fé e a esperança que sempre nos sustentaram. É bom poder dizer isso sem vergonha, significa que em todas as partes que nos coube viver conseguimos resgatar o bom, cativar amigos, obter carinho, apoio, tudo isso tão importante para sobreviver. A única coisa da qual não estou de acordo com mamãe é que a família volta a ser pequena. Quando estiver com vocês, em princípio, sim, seremos quatro em casa, mas por um tempinho apenas. Mamãe pode ir se preparando para ser vovó de um monte de crianças, e mãe para outra pessoa que não a tem. Vais ver que o fantasma da solidão não vai te acompanhar nunca. E Valéria, ainda que fique um pouco mais longe no espaço, será sempre nossa gata de olhos azuis, olhos tristes tão formosos que expressam o que sua boca às vezes não diz: a extrovertida introvertida da família. (...) Ontem estive o Cônsul, estava muito contente, achei-o muito bem, me contou coisas lindas de papai que me deixaram muito feliz. Posso assegurar que o meu estado de espírito que é bom, tem muito daquilo que Andréa expressou: futuro incerto, bastante atordoada e morta de medo. Vocês vão ver que, quando eu chegar aí, vai acontecer exatamente o que eu dizia brincando. Vão ter que me levar pela mão para todos os lugares, penso dar-me férias de “maturidade” e permitir-me por uma ou duas semanas uma regressão à etapa infantil. Isso quer dizer, chateá-los o dia inteiro, ficar sentada no colo de vocês, não fazer nada, ou seja, ser bem malcriada. Ainda não pude retomar o estudo do português, não porque não me sinta bem aqui, pelo contrário. É que tenho que fazer um grande esforço para bloquear a expectativa de situações que a qualquer momento se podem apresentar. Convivo com muita gente tão querida, teço a roupinha para a amiga da Cláudia, estou outra vez superalérgica, penso que cada espirro deve representar um desses pensamentos de liberdade que não deixo sobrevoar em minha pobre cabeça. Resumindo, muito contente com a visita do Cônsul Agenor. Estou bem, vivendo muita alegria, através de vocês. Beijo-os muito muito.

CARTA AO POVO BRASILEIRO

S.P. - 21/04/80

Querido povo brasileiro:

Hoje faz uma semana que fui libertada. Custou, mas chegou; foi difícil, mas vocês (o povo brasileiro) ganharam a luta, ganhamos.

Esta carta é muito especial: hoje estou sentada em minha casa; já passou tudo (passou?), deparo-me agora, reaprendendo a vida cotidiana, o diálogo, a espontaneidade, todas as pequenas coisas (assim como aprender a abrir uma porta e a tratar com naturalidade uma criança, tudo isso depois de 7 anos e meio), insegura em muitos aspectos, porém lutando para que o medo à liberdade nunca seja mais forte do que o amor a ela. O mais importante para afugentar os fantasmas do medo são vocês.

Uma pessoa nunca pára; todos os dias de sua vida se vai fazendo, nunca se chega. Não se pode nem se deve parar. Hoje, eu, que creio não ter parado, faço autocrítica de muitas coisas que fiz e disse. Penso que me livrei de esquematismos, (que somente aprisionam), de muito radicalismo (que faz a gente ser muitas vezes parcial, injusta). Aclarei uma dúvida que tinha: se existe ou não realmente a humildade. Hoje não duvido um instante: existe, mas não como um dom natural, mas sim como algo que se consegue no transcórre da vida, algo que se consegue na salvação constante da gente diante dos acontecimentos. Penso que a humildade é uma atitude frente à vida. Tem como base o respeito. Respeito pela vida e pela morte, respeito pela grandeza e insignificância do homem, respeito pela diversidade humana e a unidade humana essencial: todos somos e temos o direito de ser pessoas, pessoas livres, pessoas pensantes, pessoas totais.

Porque descobri a existência da atitude humilde ante a vida é que lhes deixo as minhas cartas com humildade.

São o “racconto” de momentos de tensão e de angústia, algumas são puro desabafo, outras são brincadeiras, outras, talvez, terapia, expressões de busca da minha identidade e justificação de vida nesta terra que nos foi dada viver. Isso sim: acho que são uma expressão mais da eterna luta do homem contra a morte, a morte física e psíquica.

Um “não!” à morte, à alienação, à fragmentação, à manipulação do homem pelo homem.

Acho que uma carta formal para lhes agradecer nunca vou conseguir escrever. Por isso digo somente: um beijão para todos.

Flávia

Durante meses a imprensa alternativa publicou o selo CBA:

**ELA É BRASILEIRA.
ESTÁ PRESA NOS CÁRCERES
URUGUAIOS DESDE 1972.**

O GOVERNO
BRASILEIRO E
CADA UM
DE NOS
É RESPONSÁVEL.



**LIBERDADE
PARA
FLÁVIA**

CBA Este anúncio será publicado por este jornal até o dia da libertação de Flávia

**HOJE FLÁVIA ESTÁ LIVRE GRAÇAS À
LUTA DO POVO BRASILEIRO.**

"Flávia: suas cartas chegaram ao nosso coração e transformaram todos brasileiros em sua família. Família orgulhosa por tê-la arancado da mesquinha prisão."

Joviniano Neto - CBA Bahia

*Passado &
Presente* **18**

global editora